



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS
DA INFORMAÇÃO**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

PEREGRINAÇÃO, DESCONEXÃO E TURISMO NO CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

Dissertação apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de Mestre em
Comunicação nas Organizações, orientada por Professora Doutora Ana Jorge.

Edna Gonçalves dos Santos - 22100138

2025

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARQUITETURA, ARTES E TECNOLOGIAS
DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO NAS ORGANIZAÇÕES

PEREGRINAÇÃO, DESCONEXÃO E TURISMO NO CAMINHO DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

VERSÃO FINAL

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 14/03/2025, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 158/2025 de 13/02/2025, com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Jorge Bruno da Costa Ventura
(Universidade Lusófona/Lisboa)

Arguente: Professora Doutora Margarida Maria Fernandes Henriques da Cunha Miranda da Franca (Instituto Politécnico de Leiria)

Orientadora: Professora Doutora Ana Margarida Ferreira Rato Jorge
(Universidade Lusófona/Lisboa)

Edna Gonçalves dos Santos - 22100138

2025

Quando se viaja em direção a um objetivo – disse Petrus - é muito importante prestar atenção no Caminho. O Caminho sempre nos ensina a melhor maneira de chegar e nos enriquece enquanto o estamos cruzando.

O Diário de um Mago, Paulo Coelho

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Jorge, por ter me acompanhado durante toda a jornada de desenvolvimento deste estudo, pela oportunidade de integrar o projeto “On & Off: atmosferas de des/conexão” e todo o aprendizado que foi possível graças a isso.

À minha mãe, Maria Imaculada, meu pai, Vicente dos Santos, e meus irmãos, Junio e Fabiano, que me são a base para o que sou hoje, e que apoiaram a minha decisão de mudar de país para cursar o Mestrado.

Aos amigos que ficaram no Brasil, que continuam a me apoiar mesmo estando distantes, e aos amigos que fiz em Portugal, muitos deles que, assim como eu, vieram de outros países, para cá viver. Vocês fizeram com que essa jornada fosse mais fácil e alegre.

A alguém que, há muitos anos, me indicou um livro que falava sobre um Caminho, que levava ao túmulo de um apóstolo, em um campo coberto de estrelas. Se não fosse aquele livro, talvez este trabalho não existisse.

Às pessoas que encontrei durante a peregrinação, que caminharam comigo por alguns ou muitos quilômetros, que partilharam um pouquinho de seu tempo para falar sobre a experiência e compartilharam suas histórias, sem as quais este trabalho não seria possível.

E por fim, agradeço a mim mesma. Pela coragem de seguir um sonho, por acreditar que sou capaz, mesmo quando as dificuldades da jornada se mostravam maiores do que eu pensava poder superar. E por chegar ao fim dessa etapa, que é apenas mais uma deste longo caminho que é a vida.

RESUMO

A peregrinação é uma prática amplamente conhecida, e realizada desde tempos imemoriais, como uma forma de manifestação religiosa e, mais recentemente, de busca por experiências de fundo espiritual, o que atrai indivíduos com diferentes objetivos e faz com que seja um fenómeno que extravasa o sentido religioso, adquirindo contornos pós-seculares. Em uma sociedade hiperconectada em que é difícil encontrar espaços onde a desconexão seja privilegiada no lugar da conexão, a peregrinação apresenta-se como uma alternativa às modalidades de turismo convencionais.

Este estudo teve enfoque na peregrinação a Santiago de Compostela, com uma abordagem etnográfica, com o objetivo de compreender com os peregrinos se relacionam com os media digitais e como a desconexão é percebida pelos peregrinos que decidem percorrer o Caminho, e em como usam os media digitais para realizar a peregrinação.

Através da observação online de publicações no Instagram, entrevistas com anfitriões de albergues destinados a peregrinos, observação participante e entrevistas informais com peregrinos enquanto estes realizavam a peregrinação, buscamos compreender como os media digitais estão presentes nesta prática. Os métodos utilizados possibilitaram a obtenção de um panorama amplo a respeito da relação dos peregrinos e anfitriões com os media digitais, e como os dilemas relacionados à conectividade são percebidos pelos participantes. Foi possível observar como a desconexão está presente, direta ou indiretamente, nas motivações para a peregrinação, como uma forma de fuga da rotina, contato com a natureza ou outras razões para um turismo offline. A observação nos alojamentos para peregrinos e as entrevistas com os anfitriões nos ofereceram pistas de como os espaços de acolhimentos estão preparados para receber os peregrinos, como o convívio entre os peregrinos pode ser facilitado e/ou incentivado, e como isso pode impactar a experiência da peregrinação.

ABSTRACT

Pilgrimage is a widely known practice, carried out from immemorial times as a kind of religious expression, and more recently as a search for spiritually grounded experiences, which has attracted individuals with diverse objectives, transforming pilgrimage into a phenomenon that transcends its religious origins to acquire post-secular characteristics. In a hyperconnected society where it is increasingly difficult to find spaces that prioritize disconnection over connection, pilgrimage emerges as an alternative to conventional forms of tourism.

This study focused on the pilgrimage to Santiago de Compostela, employing an ethnographic approach to understand how pilgrims interact with digital media and perceive disconnection during their journey, while also how they use digital media to facilitate the pilgrimage itself. By conducting online observations of Instagram posts, interviews with hostel hosts catering to pilgrims, participant observation, and informal interviews with pilgrims during their journey, we sought to explore the role of digital media within this practice.

The methods employed allowed for a comprehensive understanding of the relationship between pilgrims, hostel hosts, and digital media, as well as how connectivity-related dilemmas are perceived by the participants. The findings revealed how disconnection is directly or indirectly embedded in the motivations for undertaking the pilgrimage, whether as an escape from routine, an opportunity to connect with nature, or other reasons linked to offline tourism. Observations at pilgrim accommodations and interviews with hosts provided insights into how these spaces are prepared to welcome pilgrims, how social interaction among pilgrims can be facilitated or encouraged, and how these dynamics impact the overall pilgrimage experience.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
I PARTE – Enquadramento Teórico	13
Capítulo 1 – Peregrinação: Religião e Turismo	13
1.1 <i>Conceito de Peregrinação</i>	13
1.2 <i>Peregrinação pós-secular.....</i>	17
1.3 <i>Peregrinação e turismo</i>	19
Capítulo 2 – Desconexão e uso dos media digitais no contexto da peregrinação	22
2.1 <i>Conectividade e o uso dos media digitais.....</i>	22
2.2 <i>Desconexão.....</i>	26
2.2.1 <i>Desconexão e turismo de peregrinação</i>	28
II PARTE – Estudo empírico.....	30
Capítulo 3 – Métodos.....	30
3.1 <i>O Caminho de Santiago de Compostela.....</i>	30
3.1.1 <i>O Caminho Português Central</i>	34
3.2 <i>Questões de investigação.....</i>	34
3.2 <i>Metodologia de investigação</i>	35
3.3 <i>Conceptualização</i>	36
3.3.1 <i>Entrevistas aos hospitaleiros.....</i>	36
3.3.2 <i>Observação dos alojamentos.....</i>	39
3.3.3 <i>Observação participante.....</i>	40
3.3.4 <i>Observação online</i>	40
3.4 <i>Amostragem e implementação.....</i>	41
3.6 <i>Preparação e análise dos dados.....</i>	43
3.7 <i>Questões éticas</i>	44
Capítulo 4 – Análise dos resultados	45
4.1 <i>Entrevistas e observação dos alojamentos</i>	45
4.2 <i>Observação participante</i>	50
4.3 <i>Observação online</i>	56
4.3.1 <i>Análise do conteúdo das publicações</i>	56

4.3.2 Uso dos media digitais.....	66
Capítulo 5 – Conclusão.....	69
5.1 Limitações e pesquisa futura	72
BIBLIOGRAFIA	73
ANEXOS.....	I
Anexo 1 Guião de entrevista a anfitriões de alojamento.....	I
Anexo 2 Transcrição das entrevistas.....	V
Anexo 2.1 Entrevista Anfitrião 1	V
Anexo 2.2 Entrevista Anfitriã 2	XVIII
Anexo 2.3 Entrevista Anfitrião 3	XXVIII
Anexo 3 Grelha de Observação – Alojamentos.....	XLIX
Anexo 4 Consentimento Informado	L
Anexo 5 Compostela obtida ao final da peregrinação	LII

INDÍCE DE QUADROS

Quadro 1: Métodos de pesquisa utilizados por questão de investigação.....	36
Quadro 2: Guião de entrevista a hospitaleiros	39
Quadro 3: Grelha de observação - alojamentos	40
Quadro 4: Corpus de publicações de Instagram	42
Quadro 5: Temas para análise dos dados.....	44

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Detalhe da decoração da sala de jantar de um dos albergues.....	46
Figura 2: Jardim de um dos albergues visitados.....	47
Figura 3: Salão onde é oferecido o jantar diariamente em um dos albergues	48
Figura 4: Bota-fumeiro em funcionamento	54
Figura 5: Página da credencial do peregrino com carimbos recolhidos	55
Figura 6: Post sobre etapa, diário	57
Figura 7: Placa de sinalização do Caminho de Santiago	58
Figura 8: Peregrinos junto a símbolo do Caminho de Santiago	58
Figura 9: Publicação com a indicação da distância restante até Santiago de Compostela	59
Figura 10: Publicação com texto descrevendo uma etapa da peregrinação.....	60
Figura 11: Foto de encontro entre peregrinos de diferentes nacionalidades.....	61
Figura 12: Grupo de peregrinos partilhando uma refeição	61
Figura 13: Um grupo de pessoas com calçados semelhantes sobre símbolo de local	62
Figura 14: <i>Selfie</i> com vários peregrinos	62
Figura 15: Imagem de post em formato carrossel, com várias <i>selfies</i>	63
Figura 16: Imagem de post em formato carrossel, com várias <i>selfies</i>	64
Figura 17: Perfil de serviço de guia para o Caminho de Santiago.....	64
Figura 18: Post com avaliação de serviços	65
Figura 19: Imagem com detalhe de hospedagem	66
Figura 20: Imagem de aplicação que mede a distância percorrida	67
Figura 21: Publicação com imagem de mapa com a rota do caminho português.....	67
Figura 22: Placa com informações turísticas	68

INTRODUÇÃO

As peregrinações são um fenómeno antigo, tradicionalmente ligado à prática religiosa, e que perdura até os dias atuais. Locais considerados sagrados ao redor do mundo, ao longo do tempo, se transformaram no destino final da jornada de pessoas que percorriam grandes distâncias rumo a estes locais, por razões religiosas ou espirituais. Ainda hoje, milhões de pessoas percorrem rotas milenares rumo a locais sagrados, às vezes caminhando por muitos dias em ambientes distantes da realidade diária e da rotina acelerada do mundo atual. As peregrinações deixam de ser uma prática exclusivamente religiosa, dando espaço a outras motivações, como a busca pela espiritualidade, o contato com a natureza e a fuga da rotina, adquirindo contornos pós-seculares (Jorge, 2023; Nilsson, 2018). O Caminho de Santiago de Compostela, uma das rotas de peregrinações mais conhecidas mundialmente, é um exemplo de como a peregrinação pós-secular tem se tornado uma prática presente em espaços anteriormente associados à religião.

Na sociedade atual, onde a conectividade está presente em quase todos os momentos da vida das pessoas, a existência de espaços ou atividades em que a estar conectado não seja a norma é cada vez mais desafiador. Trabalho, estudos e lazer se misturam em dispositivos e plataformas multifuncionais que oferecem tudo o que for preciso ao alcance de um clique. Os media digitais se tornam ferramentas de sociabilidade e interação, e permitem estar presente “nas redes” 24 horas por dia. Em contraponto a esta hiperconectividade, surge a necessidade de encontrar espaços onde a conexão digital não seja o fator predominante para que as dinâmicas sociais possam ocorrer. Nesse sentido, a peregrinação pode se apresentar como uma alternativa, ao oferecer espaços onde as práticas sociais aconteçam fora dos ambientes digitais, assim como favorece a *communitas* (Turner & Turner, 2011 [1978]), no sentido em que a convivência entre os peregrinos estabelece um senso de comunidade em torno de objetivos e vivências em comum (durante a peregrinação), onde diferenças sociais são dissolvidas, ainda que momentaneamente.

As motivações para a realização deste estudo partem de um interesse pessoal pelo Caminho de Santiago de Compostela e pelos estudos dos media. Sendo cristã, as peregrinações a locais considerados sagrados para a religião católica sempre foram algo familiar e, dentre estes locais, a Catedral de Santiago, o Caminho e toda a mística envolvendo a peregrinação realizada rumo ao local onde acredita-se ter sido encontrado o túmulo do apóstolo Tiago chamava a atenção. Assim, fazer a peregrinação tornou-se, em algum momento, um objetivo a ser alcançando em algum momento. Ao mesmo tempo, os estudos relacionados aos media

digitais, em particular as pesquisas relacionadas às dinâmicas de redes sociais como Instagram, permeiam a minha trajetória acadêmica, como um tema transversal presente em vários momentos do meu percurso acadêmico. Desse modo, ao ter conhecimento do projeto “On & Off: atmosferas de des/conexão”, vi uma possibilidade de desenvolver um trabalho unindo duas áreas de interesse, e aprofundar meus conhecimentos sobre temas relacionados.

Nesse sentido, o desenvolvimento deste estudo mostrou-se com uma forma de aprendizado a respeito da peregrinação e suas novas manifestações, além de contribuir para a construção de conhecimento sobre relação dos media digitais com a peregrinação moderna. Desse modo, o objetivo deste estudo é entender de que forma a desconexão dos media digitais está associada à prática da peregrinação do ponto de vista dos alojamentos e do ponto de vista dos peregrinos. Para tanto, adotamos uma abordagem etnográfica, com a combinação de métodos de pesquisa como a observação participante, entrevistas e observação online, para identificar e compreender como o online e o offline se relacionam à peregrinação. Sendo assim, a pesquisa foi conduzida em duas fases: uma online, que consistiu na observação online das publicações relacionadas ao tema na rede social Instagram; e uma fase offline, constituída por entrevistas com anfitriões de alojamentos destinados a peregrinos no Caminho Português e a observação participante, com a realizada da peregrinação à Santiago de Compostela, em maio de 2023, onde foi possível acompanhar peregrinos durante a realização de suas peregrinações.

Também consideramos este tema relevante para perceber como esta modalidade de turismo tem potencial para representar um diferencial para os estabelecimentos turísticos localizados ao longo das rotas do Caminho de Santiago de Compostela. Buscamos perceber qual a relação dos anfitriões de alojamentos para peregrinos com o uso e/ou não uso dos media digitais, assim como observar como os estabelecimentos estão preparados para receber os peregrinos – instalações, acesso à Internet, incentivo ao convívio entre os hóspedes – e como isso pode influenciar a experiência de peregrinação.

Face ao exposto, os objetivos desse estudo são entender de que forma a desconexão dos media digitais está associada à prática da peregrinação do ponto de vista dos alojamentos e do ponto de vista dos peregrinos bem como compreender como os peregrinos se relacionam com os media digitais e a desconexão durante a prática da peregrinação. Além disso, também buscamos perceber como os locais de acolhimento aos peregrinos estão preparados para receber essas pessoas e se há alguma forma de incentivo à desconexão nestes espaços.

A estrutura da dissertação foi dividida em duas partes: o Enquadramento Teórico e o Estudo Empírico. A primeira parte é constituída por dois capítulos que abrangem uma revisão da literatura referente aos principais conceitos que serão relevantes para a investigação, relacionados à peregrinação, turismo, desconexão e uso dos media digitais. No Capítulo 1, abordaremos os conceitos de peregrinação, desde suas raízes históricas e tradicionalmente vinculadas à religião, passando à peregrinação pós-secular e à relação da peregrinação com o turismo. No Capítulo 2 apresentamos conceitos relacionados à desconexão e ao uso dos media digitais, com enfoque nas suas implicações em relação ao turismo e, consequentemente, à prática da peregrinação.

A segunda parte compreende a fase empírica do estudo, com a definição dos métodos de investigação e a análise dos resultados. No Capítulo 3 apresentamos os métodos utilizados, a partir da definição de objetivo e perguntas de investigação, assim como apresentamos a estrutura utilizada para a sua implementação de modo a alcançar os objetivos pretendidos. No Capítulo 4 desenvolvemos a análise dos resultados obtidos através dos diversos métodos utilizados durante o estudo de campo, com o intuito de responder às questões de investigação levantadas, para serem respondidas no último capítulo, que apresenta as conclusões do estudo.

I PARTE – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – Peregrinação: Religião e Turismo

Neste capítulo, apresentamos conceitos que serão relevantes para o estudo. Iniciaremos com a conceituação de peregrinação, desde o surgimento do fenómeno, aliado à tradição religiosa e presente desde tempos antigos nas principais religiões conhecidas. Apresentamos os conceitos de *communitas* e liminalidade, e abordamos também o conceito de peregrinação pós-secular, e como as formas contemporâneas desta prática social estabelece novas formas de se relacionar com espaços e práticas tradicionalmente ligadas à religião, mas inseridas na sociedade pós-secular. Por fim, analisamos a relação da peregrinação com o turismo, sobretudo o turismo religioso, e como esta forma de viagem tem se transformado ao longo do tempo.

1.1 Conceito de Peregrinação

As peregrinações são um fenómeno antigo, que pode ser observado em diversas culturas e religiões desde tempos remotos. Ao falarmos de peregrinação, o que muitas vezes nos vem à mente são as peregrinações religiosas, sobretudo das religiões tradicionais. Cristianismo, budismo, hinduísmo e judaísmo são algumas das religiões onde a peregrinação é uma prática tradicional. Contudo, alguns autores indicam que registos de peregrinações podem ser encontrados em diversos povos e civilizações antigas, onde estão relacionadas a locais de cultos pagãos e religiões antigas (Collins-Kreiner, 2010a; Mendes, 2009; Turner & Turner, 2011).

As peregrinações podem ter como destino locais considerados sagrados para uma determinada religião, como para uma cidade ou templo. Pode ser um santuário, um lugar que tenha sido palco de um acontecimento relevante, um local onde são mantidos objetos sagrados – como no caso das relíquias para os católicos – ou outro local de relevância nas tradições daquela religião. As peregrinações podem ainda estar associadas a percursos e caminhos pré-definidos e que tenham um significado para aquele grupo.

Anualmente, milhões de peregrinos percorrem grandes distâncias com destino a locais sagrados para sua religião. Os muçulmanos realizam o Hajj, que é a peregrinação a Meca, realizada anualmente em um período específico do calendário muçulmano. Os hindus visitam o rio Ganges, na Índia, onde existe a crença que banhar-se nas águas, consideradas sagradas, tem o poder de purificar e eximir de seus pecados os que realizam este ritual. Os cristãos católicos, por sua vez, dirigem-se a templos e lugares tradicionalmente sagrados, como

Jerusalém, Roma, Santiago de Compostela, Lourdes, na França, ou Fátima, em Portugal, entre tantos outros (Collins-Kreiner, 2010a).

O termo peregrinação vem do latim *per agros*, que pode se traduzido como “pelo campo”. O seu uso está relacionado com o fato de que os primeiros peregrinos tinham o costume “de cortar caminho pelos campos para evitar encontros indesejáveis com bandidos e saqueadores” (Mendes, 2009, p. 42). O termo peregrino, por sua vez, deriva do latim *peregrinus*, segundo Collins-Kreiner (2010a, p. 442), e possui um significado mais abrangente, que pode ser compreendido como um estrangeiro, um viajante e até mesmo um andarilho. O peregrino era considerado um estranho viajando por terras estrangeiras (Blom et al., 2008; Mendes, 2009), em lugares aos quais não pertencia e onde não permaneceria por muito tempo, uma vez que tinha como destino final um lugar por ele considerado sagrado, e depois de alcançá-lo, faria o caminho de volta a seu local de origem.

As primeiras peregrinações cristãs podem ser observadas a partir do reconhecimento do cristianismo pelo imperador romano Constantino no ano de 313. Num primeiro momento eram jornadas rumo a Jerusalém (a Terra Santa) e a Roma, onde os peregrinos poderiam venerar os túmulos dos apóstolos São Pedro e São Paulo (Liutikas, 2020; Mendes, 2009). De acordo com Liutikas (2020), Roma se tornou o principal destino de peregrinação cristã no século VII, quando os árabes dominaram a Terra Santa, o que tornou a peregrinação àquele sítio uma jornada ainda mais arriscada. Aos poucos outros locais considerados sagrados para os cristãos foram se tornando destinos de peregrinação por toda a Europa medieval. Enquanto alguns locais de peregrinação tinham importância local ou regional (Blom et al., 2008; Liutikas, 2020), outros destinos, como Roma e Santiago de Compostela, foram, com o decorrer do tempo, ganhando relevância, fazendo com que se tornassem os principais destinos dos peregrinos cristãos da Idade Média.

Os antropólogos Turner e Turner (2011 [1978]) propõem que as peregrinações podem ser divididas em quatro tipos principais: prototípicas, arcaicas, medievais e modernas. As peregrinações prototípicas são fundamentadas em uma religião histórica, tendo muitas vezes como objetivo antigos locais considerados sagrados e representativos para a religião, tal como Roma ou Jerusalém. As peregrinações arcaicas, por sua vez, estão relacionadas a locais de peregrinação que são caracterizados pelo sincretismo, por terem sido originalmente locais de cultos antigos que foram apropriados de alguma forma pelas religiões tradicionais, mas ainda apresentam traços e símbolos dos cultos antigos. As peregrinações medievais estão entre as

mais conhecidas e, como a denominação indica, surgiram na Idade Média, na Europa, entre o século VI e o século XII d.C., sendo as peregrinações a Roma e a Santiago de Compostela talvez as mais conhecidas deste período. Por fim, Turner e Turner (2011 [1978]) denominam como peregrinações modernas aquelas que surgiram após o período medieval e que têm como características o seu forte caráter devocional, bem como pela intensa piedade pessoal dos adeptos à peregrinação.

A peregrinação cristã, ainda segundo Turner e Turner (2011[1978]), possui características ritualísticas, adquirindo aspectos análogos aos ritos de passagem das sociedades tribais. Isso lhe confere também uma qualidade iniciática, ou seja, o peregrino, ao sair em peregrinação, entra em um estado de existência diferente daquele em que estava anteriormente. E, ao concluir a peregrinação, superando as provações e desafios da jornada, retorna ao seu local de origem em um estado diferente e evoluído espiritualmente. Para os autores, isso se assemelha ao conceito de *liminalidade*, no sentido de que é uma condição transitória, liminar, em que o peregrino sai de sua casa rumo a um lugar distante, fora de sua vida quotidiana, de seus conhecidos e sua família.

Ao mesmo tempo, a peregrinação pode proporcionar experiências que facilitem a socialização com outros indivíduos que estejam realizando a mesma jornada. Nesse sentido a formação de grupos com objetivos específicos e reconhecimento mútuo torna-se, em alguma medida, natural, assim como a criação de laços entre os peregrinos, estabelecendo um sentido de *communitas* (Collins-Kreiner, 2010a; Shilo & Collins-Kreiner, 2022; Turner & Turner, 2011[1978]). A experiência em grupo cria um sentido de unidade e de pertencimento, ainda que transitório e presente apenas durante a peregrinação.

Segundo com Turner e Turner (2011[1978]), a *communitas* se contrapõe à estrutura social convencional, ao dissolver, ainda que temporariamente, as diferenças sociais existentes no dia-a-dia, permitindo uma vivência de solidariedade entre os peregrinos. Desse modo, os encontros que acontecem durante a prática da peregrinação “criam novas situações sociais, nas quais todos os peregrinos são temporariamente iguais, tendo se reunido com o propósito de uma jornada sagrada (Collins-Kreiner, 2010a, p. 449).” Para Shilo e Collins-Kreinner (2022, p. 4), a *communitas* também envolve um “senso de compartilhamento e intimidade que se desenvolve entre pessoas que, juntas, vivenciam a liminalidade”.

Enquanto a ideia de movimento é intrínseca à peregrinação, um vez que o ato de peregrinar implica em se deslocar até um determinado local sagrado, o destino da peregrinação é predominantemente fixo e parte essencial para o fenómeno (Margry, 2008). O segundo é primordial para a realização do primeiro, embora o foco possa ser deslocado de um para outro. De acordo com Margry (2008), na peregrinação cristã o local de destino tradicionalmente tem uma relevância maior do que a jornada até chegar lá. Uma exceção é o caso das Jornadas Mundiais da Juventude, onde o próprio evento é o destino final da peregrinação, uma vez que cada edição é realizada em uma localidade diferente.

As peregrinações podem ser realizadas utilizando diversos tipos de transporte, se considerarmos que o seu objetivo principal é o local de destino. Mas há determinados locais de peregrinação em que o meio utilizado para realizar a viagem é quase tão relevante quanto o destino e tem influência direta na percepção da peregrinação. Um exemplo icônico é precisamente a peregrinação a Santiago de Compostela, onde o meio utilizado para o percorrer é tão representativo quanto a chegada ao destino final (Liutikas, 2020; Margry, 2008). A viagem em si, realizada preferencialmente a pé ou de bicicleta, faz parte do ritual da peregrinação, dando um significado distinto daquele que teria se realizada com a utilização de outros meios de transporte. O carácter desafiador da peregrinação a pé e as dificuldades que precisam ser superadas neste tipo de jornada, são elementos que a tornam ainda mais significativa e mais próximas de uma experiência liminal, conforme descrita por Turner e Turner (2011[1978]).

A peregrinação, como já foi dito anteriormente, é um dos fenómenos religiosos mais reconhecidos mundialmente, principalmente quando falamos das peregrinações ligadas às religiões tradicionais, que se destinam a inúmeros santuários que são visitados por milhões de pessoas todos os anos e rotas de peregrinação que são percorridas por peregrinos há vários séculos. Embora pese o fator religioso, a peregrinação também pode ser entendida como um fenómeno cultural. Mesmo nas peregrinações religiosas, a motivação sagrada não é exclusiva, existindo outras razões para fazê-la, como motivos espirituais, culturais ou até mesmo o desejo de aproveitar o período de férias para realizar uma viagem (Egan, 2010; Liutikas, 2015; Nilsson, 2016, 2018).

Embora seja facto que a peregrinação surgiu como um fenómeno ligado à religiosidade, é importante destacar que, na atualidade, nem todas as pessoas que decidem realizar uma peregrinação o fazem por motivos religiosos ou, de acordo com Santos (2020, p. 36), “por uma busca pelo sobrenatural”. Liutikas (2020) também afirma que o termo peregrinação perdeu seu

sentido estritamente religioso, e passa a ser utilizado como um conceito secular. O debate em torno da peregrinação engloba novos aspectos que ultrapassam o sentido religioso e desperta o interesse de diversas áreas de estudo, como antropologia, geografia e ciências sociais. Essa nova perspectiva abrange também locais e motivos de peregrinação voltados para a secularidade, como o movimento *New Age* a partir das décadas de 1970 e 1980 (Mendes, 2009).

Collins-Kreiner (2019, p. 8) sustenta que a “peregrinação deve ser definida de forma holística, de maneira que englobe tanto a peregrinação religiosa tradicional quanto as jornadas seculares modernas”. Apesar disso, a autora ressalta o facto de que ainda há pouca pesquisa sobre peregrinação que aborde conceitos holísticos. Os estudos, em sua maioria, abordam peregrinação, turismo e religião de forma separada. Isso resulta em lacunas entre a percepção das diferenças e semelhanças entre peregrinação e turismo, tanto no aspecto religioso, mais afeto à peregrinação quanto no aspecto turístico da peregrinação (Collins-Kreiner, 2019; Timothy & Olsen, 2006).

1.2 Peregrinação pós-secular

A peregrinação é uma prática que pode ser observada desde tempos remotos, sendo um elemento presente em várias religiões ao redor do mundo. Com o decorrer do tempo, contudo, a peregrinação deixou de ser uma prática vinculada apenas à religião, atraindo indivíduos interessados na prática da peregrinação por motivos distintos dos estritamente religiosos. Seja por não serem seguidores de uma religião específica, seja porque o aspecto religioso não seria o fator mais relevante para realizarem a jornada, esse movimento fez com que a peregrinação incorporasse características do turismo secular (Collins-Kreiner, 2010b; Nilsson, 2018). Locais tradicionalmente sagrados passaram então a receber um novo tipo de peregrino, instigado não mais – ou não somente – pelo significado religioso, mas por razões individuais, que podem ser o desejo de realizar uma experiência espiritual, realização pessoal, a busca por um tempo pra si, ou ainda para fugir da rotina (Blom et al., 2008; Collins-Kreiner, 2010b; Nilsson, 2018).

Numa sociedade secularizada, a busca por experiências de transcendência, autodescoberta ou conexão espiritual torna-se um fator diferencial. Neste contexto, o pós-secular destaca-se como uma forma de evidenciar o retorno da religião à esfera pública. Ao mesmo tempo em que “as formas de crença religiosa e espiritualidade evoluem” (Nilsson, 2018, p. 22), também pode ser observada uma mudança na prática da peregrinação e no perfil dos peregrinos que empreendem suas jornadas a locais de peregrinação.

O ressurgimento do interesse pela espiritualidade e pela religião é apresentado de uma nova forma, com a expressão da religiosidade de uma forma individualista. Nilsson e Tesfahuney (2018, p. 161) destacam que o pós-secular representa o “retorno da religião para o mundo contemporâneo”. Os autores apresentam duas possibilidades para explicar a religiosidade na era pós-secular. A primeira possibilidade é a ruptura, ou seja, romper com o secular, dando lugar a uma nova forma de pensar a sociedade. A segunda diz respeito à individualização da fé e aqui, ao contrário da primeira, a religiosidade estaria mais associada à maneira como os indivíduos se relacionam com a sua fé e espiritualidade do que com as práticas religiosas tradicionais.

Blom e colegas (2016) destacam que a diferença entre a sociedade secular e a pós-secular está relacionada com a forma como a religião se faz presente na esfera pública. Os autores ressaltam que o pós-secular marca uma mudança na relação entre a esfera religiosa e a esfera política. Já Habermas (2006) discorre sobre uma nova posição da religiosidade na sociedade. Para o autor, a dimensão religiosa nunca desapareceu definitivamente da esfera pública. De certo modo, a religião nunca deixou de exercer influência na sociedade, mesmo quando se trata da sociedade secular (Blom et al., 2016; Habermas, 2006). O que sucede é que as novas manifestações de religiosidade estão mais relacionadas a formas individualizadas de expressão e à espiritualidade do que às formas tradicionais de crença e religião.

A religiosidade contemporânea pode assim ser caracterizada como uma espiritualidade individualista, pois uma pessoa tira o que acredita ser mais benéfico de uma série de tradições religiosas e espirituais existentes. Em outras palavras, a religião não desapareceu; foi simplesmente retrabalhada e hibridizada, como parte de uma espiritualidade individualista e orientada para o consumo (Nilsson, 2018, p. 24)

Nilsson e Tesfahuney (2018) destacam o papel da religiosidade na sociedade pós-secular, caracterizada por se distanciar das formas tradicionais de religião, dando um novo significado à prática religiosa. A religiosidade passa a ser uma prática individualizada, de caráter não confessional e com a ressignificação da fé (Nilsson, 2016; Nilsson & Tesfahuney, 2018). Além disso, “o pós-secular designa uma condição onde a influência da religião é mais palpável nas diferentes esferas da sociedade (Nilsson & Tesfahuney, 2018, p. 162)”. As novas formas de peregrinação, representadas pelos viajantes pós-seculares, apresentam uma nova forma de se relacionar com os locais sagrados, atribuindo-lhes novos significados, em contraste com o significado inicialmente estabelecido pela religião tradicional (Blom et al., 2016; Nilsson, 2018).

O Caminho de Santiago de Compostela é um percurso de peregrinação em que fica evidente a mudança dos motivos que levam um indivíduo – ou grupo – a realizar uma peregrinação (Lois-González & Santos, 2015) ao longo do tempo. Apensar de ser um destino de peregrinação tradicionalmente ligado à tradição católica, a peregrinação hoje é realizada por indivíduos que tem motivações que vão além do prática cristã, e atrai peregrinos das mais diversas denominações religiosas, e também peregrinos que não se denominam seguidores de nenhuma religião específica, e buscam uma experiência espiritual com a jornada (Blom et al., 2008, 2016; Lois-González & Santos, 2015).

1.3 Peregrinação e turismo

Os estudos de peregrinação remontam à década de 1960, com enfoque inicial no desenvolvimento de teorias e a categorização do fenómeno (Scriven, 2020). A partir da década de 1990 as pesquisas sobre peregrinação passam por um período de crescimento, trazendo novas abordagens, diferentes das pesquisas anteriores que tinham foco maior na antropologia e na sociologia e enfatizavam principalmente o fator religioso da peregrinação. Além disso, a discussão em torno do que é turismo e o que é peregrinação integra os debates entre religião e turismo, intensificados nos anos 1990 (Collins-Kreiner, 2018, 2019).

Para Margry (2008), a distinção da peregrinação religiosa da peregrinação secular depende de uma série de fatores, como comportamento dos visitantes, dos costumes e interesses locais e aspectos socioculturais. Contudo, o autor afirma que é difícil identificar as diferenças entre a peregrinação religiosa e a secular, uma vez que mesmo as peregrinações aparentemente destituídas de sentido religioso podem ter um significado “sagrado” para aqueles que as realizam.

Locais contemporâneos de peregrinação, como túmulos de personalidades famosas ou locais memoriais, como é o caso de Graceland, em Memphis (a casa onde Elvis Presley viveu) ou o túmulo do cantor Jim Morrison, em Paris, são exemplos de locais de uma nova forma de peregrinação (Blom et al., 2008; Collins-Kreiner, 2010b, 2018; Margry, 2008), que tem sido estudada pelo campo dos estudos dos fãs. Outros exemplos recentes desse tipo de peregrinação, é a Livraria Lello, pela sua ligação à autora de Harry Potter, J. K. Rowling, e as visitas aos locais que foram utilizados como cenário para séries de TV, como *Game of Thrones* e, mais recentemente, *House of the Dragon*, como Sevilha, na Espanha, Dubrovnik, na Croácia e a aldeia de Monsanto, em Portugal.

De acordo com Sharpley (2009), a peregrinação é considerada uma forma organizada e institucionalizada de viagem, e pode ser percebida como uma das primeiras modalidades de turismo. A busca por uma experiência sagrada atrai os mais divergentes tipos de pessoas aos locais sagrados desde tempos remotos até os dias atuais. Shilo e Collins-Kreiner (2022) colocam a peregrinação como um dos mais antigos seguimentos do turismo, e que ainda hoje é responsável por uma parcela importante do mercado turístico. Para Margry (2008), além da razão principal da peregrinação, tradicionalmente de cariz religioso, os peregrinos podem ter motivos secundários para realizar a jornada a determinado sítio, entre eles, destacamos o componente turístico.

Turner e Turner (2011[1978], p. 20) afirmam que o “turista é meio peregrino, se um peregrino é meio turista”. Segundo os autores, o peregrino, por um lado, ao retornar de sua jornada, torna-se algo mais próximo de um turista, que agora viaja sem o peso dos seus pecados, podendo assim aproveitar a viagem de retorno a casa. Por outro lado, o turista que viaja em suas férias, para um destino turístico, também busca de alguma forma um senso de *communitas*, ainda que de uma forma simbólica. Nilsson e Tesfahuney (2018, p. 163), por sua vez, consideram que “o turista é aquele que procura significado fora da modernidade e que procura experiências originais”. Nesse sentido, o turismo pode ser considerado uma forma moderna de peregrinação (Blom et al., 2016). Sharpley (2009, p. 240), por sua vez, considera o turismo uma forma “moderna e secular” de peregrinação.

Smith (1992) propõe a existência de uma interligação entre a peregrinação e o turismo, em que a diferença entre um e outro está, de acordo com a autora, na motivação religiosa e em sua intensidade. Desse modo, podemos ressaltar dois aspectos distintos e a princípio opostos: de um lado, a peregrinação movida fundamentalmente pela fé, numa jornada com motivos religiosos; e do outro, o turista secular, ou seja, aquele que realiza uma viagem como forma de satisfação pessoal. Para a autora, o peregrino pode ser um turista, mas o turista é apenas um turista. Entre esses dois aspectos, podem ser verificadas diversas combinações em que as características religiosas e seculares estejam mais ou menos evidentes. Um exemplo é o turista religioso, que seria aquele que tem como destino locais com significado religioso, como templos ou locais considerados sagrados, mas não necessariamente com uma experiência de peregrinação (Sharpley, 2009; Smith, 1992).

Blom e colegas (2008) classificam a peregrinação como um segmento dentro do turismo, um nicho que atrai anualmente um número considerável de pessoas que buscam uma

experiência diferenciada ou que torne a viagem especial e única. As razões para a peregrinação ainda estão ligadas àquelas que têm motivado os peregrinos ao longo do tempo, como a busca pelo sagrado e a um desejo de satisfação pessoal e não apenas material.

Para além dos motivos mais estritamente religiosos, muitas pessoas sentem também uma grande necessidade de ter uma oportunidade, no seu tempo livre, de uma forma de lazer centrada na purificação mental e no anseio por experiências diametralmente opostas às do quotidiano. (Blom et al., 2008, p. 65).

A diferenciação entre turismo e peregrinação nem sempre é perceptível em locais religiosos, tais como templos, igrejas, santuários e outros espaços religiosos relevantes (Sharpley, 2009). Nestes locais, o turista, seja ele religioso ou secular, se mistura com o peregrino, já que, embora a jornada até chegar ao destino seja estruturalmente diferente, o destino final carrega um simbolismo parecido. A diferença entre ambos, neste caso, está na jornada. Locais religiosos podem cumprir funções que extrapolam o significado religioso, como é o caso das grandes catedrais que são exemplos de estilos arquitetónicos, com destaque para aquelas localizadas em cidades turísticas. Notre-Dame e Sacre Coeur em Paris, a Basílica da Sagrada Família em Barcelona, a Basílica de Santa Sofia e a Mesquita Azul em Istambul são locais que ultrapassaram o seu sentido religioso, e tornaram-se pontos turísticos icónicos para aqueles que visitam essas cidades por motivos diversos.

Além do sentido religioso, muitos destinos turísticos que são ligados à religião são visitados por terem se tornado património cultural, por terem relevância arquitetónica ou fazerem parte de roteiros turísticos (Sharpley, 2009). São locais que atraem uma grande variedade de visitantes, que possuem motivações e expectativas múltiplas e distintas (Blom et al., 2008). De acordo com Nilsson & Tesfahuney (2018, p. 165), o aumento do interesse por assuntos religiosos está refletido no “ressurgimento das viagens turísticas a locais sagrados”. Considerando que estes locais são originalmente espaços de culto religioso, é natural que a experiência religiosa esteja entre os principais propósitos dos viajantes, mas não se restringido apenas a ela.

Capítulo 2 – Desconexão e uso dos media digitais no contexto da peregrinação

Neste capítulo abordamos os temas relacionamos ao uso e/ou não uso dos media móveis no contexto do turismo, especialmente tratando-se da peregrinação. Para isso, analisamos como o uso das tecnologias digitais e a conectividade estão presente na sociedade contemporânea. Em seguida, apresentamos o conceito de desconexão, e o relacionamos com o tema do turismo, buscando compreender como pode se tornar uma alternativa a uma sociedade hiperconectada.

2.1 Conectividade e o uso dos media digitais

Os meios de comunicação digitais estão presentes em todos os momentos do dia a dia de grande parte da sociedade. Nesse sentido, “compreender os novos meios de comunicação que emergem da vasta gama de tecnologias de comunicação inovadoras raramente é algo claro ou simples” (Wei, 2013, p. 51). Em muitos casos, torna-se difícil distinguir o que é algo completamente novo daquilo que é a evolução de uma tecnologia já existente. Nesse sentido, o desenvolvimento de dispositivos portáteis com tecnologia que possibilite o acesso a plataformas de media, assim como o crescimento das redes sociais, foi, aos poucos, transformando a forma como a comunicação entre os indivíduos é estabelecida (Wei, 2013).

A popularização dos *smartphones*, os telemóveis inteligentes, e a constante melhoria das redes de Internet móvel, sobretudo a partir da década de 2010 trouxeram consigo a possibilidade de conexão permanente, 24 horas por dia durante os 7 dias da semana, e o acesso a inúmeras oportunidades de utilização (Magasic & Gretzel, 2020; Wei, 2013). Além disso, “a portabilidade dos telemóveis permite a copresença conectada em qualquer lugar e qualquer hora” (Wei, 2013, p. 52), o que faz com que os indivíduos estejam o tempo todo conectados, com uma percepção de proximidade uns dos outros, mesmo sem a presença física (Wei, 2013).

Os telemóveis deixaram, aos poucos, de ter como função principal efetuar ligações telefónicas, e passam a concentrar funcionalidades para as quais anteriormente seriam necessários vários dispositivos distintos. Tirar fotografias, gravar vídeos e áudios torna-se algo simples, ao alcance das mãos e em um único dispositivo. Já não é imprescindível utilizar um relógio de pulso para ver as horas, mapas ou guias de viagem em papel para se localizar em sítios desconhecidos, comprar jornais ou revistas para ler as últimas notícias, ou mesmo utilizar o aparelho de televisão para assistir a um filme ou série. São infinitas possibilidades de uso, com um número cada vez maior de aplicações que fazem com que os telemóveis se tornem verdadeiras plataformas de media (Wei, 2013).

Ao mesmo tempo, com o avanço das tecnologias móveis, novos dispositivos passam a fazer parte da rotina diária, aumentando cada vez mais o tempo que os indivíduos permanecem conectados e com dispositivos interconectados entre si. Podem ser criações inovadoras, como no caso dos *tablets*, dos leitores de livros digitais e dos drones (para fotografia), ou aprimoramento de tecnologias já existentes, como os *smartwatches*, os relógios inteligentes, e as câmaras de ação, muito utilizadas pelos viajantes. Um relógio, por exemplo, não será mais apenas um aparelho que nos mostra as horas, mas um dispositivo que se conecta ao *smartphone*, com uma série de funções que vão desde mostrar as horas, visualizar mensagens recebidas, atender ligações, medir a distância percorrida diariamente, as calorias gastas com atividades físicas (também monitoradas), e monitorar índices de saúde, como batimentos cardíacos e até mesmo o nível de oxigénio no sangue, entre muitas outras funcionalidades, a depender da vontade do usuário e da tecnologia disponível para o aparelho utilizado.

Em uma sociedade onde as pessoas estão cada vez mais conectadas à Internet, o tempo passado online torna-se parte importante da vida quotidiana. Estar ligado às redes sociais, aplicativos e plataformas digitais vem se tornando, a cada dia, algo trivial e naturalmente inserido na vida diária (Figueiras et al., 2023). Além das redes sociais, que transformaram o modo como as pessoas se relacionam e interagem entre si, a conectividade pode estar presente em todos os momentos da vida, desde aplicações e dispositivos que monitoram o sono enquanto dormimos, monitoram os dados de saúde, a alimentação, os exercícios, a vida financeira e as relações sociais. Para cada instante do dia, é possível, atualmente, encontrar alguma situação em que estar conectado seja possível ou até mesmo necessário.

A ideia de conectividade, segundo Angelopulo (2014, p. 209), é algo recente, tendo surgido pela primeira vez em 1983 e tem uma relação estreita com as teorias da comunicação, e de grande importância a partir do advento da comunicação digital. De acordo com Magasic e Gretzel (2020, p. 3), “a conectividade é a capacidade de uma entidade interagir com outras entidades através de uma rede”. É um conceito que pode ser aplicado em diversos campos, mas que encontra grande relevância nos dias atuais, onde estar conectado, através da Internet, é algo cada vez mais presente (Angelopulo, 2014; Magasic & Gretzel, 2020).

Figueiras e colegas, por sua vez, destacam o fato de que as “sociedades modernas” (2023, p. 172), caracterizadas pela forte presença dos media digitais, são cada vez mais dependentes da conectividade já que muitas estruturas passam a estar vinculadas às tecnologias digitais para o seu próprio funcionamento. Portanto, pode-se observar que, à medida em que as

tecnologias evoluem e são criadas novas possibilidades de utilização de meios digitais, a conectividade, a necessidade de estar sempre ligado à rede, torna-se um ativo fundamental para a vida quotidiana (Figueiras et al., 2023; Magasic & Gretzel, 2020).

Contudo, na mesma medida em que os media se tornam indispensáveis para a vida moderna, também geram sentimentos negativos, sobretudo pelo fato de diminuírem a separação das diversas esferas da vida (trabalho, estudo, lazer) bem como enfraquecer as fronteiras entre o público e o privado, pessoal. Os autores apontam que “na era digital, a conectividade está, assim, associada a experiências paradoxais de libertação e aprisionamento” (Figueiras et al., 2023, p. 172).

Os media digitais desempenham um papel fundamental na vida contemporânea, exercendo influência no modo como as pessoas se informam, se entretêm, trabalham e interagem socialmente no dia a dia. Diferentemente dos media tradicionais, os media digitais permitem que os usuários interajam ativamente com o conteúdo, saindo da posição de consumidores, passando a sujeitos participantes da criação de conteúdo (Wei, 2013), transformando a forma como os media são consumidos.

A interação é uma característica relevante quando se trata de meios de comunicação digital, em especial quando se trata de media móveis. O usuário, enquanto consome, é produtor do conteúdo compartilhado e a sua relevância é definida pelo engajamento de outros usuários com suas publicações. Muitas vezes informações a respeito de acontecimentos importantes são disseminadas em plataformas como o X ou o TikTok antes de chegarem às plataformas de notícias tradicionais.

O turismo é uma das áreas em que esta multiplicação de possibilidades dos meios móveis e digitais se dá a ver com bastante intensidade. O acesso ilimitado à informação possibilitado pela expansão da Internet (Jansson, 2018) e a criação de soluções tecnológicas (Dickinson et al., 2016) influenciaram o funcionamento da indústria turística. A busca por experiências autênticas, presente nas novas formas de turismo, ganha diferentes perspectivas com a influência nas tecnologias digitais de comunicação (Dickinson et al., 2016; Jansson, 2018). As facilidades proporcionadas pelo conjunto de tecnologias disponíveis transformaram a dinâmica do turismo, uma vez que a conectividade surge como um fator diferencial, à medida em que permite o compartilhamento de experiências e informações, e modifica a forma como os turistas se relacionam com prática turística.

O pós-turismo destaca assim que a maioria das formas de viagens de lazer começa “em casa”, e o pós-turista é alguém que reflexivamente participa nesta fantasmagoria mediada e se torna um especialista em brincar com os códigos e gêneros do turismo (Jansson, 2018, p. 102).

Quando se trata do turismo, os media digitais desempenham um papel fundamental para os viajantes. É possível encontrar, com alguma pesquisa, informações úteis para todas as etapas das viagens, desde a escolha do tipo de viagem, informações sobre os destinos que serão visitados, comprar passagens, reservar hotéis e atividades, comparar preços entre agências de viagens, consultar como estará o clima, a lista de possibilidades é quase infinita. Desse modo os dispositivos móveis têm se tornado cada vez mais importantes para a experiência turística, com o surgimento de soluções para questões práticas relacionadas às viagens, enriquecendo, assim, a experiência turística (Chen et al., 2021; Dickinson et al., 2016; Jansson, 2018).

Outro fator relevante quando se trata especificamente das redes sociais é a facilidade de partilha. Os turistas podem partilhar informações sobre as viagens em tempo real, enquanto viajam, publicando desde informações sobre os locais que estiverem a visitar, mas também fotografias, vídeos e reflexões sobre os momentos vivenciados (Chen et al., 2021; Jansson, 2018). Jansson (2018) aponta que esse compartilhamento em tempo real estabelece um tipo de espetáculo contínuo que influencia tanto as expectativas quanto as práticas turísticas.

A mediatização do turismo cria novas modalidades de engajamento e envolvimento, tornando a separação entre o real e o simulado cada vez mais difícil de distinguir (Jansson, 2018). Em certa medida, as redes sociais transformam os turistas em produtores de conteúdo, ampliando o conceito de turismo para além da simples visita a lugares físicos, para englobar também o consumo e a produção de representações digitais desses locais.

Wringht-Ríos e Martínez-Don (2024) analisam como a prática da peregrinação está presente nas redes sociais, e como o uso de plataformas como Facebook, Instagram e Youtube facilitam a criação de comunidades em torno de objetivos e crenças em comum. De acordo com os autores, a relação dos medias sociais com a “peregrinação oferece novos espaços de sociabilidade, comunidade de apoio e oportunidades expressivas, que podem catalisar mudanças drásticas ao longo do tempo” (Wright-Ríos & Martínez-Don, 2024, p. 3). No caso do Instagram, há ainda um componente extra, uma vez que a formatação da plataforma permite, além dos perfis pessoais que oferecem um espaço que funciona como uma comunidade, através da comunicação com os seguidores, há também a presença de páginas que são orientadas para

o uso comercial, como uma forma de promover serviços voltados para determinado público. Quando essas páginas são voltadas para serviços de turismo, com as páginas dedicadas à serviços para peregrinos, elas se tornam relevantes para entender como a promoção do turismo religioso está presente nas redes sociais.

2.2 Desconexão

Em contrapartida à hiperconectividade, a desconexão representa uma forma de ter, em alguma medida, controle sobre o tempo passado online, tornando-se uma alternativa a essa conexão quase permanente. A desconexão pode estar relacionada não apenas ao tempo em que uma pessoa decide se desligar, mas também ao modo como o tempo passado online é utilizado. Considerando que, em muitos casos, desligar-se completamente é algo impossível, a escolha de se desconectar de determinados serviços ou dispositivos também é uma forma de ter o controle sobre como o indivíduo se relaciona com a ideia de uma vida hiperconectada (Jorge, 2019; Kaun & Treré, 2020; Light & Cassidy, 2014; Treré et al., 2020).

A pandemia da Covid-19, que teve início em 2020, fez com que atividades diárias, que até então eram tidas como atividades off-line para grande parte da sociedade, passassem a ser, compulsoriamente, realizadas de forma on-line, dado o impedimento da circulação de pessoas, a fim de conter a disseminação do vírus. Trabalho, estudos e lazer passaram a fazer, em um curto espaço de tempo, parte do ambiente on-line para muitas pessoas, fazendo com que a conexão à Internet se tornasse uma necessidade básica (Treré et al., 2020).

Isso contribuiu também para que o tempo que as pessoas passavam on-line tivesse um salto quantitativo, uma vez que estar conectado passou a ser parte de quase todos os momentos da vida. “Na era digital, as rotinas quotidianas estão profundamente interligadas com os meios móveis utilizados para uma grande variedade de atividades durante o tempo livre, o trabalho, as deslocações ou a prossecução de outras rotinas”, notam Figueiras e colegas (2023, p. 176). Como assinalam Treré e colegas, “a crescente disponibilidade de acesso rápido e barato à Internet através de dispositivos móveis tornou a ligação constante às redes sociais e aos recursos baseados na Internet uma experiência quotidiana para grandes massas de pessoas em todo o mundo” (2020, p. 606).

Karppi (2011) afirma que a desconexão envolve elementos que vão além dos atores humanos. A desconexão pode ser uma condição imposta em localidades onde a conexão a Internet é inacessível, seja por deficiências na estrutura das redes, ou mesmo ambiente criadas para não terem, propositalmente, conexão à Internet (Karppi, 2011; Light et al., 2018).

Para Treré e colegas (2020), existem dois limites considerados cruciais quando se trata de desconexão no contexto da sociedade contemporânea. O primeiro, ao qual os autores denominam “universalismo da desconexão” (p. 607), aborda a desconexão como algo que privilegia determinados segmentos da sociedade em detrimento de outra. Dessa forma, a desconexão tal como é conceituada é acessível a apenas uma determinada parcela da população, composta sobretudo por pessoas com elevado nível de instrução e poder aquisitivo, e que vivem no Ocidente ou Norte Global.

Esse pensamento não leva em consideração outras formas de desconexão experimentadas por outras populações, de outras regiões do mundo, bem como aspectos socioeconómicos. Além disso, desconsidera os habitantes de regiões do mundo onde a desconexão não é uma escolha, mas uma imposição, devido à precariedade de infra-estrutura, condições económicas ou mesmo a desconexão forçada, imposta pelo Estado ou outros agentes externos, como desastres ambientais ou guerras. Nesse sentido, as formas de desconexão devem ser analisadas de forma contextualizada, levando em consideração os diversos atores sociais que influenciam no modo como ela é entendida e praticada. “Para milhões de pessoas em todo o Sul Global, a desconexão não tem nada a ver com uma questão de escolha, uma questão que pode ser praticada de vez em quando”, referem os autores (2020, p. 607).

O segundo limite definido por Treré et al. (2020) está relacionado às características da conexão na era digital, no que diz respeito a algumas das limitações para a desconexão. A sociedade atual vive uma era em que a produção de dados é constante e de forma abrangente, mesmo para aqueles indivíduos que não estão conectados de forma intencional, já que os dados são gerados através das relações, como familiares e amigos, ou quaisquer outros contactos ou até mesmo organismos públicos. Em “sociedades orientadas por dados, a conectividade não é apenas algo que é oferecido ou imposto aos utilizadores, mas algo que pretende abranger até mesmo aqueles que não estão tecnicamente ligados à rede” (Treré et al., 2020, p. 607). Como afirma Bucher (2020), estar conectado não depende apenas de uma ação do indivíduo, uma vez que, mesmo que se opte por permanecer desconectado, total ou parcialmente, os dados podem ser obtidos através dos laços sociais, sejam amigos, familiares ou colegas de trabalho, entre tantas interações sociais que são feitas no decorrer do tempo.

Figueiras e colegas (2023) apontam para o fato de que a desconexão não se refere apenas à resistência quanto ao uso dos media, mas também “é utilizada para descrever regras para momentos sem ecrã, mudanças de estilo de vida” (p.176), podendo tanto ser parte de um período

de desintoxicação digital (Light & Cassidy, 2014; Syvertsen & Enli, 2019) quanto uma escolha de estilo de vida e estabelecimento de uma rotina com momentos definidos para a não utilização de media móveis, por exemplo. A desintoxicação digital, por sua vez, parte do pressuposto de que estar permanentemente conectado traz malefícios, seja à saúde ou a vida do indivíduo como um todo, e a desintoxicação requer passar períodos off-line, distante dos media digitais (Light, 2014; Light & Cassidy, 2014; Syvertsen & Enli, 2019). Também é um chamamento à nostalgia, visto que estar longe das redes sociais, para uma determinada parcela da população, significa também “voltar” a um tempo onde essas tecnologias não existiam, e que a vida não era conectada como nos dias atuais (Syvertsen & Enli, 2019).

Schwarzenegger e Lohmeier (2021), por sua vez, falam dos motivos pelos quais as pessoas possam buscar a se desconectar dos media digitais. Entre os motivos citados, pode-se destacar um estilo de vida alternativo, motivos políticos, o desejo de fazer uma desintoxicação digital ou mesmo passar algum tempo de qualidade fora das redes e procurando melhorar o bem-estar pessoal. Uma vez que estar permanentemente conectado torna-se o padrão para uma grande parcela da sociedade (Kuntsman & Miyake, 2019), desligar-se do digital, ainda que por um período determinado de tempo, pode ser um desafio, mas também um ato de resistência (Figueiras et al., 2023; Kaun & Treré, 2020; Treré et al., 2020).

Nesse sentido, Kaun e Treré (2020) afirmam que a desconexão pode se tornar um estilo de vida, uma alternativa à vida conectada, e que com que aquele que adota esse estilo de vida diferente dos demais. Contudo, essa é uma opção que requer condições para praticá-la, e que torna-se uma decisão privilegiada, uma vez que a vida desconectada requer condições que não seriam acessíveis para a maioria da população.

2.2.1 Desconexão e turismo de peregrinação

O turismo é uma área onde a ideia de desconexão como uma alternativa a uma rotina hiperconectada surge como um diferencial para a experiência vivenciada. De certo modo, desligar-se da rotina diária é uma parte importante do turismo. Seja para descansar durante as férias, conhecer locais históricos explorar a natureza, as viagens proporcionam um escape da rotina diária (Egger et al., 2020). É certo que os media digitais mudaram a forma como as viagens são realizadas. Os *smartphones*, em particular, permitem que as pessoas estejam conectadas mesmo nos períodos de férias e descanso, o que pode levantar tensões face à intenção de afastamento da vida quotidiana. Numa perspectiva crítica sobre o uso das

tecnologias móveis no turismo, o aumento do uso das mesmas pode trazer impactos negativos, principalmente ao deixar os limites entre a rotina do dia-a-dia e o período de descanso e lazer cada vez mais difíceis de se delimitar (Dickinson et al., 2016).

Segundo Schwarzenegger e Lohmeier (2021, p. 1632), “o turismo é um ramo específico em que a ideia de viver uma alternativa do quotidiano e permitir uma pausa nas rotinas diárias e nas condições estressantes faz parte da mercadoria”. Os autores afirmam também que o turismo “livre do digital” não é um fenómeno recente, visto que tem sido objeto de discussão há algum tempo. Destacam-se experiências em que estar conectado pode interferir negativamente na experiência percebida, como o turismo voltado para o bem-estar, para a conexão com a natureza, por exemplo. Nesse sentido, a desconexão no turismo pode adquirir um componente comercial, uma vez que a desconexão pode ser “vendida” como parte da experiência.

Syversten (2022) aborda o tema da desconexão no contexto do turismo, nomeadamente o turismo de natureza. Para a autora, o turismo desconectado, ou turismo *offline*, não está necessariamente vinculado a uma ideia de desintoxicação digital, mas sobretudo à busca por experiências autênticas. Assim, o turismo de natureza torna-se uma alternativa que permite aos praticantes estar longe da vida *online* enquanto busca experiências autênticas e diferenciadas. A autora afirma que aqueles que optam por uma experiência turística *offline*, o fazem por diversas motivações, entre elas o desejo de permanecer inacessível durante a viagem, ou passar um tempo afastado dos ecrãs.

Nesse sentido, a peregrinação, como uma forma de turismo, apresenta-se como uma atividade que oferece algumas possibilidades de desconexão temporária, e de construir novos significados para a experiência turística. Peregrinações como a realizada através do Caminho de Santiago, realizada essencialmente à pé ou de bicicleta, oferecem a oportunidade de passar um período fora do ambiente habitual, em situações às quais os viajantes não são submetidos em outros tipos de viagem, como localidades com conectividade ausente ou de baixa qualidade, ou espaços em que estar constantemente ligado aos dispositivos digitais é desestimulado.

II PARTE – Estudo empírico

Capítulo 3 – Métodos

Neste capítulo, trataremos das questões metodológicas que orientaram o desenvolvimento deste estudo. A escolha da metodologia é crucial para garantir que as perguntas de pesquisa sejam respondidas de forma rigorosa e sistemática, permitindo uma compreensão profunda e bem fundamentada do tema investigado.

O objetivo deste estudo é entender de que forma a desconexão dos media digitais está associada à prática da peregrinação do ponto de vista dos alojamentos e do ponto de vista dos peregrinos.

O estudo segue uma abordagem etnográfica e combina métodos para compreender a dinâmica entre o online e o offline na peregrinação. A etnografia, como um método qualitativo, permite ao pesquisador não apenas observar, mas também participar ativamente da experiência, com o intuito de desenvolver uma perspectiva mais próxima e empática sobre o comportamento do grupo pesquisado (Creswell, 2021). Utilizando métodos como entrevistas, observação participante e observação online, buscamos compreender a prática da peregrinação pode oferecer um espaço propício à desconexão, através da observação dos peregrinos enquanto realizam a peregrinação a Santiago de Compostela, percorrendo a rota do Caminho Português.

O Caminho de Santiago de Compostela possui inúmeras rotas que podem ser percorridas, de modo que foi necessário definir qual rota seria o foco da fase de coleta de dados. Optamos pelo Caminho Português Central, a partir da cidade do Porto, em Portugal, levando em consideração o tempo disponível e a distância que deveria ser percorrida.

3.1 O Caminho de Santiago de Compostela

O Caminho de Santiago de Compostela é uma das principais rotas de peregrinação cristã. Anualmente, a cidade de Santiago de Compostela, na Galiza, recebe centenas de milhares de peregrinos todos os anos. Em 2023, 446.078 peregrinos chegaram a Santiago de Compostela, de acordo com as estatísticas da Oficina del Peregrino (2024), órgão responsável pela emissão da Compostela, documento concedido àqueles que percorrem o Caminho de Santiago à pé, de bicicleta ou à cavalo. Acresce-se a este número os viajantes que visitam a cidade chegando de diversas partes do mundo, sem recorrer à peregrinação tradicional e que, por esse motivo, não são considerados nestas estatísticas.

Os peregrinos que vão a Santiago percorrem os mesmos itinerários que são utilizados há mais de mil anos para chegar ao lugar onde, segundo a tradição cristã, foram localizados e se encontram sepultados os restos mortais do apóstolo Tiago (Silva, 2004). Segundo a lenda cristã Tiago, filho de Zebedeu, era um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. É também denominado como Tiago Maior, para distingui-lo de outros personagens bíblicos de mesmo nome. Tiago foi um dos primeiros apóstolos escolhidos, junto com seu irmão João, com Pedro e André e, tal como os outros, era um pescador da Galileia.

Após a morte e ressurreição de Cristo, o apóstolo Tiago partiu rumo a terras distantes para pregar o evangelho, seguindo até a Península Ibérica, na região da Galícia (Blom et al., 2008; Mendes, 2009). Após algum tempo teria voltado a Jerusalém, onde seria martirizado pelo então rei da Judeia, Herodes Agripa. De acordo com o descrito na Bíblia, no livro dos Atos dos Apóstolos, Tiago foi morto à espada e decapitado pelo comando de Herodes no ano de 44 d.C., sendo o primeiro dos apóstolos a ser morto. (Mendes, 2009; Otero, 2009; Silva, 2004).

Após a sua morte, o corpo do apóstolo, que havia sido lançado fora do muros da cidade, teria sido recuperado por seus discípulos e levado de barco à Galícia por dois de seus discípulos, Teodoro e Atanásio (Mendes, 2009; Silva, 2004). Chegaram então a Iria Flávia (hoje região de Padrón), de onde seguiriam, com alguns percalços, até a região do bosque Libredón, onde o sepultaram “próximo a um pequeno assentamento romano” (Otero, 2009, p. 205). De acordo com Otero (2009), o local foi esquecido a partir do século V, em grande parte devido às invasões bárbaras e à decadência do Império Romano.

Foi apenas na primeira parte do século IX que os restos mortais do Santo foram descobertos. De acordo com Lopes (2020, p. 334), a descoberta “terá ocorrido, provavelmente, entre os anos 825 e 830”, durante o reinado de Alfonso II das Astúrias. Otero, por sua vez, afirma que não há uma data precisa para a descoberta, que teria ocorrido “por volta dos anos 820” (Otero, 2009, p. 204). O local teria sido encontrado após um ermitão de nome Pelayo (Mendes, 2009), ou Payo (Otero, 2009), avistar uma chuva de estrelas por noites seguidas na direção do bosque Libredón. O ermitão teria então informado ao bispo Teodomiro, bispo de Flávia Iria – hoje região de Padrón – que seguiria até o local indicado e encontraria a tumba do apóstolo (Mendes, 2009; Silva, 2004). É com base nesta lenda que teria surgido o nome Compostela, deriva de *Campus Stella*, ou Campo de Estrelas, em alusão à chuva de estrelas avistadas pelo ermitão (Mendes, 2009).

No bosque, foi encontrada uma tumba onde estavam sepultados três corpos, que foram identificados como sendo do apóstolo Tiago e dois de seus discípulos, Teodoro e Atanásio (Mendes, 2009; Silva, 2004). De acordo com Mendes (2009), no local havia ruínas do que teria sido um mausoléu pagão do século I. Também havia ali resquícios de uma antiga vila romana e um antigo cemitério cristão, possivelmente do século VII (Mendes, 2009; Nadais, 2010). Após a descoberta, o bispo Teodomiro teria seguido até Oviedo, onde informaria ao rei Alfonso II, seguiria até o local para confirmar que os restos mortais encontrados eram de fato do apóstolo e seus discípulos (Mendes, 2009; Nadais, 2010; Silva, 2004).

Segundo Mendes (2009) e Nadais (2010), o primeiro documento a mencionar a descoberta seria o manuscrito de 1077 conhecido como “Concordia de Altealtares”, cuja autoria é atribuída ao bispo Diogo Páez, de Santiago e ao abade do Convento de Antealtares. O documento “narra o traslado do corpo de Santiago Maior, em um navio guiado pela mão do Senhor, desde a Terra Santa até os confins de Espanha” (Conde & Alvarez, 2018, p. 114). Há uma cópia do manuscrito, datada de 1435, no Arquivo Histórico Universitário da Universidade de Santiago de Compostela (Conde & Alvarez, 2018; Nadais, 2010).

A cidade de Santiago de Compostela foi fundada no ano de 830, mesmo ano em que foi erguida a primeira capela, no local onde a tumba foi encontrada, como uma forma para protegê-la. Mais tarde, em 899, o rei Alfonso III ordenou a construção da basílica de Santiago, no lugar da capela (Mendes, 2009; Nadais, 2010; Silva, 2004). A basílica foi incendiada em 977, por invasões muçulmanas e sua reconstrução só foi iniciada no ano de 1075, sob o reinado do rei Alfonso VII, já com o estilo romano (Mendes, 2009).

A peregrinação a Santiago de Compostela começou a ganhar popularidade a partir do século XII, com o reconhecimento das relíquias pela Igreja de Roma (Lois González & Lopez, 2021). É nesse período que se a peregrinação começa a se estabelecer na Europa, e surgem as primeiras rotas estabelecidas do Caminho de Santiago. Silva (2004, p. 334) afirma que “a divulgação da notícia por toda a Europa transformou Compostela num local privilegiado de peregrinação”, equiparável a Roma e a Jerusalém, uma vez que possuía uma relíquia de valor inestimável para a Igreja Católica, numa época em que as relíquias dos santos desempenhavam um papel relevante na igreja medieval e conferia autoridade e poder aos locais onde elas eram guardadas.

A instituição do Ano Santo Compostelano pelo Papa Calixto II, no século XII, resultou pro promover a peregrinação, atraindo mais peregrinos em direção a Santiago de Compostela. Posteriormente, o Papa Alexandre III instituiu que sempre que o dia 25 de julho – data de celebração da festa de Santiago – coincidissem com um domingo, seria considerado Ano Santo, ou Jubileu (Silva, 2004). Essa tradição permanece inalterada até os dias atuais, com exceção do período da pandemia da Covid-19, em que o Ano Santo Compostelano foi estendido pelo Papa Francisco até 31 dezembro de 2022, e não apenas no ano de 2021.

Após um período de grande movimento durante a Idade Média, a peregrinação entraria em declínio a partir do século XIV. Entre os motivos para a redução dos peregrinos podem ser citados as guerras que assolaram o continente, conflitos religiosos e a Reforma Protestante (Blom et al., 2008; Mendes, 2009; Solla, 2006). Além disso, um fator importante para a diminuição de peregrinos foi o desaparecimento da tumba de Santiago, que foi escondida para evitar que fosse saqueada por piratas ingleses (Blom et al., 2008). A tumba do Apóstolo só foi (re)descoberta no século XIX, o que contribuiu para que a peregrinação e o culto a Santiago fosse retomado e ganhasse novamente força tal como possuía nos primeiros séculos de sua história (Lois González & Lopez, 2021; Nadaís, 2010).

Quando falamos do Caminho de Santiago, o itinerário mais conhecido e popular é o Caminho Francês, que nos dias atuais é iniciado em Saint-Jean-Pied-de-Port, na França, e tem um percurso de quase 800 km até chegar à Catedral de Santiago de Compostela, na Galícia. Otero (2009, p. 213) chega a afirmar que “é um fato comum que, quando as pessoas falam do Caminho de Santiago, pensam exclusivamente nele”. De facto, sendo o Caminho Francês uma das rotas mais antigas e icônicas, é compreensível que ele seja considerado um “símbolo” da peregrinação. O Caminho Francês foi declarado Património da Humanidade pela UNESCO em 1983. Em 2015 os Caminhos Primitivo e do Norte também foram declarados Património da Humanidade.

O Caminho de Santiago possui atualmente sete rotas principais: O Caminho Francês, o Caminho Primitivo, o Caminho do Norte, o Caminho Inglês, o Caminho Português, a Via da Prata e a Rota Marítima Fluvial (Mendes, 2009; Nadaís, 2010; Otero, 2009). E, após a chegada a Santiago, existe ainda uma rota que segue até Finisterra e Muxia. Além das rotas principais, o caminho de Santiago possui várias rotas secundárias, como, no caso do Caminho Português, o Caminho da Costa e o Caminho Português do Interior.

Na mesma proporção em que os chamados “Caminhos de Santiago” foram-se desenvolvendo como rotas físicas e itinerários de fé, também evoluíram como vias privilegiadas para a interculturalidade e, consequentemente, para as construções identitárias e para os mais diversos exercícios de alteridade. (Lopes, 2020, p. 63)

A peregrinação a Santiago de Compostela, tradicionalmente realizada a pé, de bicicleta ou a cavalo, é um símbolo da peregrinação cristã (Margry, 2008). Suas características a tornam única diferente de outras rotas de peregrinação, a começar pela variedade de itinerários à disposição do peregrino.

3.1.1 O Caminho Português Central

O Caminho Português é o segundo itinerário mais utilizado por aqueles que decidem fazer a peregrinação a Santiago de Compostela, atrás apenas do Caminho Francês. Na verdade, o Caminho Português é formado por vários caminhos distintos, que em algum ponto se unem e tronam-se um só, como é o caso do Caminho da Costa e o Caminho Central, que se separam ao sair da cidade do Porto, e se tornarão o mesmo caminho em Valença do Minho, em Portugal, ou Tui, na Espanha.

De acordo com Mendes (2009), a devoção portuguesa a Santiago é anterior à nacionalidade. Entre os fatores elencados pela autora estão “as identidades histórica, cultural e religiosa portuguesas” (p. 8) e a proximidade com a Galícia desde a fundação do Reino de Portugal. O primeiro registo de uma peregrinação a partir de território português data de 1097, realizada pelo Conde D. Henrique e sua esposa D. Teresa (Mendes, 2018; Nadais, 2010).

Ao longo dos séculos o Caminho Português foi percorrido por vários peregrinos da nobreza portuguesa, incluindo reis e rainhas (Lopes, 2020; Mendes, 2018; Nadais, 2010). Talvez a peregrina mais famosa tenha sido a Rainha Santa Isabel, que fez a peregrinação em duas ocasiões: a primeira, em 1325, quando foi acompanhada de todo o séquito real e a segunda, dez anos depois, em 1335 (Mendes, 2009; Nadais, 2010).

3.2 Questões de investigação

Com este estudo, buscamos compreender como os peregrinos se relacionam com os media digitais e a desconexão durante a prática da peregrinação. Também buscamos perceber como os locais de acolhimento dos peregrinos estão preparados para receber essas pessoas e se

há um incentivo à desconexão nestes espaços. Deste modo, o estudo se baseia nas seguintes questões:

Q1 De que forma os alojamentos que acolhem os peregrinos incentivam a conexão e/ou desconexão nestes espaços?

Q2 De que forma as dinâmicas dos peregrinos nos alojamento se relacionam com os media digitais?

Q3 Como os peregrinos se relacionam com os media digitais durante a peregrinação?

Q4 Como os peregrinos utilizam as redes sociais para compartilhar suas experiências durante e após a peregrinação?

3.2 Metodologia de investigação

A proposta do estudo é realizar uma investigação qualitativa, com o objetivo responder as questões de investigação, através a análise dos dados levantados através do estudo etnográfico. A escolha dessa estratégia de análise foi considerada baseando-se no material recolhido em campo e na observação online, permitindo a identificação de temas transversais aos conceitos estudados. Esse tipo de análise também favorece a identificação de outros temas relevantes ao estudo que não haviam sido detectados nas etapas prévias dos estudo. As técnicas utilizadas, por sua vez, foram definidas de modo a responder as questões de investigação.

No Quadro 1, faz-se uma correspondência entre as questões de investigação e técnicas de investigação.

Para responder às questões 1 e 2, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com responsáveis por alojamentos localizados no trajeto do Caminho Português Central. Também foi conduzida a observação nos alojamentos, com base na grelha de observação (anexo 2).

Para responder à questão 3 foi conduzida a observação participante, durante a peregrinação pelo Caminho Português Central, no período de 29/04/2023 a 10/05/2023. Também foram realizadas conversas informais com peregrinos ao longo do caminho. Para estas conversas, não foram definidas perguntas previamente, mas somente um direcionamento dos temas que seriam tratados, à medida que a conversa evoluísse, de modo a chegar ao tema do uso e/ou não uso dos media digitais durante a peregrinação. Nesse sentido, podemos enquadrá-las como entrevistas não estruturadas.

A observação participante procurou compreender como os peregrinos se comportam quando estão efetivamente caminhando. De acordo com Bell (2009, p. 17), “a observação participante permite aos investigadores, na medida do possível, partilhar as mesmas experiências que os sujeitos, compreender melhor porque é que agem da forma como agem”. No caso do Caminho de Santiago, ao realizar a peregrinação à pé, buscamos perceber como a conexão e/ou desconexão se manifesta durante a prática da peregrinação.

Para responder à questão 4, foi utilizada a observação online. A observação online consistiu na observação de publicações de usuários da rede social Instagram, com a coleta de publicações contendo as hashtags #caminhodesantiagodecompostela, #caminhodesantiago e #caminodesantiago, que fazem referência ao Caminho de Santiago de Compostela.

Questões de investigação	Métodos
Q1	Entrevistas e observação (alojamentos)
Q2	Entrevistas e observação (alojamentos)
Q3	Observação participante e Entrevistas informais (não estruturadas)
Q4	Observação online (Instagram)

QUADRO 1: Métodos de pesquisa utilizados por questão de investigação

3.3 Conceptualização

3.3.1 Entrevistas aos hospitaleiros

No Quadro 2 apresentamos as questões elaboradas para as entrevistas aos hospitaleiros, consoante aos temas definidos.

O guião de entrevista foi adaptado do estudo realizado no âmbito do projeto *Intrusive Media, Ambivalent Users and Digital Detox (Digitox)*, da Noruega, traduzido do inglês para o português e adaptado para o contexto da peregrinação a Santiago de Compostela. A adaptação foi necessária considerando o público-alvo do estudo, uma vez que o estudo norueguês teve como objeto de estudo cabanas e abrigos para caminhada naquele país, enquanto para o presente estudo, as entrevistas foram realizadas em albergues destinados aos peregrinos do Caminho de Santiago.

As perguntas foram agrupadas em secções de acordo com os temas: Conscientização, Instalações, Motivações, Peregrinação e Sensibilização. As questões estão relacionadas ao acesso e ao uso da internet nesses locais e durante a peregrinação, percepção dos hospiteiros sobre o uso/não uso da internet, à promoção do turismo, as associações. O guião completo é incluído no Anexo 1.

Temas	Perguntas
Conscientização	- O uso de media/telemóvel é um tema de discussão para os alojamentos/associação turística? Como? - Recebe algum tipo de informações/recomendações por parte de alguma associação turística? Como? - Existem documentos/diretrizes/material informativo separados especificamente sobre o uso de dispositivos móveis/meios de comunicação? - É um tema sobre o qual você fornece informações para a associação? - Acredita que a associação turística deve utilizar o offline no seu marketing para atrair peregrinos?
Instalações	- Como é que as pessoas passam o seu tempo livre nos alojamentos, durante as peregrinações? - O acesso à internet/telefone afeta as rotinas, os relacionamentos, o ambiente no alojamento? Como? - Existem locais/horários em que internet/smartphone é bem-visto no alojamento? E outros em que é indesejável? - Existem diretrizes ou informações disponíveis, por exemplo, sobre zonas sem

	telemóvel? Reações? Experiências? Para tais diretrizes
Motivações	- Como você informa ou avisa peregrinos sobre as condições de acesso à internet aqui no alojamento? - Existem pessoas que vêm fazer a peregrinação / para este alojamento porque não tem rede ou esperavam que não tivesse internet? - Como isso é expresso? Quem é esse público? Se não respondeu: Como você pensa sobre isso? Vantagem ou desvantagem para o alojamento? - As pessoas perguntam antes de fazer reserva/se instalarem? À chegada? - Que tipo de reações têm sobre a existência/não de rede? - Isto gera algum tipo de problemas ou dilemas e conflitos? <i>Pense numa experiência em que internet/smartphone foi causa de perturbação.</i> - Descreva a situação. O que achou? - Você falou com outras pessoas sobre isso – ou com aqueles que estavam a perturbar? - Que valor acha que os peregrinos dão ao smartphone e internet? Como observa isso? Há diferenças entre os peregrinos? Há categorias típicas?
Peregrinação	- O que considera que as pessoas buscam ao realizar uma peregrinação – a curto e longo prazo? - Como vê o vosso papel enquanto alojamento nessa experiência da peregrinação?

	- O que considera que distingue o seu alojamento de outros tipos (Hostels vs. Albergues vs. Hotéis...)?
Sensibilização/Instalações	- Situação real no alojamento: que rede está disponível? Por fibra/satélite/móvel? - Como é o acesso à internet nesta zona, e nos caminhos próximos? - Você aproveita isso, por exemplo, organizando algumas atividades presenciais ou sociais? - Qual a importância dos media digitais para o negócio/atividade do vosso alojamento? (marcações, informação, contactos). - Têm estratégias para aparecer no Google Maps, redes sociais?

Quadro 2: Guião de entrevista a hospitaleiros

3.3.2 Observação dos alojamentos

No Quadro 3, apresentamos os temas e indicadores desenvolvidos para a observação dos alojamentos. A grelha de observação também foi adaptada para o português a partir do documento elaborada para o estudo norueguês. Além de identificar os temas seleccionados, também foram produzidas fotografias dos ambientes e esboços de mapas dos alojamentos, com o objetivo de identificar aspectos que contribuíssem para o uso e/ou não uso dos media digitais. No Anexo 3, pode encontrar-se a grelha de observação dos alojamentos.

Temas	Indicadores
Acessórios	Livros Jogos de tabuleiro
Alvos visados	Idade, classe, género
Arquitectura	Antigo / novo Reformulado Áreas Sociais / Privadas?
Conectividade	QR Codes Guias em papel? Cartazes? Ou é tudo digital?

Mobiliário	Social? (sofás em situação de conversa)
Media	Vinil? / Retro? Localização dos media
Valores promovidos	Exploração / conquista Introspecção / meditação

Quadro 3: Grelha de observação - alojamentos

3.3.3 Observação participante

Como já apontado anteriormente, a observação participante foi conduzida no percurso do Caminho Português Central, uma das rotas populares que os peregrinos utilizam para chegar a Santiago de Compostela. O ponto de partida foi a cidade do Porto, em Portugal, e essa escolha se deu por ser uma escolha habitual dos peregrinos que escolhem essa rota, uma vez que a cidade conta com aeroporto internacional, com ligação para várias localidades, assim como a distância até Santiago, que permite percorrer o caminho em um período menor do que outras rotas.

Ao realizar a peregrinação, buscou-se observar como os peregrinos se comportam em relação ao uso dos media digitais em momento relevantes, como durante a caminhada, nos diversos momentos do dia, e nos momentos de convívio e descanso, nos alojamentos.

Não foi desenvolvido um guião de entrevista para esta fase, uma vez que o objetivo não era realizar entrevistas estruturadas, mas conversas informais com peregrinos durante a caminhada, em que fosse possível abordar tópicos relacionados ao uso de tecnologias digitais. Desse modo, as conversas eram iniciadas de forma espontânea, mas sempre evidenciando o papel de investigadora. A conversa era iniciada geralmente de forma natural, e as primeiras perguntas eram relacionadas ao contexto pessoal – como, por exemplo, nome, idade, nacionalidade – e aos motivos pelos quais estava realizando a peregrinação. Em seguida, quando o ritmo da conversa permitia, o tópico do uso e/ou não uso dos media digitais era abordado, incentivando os interlocutores a expor suas opiniões e percepções sobre o tema.

3.3.4 Observação online

A observação online consistiu na análise do conteúdo relacionada ao Caminho de Santiago de Compostela publicada online. Para tanto, definiu-se que seria feita a análise das publicações feitas no Instagram. A escolha dessa rede social se deu pelo fato de ser uma rede amplamente utilizada para o compartilhamento de imagens e vídeos, com a possibilidade da

utilização de hashtags que identifiquem o motivo das publicações. Além disso, esse é material publicamente acessível (retornaremos a esta questão na secção sobre Ética).

O Instagram permite a pesquisa de publicações através das hashtags, de modo que é possível coletar as publicações com o mesmo marcador. Para a pesquisa, depois de uma exploração inicial do conteúdo da plataforma, foram definidas três hashtags para acompanhamento:

- #caminhodesantiagodecompostela
- #caminhodesantiago
- #caminodesantiago

À exceção da hashtag #caminodesantiago, em língua espanhola e que está relacionada à forma como muitos peregrinos se referem à rota – Camino de Santiago –, as demais foram definidas tendo em consideração o grupo que se pretendia observar: peregrinos que publicam em português.

3.4 Amostragem e implementação

A coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e junho de 2023.

No caso das entrevistas e observação dos alojamentos, a amostra consistiu em albergues ao longo do Caminho Português Central. Como as entrevistas seriam realizadas durante a peregrinação, os estabelecimentos foram definidos com base na disponibilidade. Todos os albergues em que foram conduzidas entrevistas eram particulares, mas voltados aos peregrinos. O objetivo inicial era realizar entrevistas com hospitaleiros em cinco albergues localizados na etapa portuguesa do Caminho. Contudo, em dois estabelecimentos não foi possível realizar a entrevista. Em um deles, gerido por uma associação cultural, o voluntário que recebia os peregrinos disse não se sentir à vontade para conceder a entrevista. Em outra etapa, não foi possível a hospedagem em um estabelecimento voltado para peregrinos, o que prejudicou a realização da entrevista.

A abordagem aos anfitriões era realizada ao chegar a hospedagem, explicando o papel da pesquisadora e os objetivos da pesquisa e da entrevista. Duas entrevistas foram concedidas pelas proprietárias, enquanto uma quem concedeu a entrevista foi o esposo da anfitriã, que também auxilia na administração do albergue em seus momentos de folga do trabalho. Além

disso, em uma das entrevistas, a filha da proprietária acompanhou a conversa, e em alguns momentos auxiliou a mãe a responder as perguntas.

A observação online foi realizada em dois momentos – antes e após a realização da peregrinação, ou seja, a primeira em abril de 2023 e a segunda em maio/junho de 2023. Para a coleta dos dados foi utilizadas a plataforma Phantom Buster, que permite a extração de dados do Instagram por meio da definição de hashtags. Inicialmente, definimos que seriam recolhidas até 2.000 publicações em cada coleta, realizada a cada cinco dias, sendo quatro recolhas antes do estudo de campo e quatro após a realização do estudo de campo. Contudo, considerando o grande número de publicações recolhidas com todas as hashtags, esse número foi reduzido para o máximo de 500 publicações a cada coleta.

Para a observação online, foi definido que a recolha seria realizada a cada cinco dias, para as hashtags definidas, com um limite de 2.000 publicações a cada data. Esse número mostrou-se elevado quando foi feita a primeira recolha, pelo que decidiu-se reduzir para 500 publicações. A extração dos dados foi realizada em oito datas, entre os dias 1 de abril e 05 de junho de 2023, sendo quatro antes e quatro após a peregrinação.

Devido ao grande número de publicações duplicadas, foi necessário reduzir este número para proceder à análise. Para isso, foi feita uma pré-seleção inicial, eliminando as publicações duplicadas. Após isso, optou-se por eliminar publicações da seguinte forma:

- #caminhodesantiagodecompostela: a cada 3 publicações, apaga-se 2
- #caminodesantiago: a cada 4 publicações, apaga-se 3
- #santiagodecompostela: a cada 5 publicações, apaga-se 4

Hashtag	Número total de publicações	Publicações selecionadas
#caminhodesantiagodecompostela	4500	840
#caminodesantiago	3778	946
#santiagodecompostela	4488	899

Quadro 4: Corpus de publicações de Instagram

A observação participante, por sua vez, teve como amostra definida os peregrinos que percorrem o Caminho Português Central, entre a Cidade do Porto, em Portugal, e a Cidade de Santiago de Compostela, na Espanha. O estudo de campo foi realizado entre os dias 30 de abril e 10 de maio de 2023. A observação participante foi conduzida durante os onze dias da peregrinação. As notas que foram produzidas incluíram conversas informais com peregrinos e

observações sobre os alojamentos. As conversas foram realizadas com peregrinos que falavam inglês ou português, mas de diversas nacionalidades, sem distinção de idade ou género. Foram realizadas seis entrevistas informais, sendo cinco mulheres e um homem.

3.6 Preparação e análise dos dados

Para a análise dos dados, optamos pela técnica de análise temática, por considerarmos a mais adequada face aos dados recolhidos e a amplitude do estudo (Jensen, 2008). Para tanto, foram definidos os temas iniciais para os diferentes tipos de dados, conforme apresentado no Quadro 5. A partir da definição dos temas, foi feita a análise das entrevistas, notas de campo e publicações online, com base nos temas definidos para cada categoria.

As entrevistas foram transcritas utilizando a ferramenta de transcrição disponível no Microsoft Word online para uma primeira transcrição automática. Posteriormente foi feita a revisão manual das transcrições para corrigir eventuais incorreções e manter a fidelidade das falas dos entrevistados. A transcrição das entrevistas encontra-se no Anexo 2. A análise foi realizada visando buscando identificar os temas previamente definidos e considerando as questões de investigação. Para tal, foi feita a leitura minuciosa de cada entrevista, destacando os excertos concernentes aos temas e buscando relacioná-los com os discursos dos demais entrevistados (Jensen, 2008).

A observação dos alojamentos foi preenchida durante a peregrinação, e revisada após o término, de acordo com as notas e rascunhos (no caso das plantas dos espaços). As notas de campo – tomadas *in loco* – foram reescritas e revisadas após o término da peregrinação. Foram organizadas por data, em forma de “diário”, contendo anotações sobre a caminhada, que inclui as conversas informais com peregrinos, observações sobre o caminho percorrido e sobre as dinâmicas dos peregrinos nos alojamentos. Para a análise, assim com as entrevistas, foi feita a leitura atenta, para identificar os temas definidos e visando as respostas às questões de investigação.

Os dados online foram agrupados em uma pasta de trabalho no Microsoft Excel, com uma planilha distinta para cada hashtag. Em seguida as publicações foram analisadas e categorizadas de acordo com os temas, considerando as imagens e as legendas das publicações. Algumas publicações que continham as hashtags traziam temas que não se relacionavam à

peregrinação, de modo que foram desconsideradas para fins de análise. Entre os temas que desconsideramos, a maioria continha publicidade não relacionada à peregrinação a Santiago de Compostela. Também excluímos da análise as publicações que eram referentes a outras rotas de peregrinação, e nas quais não encontramos associação ao Caminho de Santiago na imagem ou no texto da legenda.

Técnica	Temas
Entrevistas	Conscientização Instalações Motivações Peregrinação Sensibilização
Observação alojamentos	Acessórios Alvos visados Arquitetura Conectividade Mobiliário Media Valores promovidos
Observação online	Localização Serviços Comida Desconexão Pistas para o uso dos media Communitas Pertencimento Media digitais Elementos digitais no espaço
Observação participante	Desconexão <i>Communitas</i> Motivações Pertencimento

Quadro 5: Temas para análise dos dados

3.7 Questões éticas

As questões éticas desempenham um papel central no desenvolvimento de qualquer estudo acadêmico, sendo essenciais para garantir a integridade, transparência e responsabilidade no processo de investigação.

Quanto às entrevistas com os anfitriões dos albergues, foi recolhido o formulário de consentimento informado – Anexo 3 – que informava os objetivos do estudo e garantia a confidencialidade dos dados pessoais dos participantes. Desse modo, os dados obtidos nas entrevistas foram tratados de forma anónima apenas para fins de investigação.

No que diz respeito às publicações online, em que pese o fato de ser material público e de livre acesso, não sendo possível obter autorização dos participantes, optamos pela anonimização dos dados que permitam a identificação dos usuários, tais como o nome de usuário e a utilização de *blur* nas fotografias em que rostos possam permitir a identificação (franzke et al., 2020).

Capítulo 4 – Análise dos resultados

Neste capítulo, será efetuada a análise dos dados obtidos através do estudo de campo e da observação online. A análise será dividida em duas partes: a primeira será voltada ao estudo de campo, compreendendo os dados obtidos com as entrevistas, observação dos alojamentos e a observação participante, visando responder às questões de investigação Q1, Q2 e Q3; na segunda parte, serão analisados os dados obtidos com a observação online, para responder à Q4.

4.1 Entrevistas e observação dos alojamentos

Quando alguém pensa em empreender peregrinações, são muitas as variáveis que são importantes para a sua realização. O destino é provavelmente um dos aspectos mais relevantes, mas há outros aspectos a serem considerados e que podem influenciar diretamente na experiência, como o meio de transporte ou o modo de deslocamento, o tipo de alojamento, a distância, a motivação para empreender a jornada, se será feita em grupo ou individualmente, entre tantas outras. No caso da peregrinação a Santiago de Compostela, os alojamentos tornam-se um aspecto que merece atenção, ao consideramos os peregrinos que percorrem a pé uma das inúmeras rotas de peregrinação possíveis. Neste estudo, as entrevistas foram realizadas em albergues particulares, localizados ao longo da rota do Caminho Português Central.

Ao longo do Caminho de Santiago, podem ser encontrados diversos tipos de alojamento destinados aos peregrinos. Aqui damos destaques aos albergues, que podem ser públicos – geridos pela administração pública local ou por instituições religiosas – ou privados – geridos por particulares. Este tipo de alojamento, encontrado ao longo das rotas do Caminho de Santiago, destina-se a receber os peregrinos, especialmente aqueles que realizam a peregrinação a pé. Como as rotas do Caminho de Santiago passam por localidades escassamente habitadas, muitos albergues estão localizados fora de centros urbanos, em pequenas vilas ou até mesmo em áreas rurais.

Uma característica comum aos albergues onde foram realizadas as entrevistas é que todos são propriedades familiares. Dois deles são casas que estavam na família há gerações e foram reformuladas para receber os peregrinos. Em um deles, a casa da família divide espaço com a área reservada ao alojamento. Em dois dos três albergues não há empregados, sendo todo o trabalho realizado pelos proprietários e familiares. No terceiro, a anfitriã disse ter contratado duas pessoas para auxiliá-la no albergue para conciliar a gestão do albergue com outra atividade.

As instalações em dois albergues são modestas, com mobiliário antigo e decoração simples. Nestes, apesar da simplicidade das instalações, pode-se observar que havia espaços que permitem a interação entre os hóspedes, como sofás e cadeiras nas áreas comuns e mesas de jantar. Contudo, um dos albergues era ricamente decorado, mobiliário antigo e muitos itens decorativos, como observado na Figura 1. Objetos como livros, jornais, documentos e fotos antigas dão aos espaços uma atmosfera nostálgica, uma vez que remete ao passado e à história da família e da região. Além disso, a proprietária fixou quadros com frases inspiradoras em todos os ambientes.



Figura 1: Detalhe da decoração da sala de jantar de um dos albergues

Em nenhum dos albergues havia aparelho de TV ou outro dispositivo eletrônico para a utilização dos hóspedes, nas áreas comuns ou nos quartos. Quando perguntados a este respeito, os anfitriões disseram não sentir a necessidade de oferecer esse item. Sobre este item, uma das

anfitriãs afirmou que não sentiu necessidade de ter no albergue, e que nenhum peregrino alguma vez perguntou se lá havia aparelho de TV.

O convívio entre os peregrinos é um aspecto relevante a ser observado nos albergues. Os albergues possuíam áreas de convivência, ao ar livre ou no interior dos edifícios, proporcionando espaços onde os peregrinos poderiam relaxar e descansar após o dia de caminhada e ter contato com outros peregrinos. Em um deles, havia um grande jardim com espreguiçadeiras e cadeiras onde os peregrinos passavam algum tempo; em outro, algumas cadeiras com vista para as montanhas, com demonstrado na Figura 2. Nestes espaços, foi possível observar como os peregrinos passam parte do tempo nos albergues. Alguns peregrinos aproveitavam este momento para utilizar o telemóvel, enquanto outros liam livros ou escreviam, e outros ainda conversavam entre si. De modo geral, observamos que enquanto alguns peregrinos passavam o tempo ao telemóvel enquanto utilizavam os espaços, outros liam, escreviam ou conversavam entre si.



Figura 2: Jardim de um dos albergues visitados

Em alguns casos, os próprios anfitriões oferecem atividades que favorecem a convivência entre os hóspedes ou peregrinos. Em um dos albergues, os anfitriões oferecem Vinho do Porto – um vinho tradicional português – e um bolo de côco – feito pela proprietária – todos os dias, ao fim da tarde, quando todos os peregrinos já estão instalados e tiveram seu momento de descanso. Esse momento, de acordo com o anfitrião, é uma forma de incentivar os

hóspedes a se conhecerem, falarem de onde vieram e compartilhar suas experiências no que, para muitos, é o primeiro dia de peregrinação.

Em outro albergue, é oferecido um jantar todas as noites, para os hóspedes, e também para peregrinos que estejam em outros albergues da região. A sala de jantar, representada na Figura 3, é um grande espaço de convívio, com uma grande mesa de jantar para receber os hóspedes. É um momento de compartilhar, segundo a anfitriã, uma refeição feita por cozinheiras da região, um bom vinho e conversas entre os peregrinos, depois de terem descansado da caminhada do dia, que abrange uma das etapas mais difíceis do Caminho Central Português – a Serra da Labruja. Nesse momento, os peregrinos tem a oportunidade de se conhecer e dividir as experiências vivenciadas nos dias de caminhada, expectativas para as próximas etapas, percepções pessoais sobre a peregrinação e outras conversas que surjam ao redor da mesa.



Figura 3: Salão onde é oferecido o jantar diariamente em um dos albergues

Apenas um dos albergues não oferecia nenhuma atividade que incentivasse o convívio dos hóspedes. Neste, a anfitriã disse notar que os peregrinos preferem ter um tempo de descanso, e não buscam contato com outros peregrinos. Segundo ela, isso acontecia no passado, mas que atualmente isso não acontece mais, e que algumas pessoas já manifestam do desejo de “estarem sossegados” já no momento em que efetuam a reserva. Neste caso, não foi possível

observar interação entre os peregrinos, o que confirmou a percepção da anfitriã ao dizer que, ali, os hóspedes preferiam o descanso e não interagiam uns com os outros.

Quanto à conectividade, observamos que em todos os albergues havia conexão por WiFi disponível, e em geral, com boa velocidade de conexão. Apenas em um dos estabelecimentos, havia espaços onde a conexão era de baixa qualidade, devido à estrutura do edifício, que se tratava de uma construção antiga com paredes espessas e de pedra. As informações para aceder à internet – nome da rede WiFi e palavra-passe – eram de fácil acesso, podendo ser encontradas logo à entrada ou em local de fácil visualização. Por outro lado, não encontramos, nestes albergues, sinais de incentivo à desconexão.

Apenas um dos albergues possui perfil em rede social (Instagram), sendo essa uma das formas pelas quais os peregrinos chegam ao conhecimento sobre o alojamento. Entretanto, todos podem ser localizados em aplicativos de mapas, como o Google Maps, e um deles possui um website com algumas informações e ligação para o e-mail para reservas. Enquanto uma anfitriã afirmou que pediu a uma pessoa que construísse a página do estabelecimento no Google Maps, assim como um website com informações do alojamento, outro anfitrião disse não saber quem fez a página de localização do albergue, mas que acredita que foi feita pelos próprios peregrinos. Em um dos albergues a reserva só poderia ser feita por telefone, enquanto os demais recebiam reservas por e-mail, WhatsApp e, em um caso, também pelo Instagram.

Enquanto dois entrevistados afirmaram que os peregrinos sempre perguntam se há conexão à internet no alojamento, seja no momento da reserva ou no momento do check-in, a anfitriã de um dos albergues afirmou que as pessoas raramente lhe perguntam sobre a Internet, o que ela credita ao fato de muitos já terem dados móveis. A conexão é utilizada, entre outras coisas, para enviar mensagens aos familiares e amigos e para pesquisar e reservar estadia para os dias seguintes.

Ao mesmo tempo que a conexão à Internet pode ser considerado um aspecto relevante quando os peregrinos buscam um alojamento durante a peregrinação, todos os entrevistados disseram receber pessoas que fazem a peregrinação com o objetivo de “desligar-se”. Nesse sentido, um dos anfitriões acredita que “há duas vertentes: há a gente que é muito dependente do WiFi, e há a gente que não quer saber do WiFi pra nada”. Ele afirma que muitos peregrinos deixam os telemóveis de lado enquanto ficam a conversar com outros peregrinos. Outra anfitriã, mais crítica às tecnologias digitais, disse que desejava ter um albergue sem internet, pois pensa

que as pessoas deveriam ficar sem conexão pelo período da peregrinação. Ela reflete sobre como a forma de ver o mundo mudaria caso as pessoas não se preocupassem em registrar tudo para publicar nas redes sociais. Ela compara o uso dos media digitais a um vício – como o dos cigarros – e que as pessoas que estão a tentar (se desconectar) tem dificuldades de manter essa decisão. Ela diz que ela mesmo, apesar de não gostar, não consegue ficar sem smartphone ou internet, por depender deles para o seu trabalho.

Ao serem perguntados sobre a questão da desconexão durante a peregrinação, todos os anfitriões afirmaram ser um tema relevante e que deveria ser mais discutido e incentivado. Apesar disso, uma opinião comum a todos é a dificuldade que as pessoas têm, na atualidade, de ficar sem smartphone e/ou internet, pois isso implicaria deixar de acesso às facilidades proporcionadas pela conectividade. Por outro lado, um entrevistado afirma que “a maior parte das pessoas que vêm desconectadas são pessoas que no dia-a-dia estão sempre conectadas”. Nesse sentido, ele ainda acrescenta que pode ser uma tendência para as pessoas que decidem fazer o Caminho de Santiago, como uma forma de se desligar, ainda que não completamente e que conhece dois ou três albergues “do lado de Espanha” onde não há acesso à internet.

Dois anfitriões disseram já ter encontrado peregrinos a realizar a peregrinação com o objetivo de ficar desconectados, que utilizam recursos analógicos – como guias de papel e livros – e buscam auxílio para encontrarem hospedagens ou sítios onde possam fazer uma refeição. Mas ao mesmo tempo em que acreditam que a desconexão possa ser uma tendência entre as pessoas que decidem fazer o Caminho de Santiago, reconhecem que há cada vez mais pessoas dependentes dos media digitais para realizarem a peregrinação.

4.2 Observação participante

A fim de tentar perceber como os peregrinos se relacionam com os media digitais durante a peregrinação, além das entrevistas aos hospitaleiros e da observação nos albergues portugueses, conduzimos também a observação participante, ao longo do Caminho Português de Santiago, partindo da cidade do Porto, ao norte de Portugal, e indo até a cidade de Santiago de Compostela. Ao fazer a peregrinação a pé, foi possível observar o comportamento dos peregrinos que escolhem percorrer o Caminho desta forma e sua relação com os media digitais.

Como a rota é bem definida e sinalizada, e as etapas – distância percorrida em um dia – são mais ou menos definidas, é bastante comum encontrar os mesmos peregrinos durante vários dias, a depender das escolhas de locais de paragem. Este fato faz com que, aos poucos, crie-se

uma espécie de reconhecimento mútuo, de familiaridade, de modo que as conversas, que inicialmente se centravam em perguntas do tipo “qual o seu nome?”, “de onde vens?” e “como está a caminhada?”, passasse a tópicos mais aprofundados, como “por que decidiu fazer o Caminho?” ou “o que fazes no teu país?” e até mesmo assuntos não diretamente relacionados ao peregrino ou ao Caminho, como história e política. Esse sentimento de familiaridade se relaciona ao conceito de *communitas*, definido por Turner e Turner (1978 [2011]).

Durante a peregrinação, um tópico levantado nas entrevistas informais, e observado durante o percurso, foi precisamente o uso dos media digitais durante esta experiência. A utilização do telemóvel foi um tema que surgiu em todas as conversas, ainda que em algumas situações de forma indireta. Em geral, os peregrinos citavam aplicativos de mapas, de mensagens, e em um caso, uma aplicação dedicada ao Caminho de Santiago. Embora não fosse comum ver peregrinos caminhando com o telemóvel à mão, em outros momentos esta era uma situação comum, como nos momentos de descanso, ou tirando fotografias ao longo do caminho.

Uma opinião consensual, para todos os peregrinos entrevistados, é a importância de um aplicativo de mapas – Google Maps foi o mais citado – para se localizar em caso de ausência das setas amarelas (sinalização tradicional do Caminho de Santiago). Apesar disso, quando questionados sobre a efetividade da sinalização do caminho, todos afirmaram que é possível se guiar apenas pelas setas amarelas, uma vez que elas estão por todo o caminho e a uma curta distância entre si. O *website* Gronze, mencionado por um dos anfitriões entrevistados, também foi citado por peregrinos como fonte de informações sobre o Caminho de Santiago. Contudo, encontramos alguns peregrinos que utilizavam mapas ou guias em papel, como duas senhoras alemãs, que carregavam consigo um guia em alemão o que, segundo uma delas, facilitava bastante a viagem, pois preferiam ter as informações à mão e em seu idioma. Além disso, elas disseram que as setas amarelas eram o suficiente para não se perderem, e utilizavam os telefones apenas quando queriam tirar fotografias ou enviar mensagens para amigos e familiares.

Apesar de o tema da desconexão não ter surgido entre as motivações para a peregrinação, os motivos destacados para a peregrinação podem implicar em alguma necessidade de desconectar. Passar um tempo longe da rotina, ter um tempo para si, estar em contato com a natureza foram alguns dos motivos indicados para a realização da peregrinação. Uma peregrina inglesa de 60 anos, que estava a realizar a peregrinação com o cônjuge, disse que “passar um tempo longe de ecrãs é importante, até mesmo para a saúde”. Ela afirmou que pouco utiliza as redes sociais no dia a dia, e quando viaja reduz ainda mais o uso, por sentir que

estar ao telemóvel o tempo todo tira a oportunidade de conversar com as pessoas que encontra pelo caminho. Ao mesmo tempo, ela utilizava uma aplicação dedicada ao Caminho de Santiago para buscar alojamento e restaurantes.

Uma das razões mencionadas para a utilização de media digitais durante a peregrinação é a necessidade de contato com familiares e amigos. Em alguns casos, sobretudo para peregrinos que viajavam sozinhos, era uma forma de mantê-los informados diariamente. Este era o caso de uma peregrina brasileira, de 20 anos, que viajava sozinha; ela disse que enviava mensagens aos familiares diariamente e publicava pelo menos uma foto por dia em seu perfil no Instagram, para compartilhar a viagem com os amigos. Ao ser questionada a respeito do que pensava sobre utilizar o tempo da peregrinação para se desconectar, ela afirmou que achava muito difícil ficar “100% offline”, mas que tinha reduzido bastante o tempo de uso do telemóvel, que já não ficava ao alcance das mãos o tempo todo, e que muitas vezes só se lembrava do aparelho quando via algo que queria fotografar, ou quando precisava conferir o aplicativo de mapas. Outro peregrino, um homem de 69 anos, que vive na Espanha, disse que sempre trocava diariamente mensagens e fotografias com os filhos, que vivem em Portugal. Alguns dos peregrinos estavam realizando a peregrinação pela segunda vez, como era o caso de um peregrino chileno de 79 anos, que tinha partido de Lisboa, e havia percorrido a rota conhecida como Caminho Primitivo, em 2011. Uma peregrina brasileira já havia feito a peregrinação duas vezes, mas fazia pela primeira o Caminho Português. E uma inglesa estava fazendo a peregrinação pela segunda vez, agora com o esposo, que nunca havia feito uma peregrinação do tipo.

Entre as motivações para realizar a peregrinação, a religião não foi apontada inicialmente por nenhum dos entrevistados. Uma peregrina de 45 anos, que havia terminado a peregrinação e voltara à cidade do Porto para retornar ao seu país, disse que decidira fazer a peregrinação por gostar de atividades ao ar livre, e ouvira de amigos sobre o Caminho de Santiago e ficara interessada. A peregrinação era, para ela, uma forma de ter um tempo para si, ter mais contato com a natureza e poder refletir a respeito de temas sobre os quais não costuma pensar tanto no dia-a-dia. Estes também foram os motivos apontados por uma peregrina que vinha da Chéquia, e se considerava agnóstica. Para ela, a peregrinação estava a se constituir como um desafio pessoal, pois nunca havia caminhado por tantos dias. Outro peregrino, um português de 69 anos que vive na Espanha, disse que a peregrinação era uma forma de praticar o “senderismo”, e assim, manter-se ativo, mesmo já com a idade mais avançada.

Um aspecto interessante quando se trata das motivações para a peregrinação é a relação dos peregrinos com religião e espiritualidade. Embora a religiosidade não tenha sido diretamente apontada como o motivo da peregrinação durante as conversas, alguns sinais indicavam esse componente da peregrinação, como o uso de símbolos religiosos cristãos, como crucifixos e terços católicos. Além disso, a religiosidade sempre era um tema presente nas conversas, os sendo reconhecida a importância da peregrinação para os peregrinos católicos e para a própria religião. Por outro lado, a espiritualidade e o aspecto místico do Caminho de Santiago foram mencionados como fatores relevantes; mesmo não sendo a principal razão para realizar a peregrinação, tornaram-se aspectos que influenciaram a experiência.

Na Catedral de Santiago de Compostela, há celebrações religiosas que são direcionadas especialmente aos peregrinos, conhecidas popularmente como “missas dos peregrinos”. Pouco antes do início das celebrações, as visitas ao interior da catedral são encerradas, e todos os que não pretendem participar do rito católico são convidados a deixar o edifício. Apesar disso, não há impedimento para que pessoas que não sejam católicos assistam à celebração. Um locutor informa ao presentes algumas regras, como a proibição de fotografias e vídeos durante a celebração, bem como circular pelos corredores. Este aviso foi dado algumas vezes antes do início da cerimônia, e foi possível observar que os presentes atenderam ao solicitado e não utilizaram estes equipamentos enquanto decorria a celebração e permaneceram em seus lugares, sem circular pelo edifício. Também foi possível observar que havia pessoas presentes no recinto que desconheciam o rito católico, mas permaneciam em silêncio em respeito aos demais.

Em algumas datas, há a possibilidade de ver o bota-fumeiro – um grande incensário que fica no centro da Catedral e necessita oito homens para ser movimentado – funcionando, conforme representado na Figura 4, ao fim da cerimônia católica. Além das datas pré-estabelecidas – que geralmente correspondem a datas comemorativas para a religião católica – o bota-fumeiro pode ser acionado por solicitação de peregrinos à Catedral, mediante pagamento de uma taxa. Nestes casos, a informação de que o evento ocorrerá é feita no início da celebração, após o encerramento das portas. Neste momento, o celebrante avisa aos presentes que poderão ser feitas fotos e vídeos, uma vez que este é um acontecimento esperado por todos e que, por não acontecer constantemente, torna-se para aqueles que têm a oportunidade de assistir algo especial.

Uma peregrina finlandesa disse que, apesar de não ter feito a peregrinação por razões espirituais, assistir à celebração dedicada aos peregrinos na Catedral de Santiago de

Compostela, ao terminar a peregrinação, “foi uma das experiências mais místicas que já experimentou”, sobretudo por causa do bota-fumeiro. Mesmo não entendendo bem do que se tratava, ela considerou uma experiência mágica e transformadora. Nesse sentido, podemos inferir que a componente espiritual da peregrinação pode estar presente até mesmo para aqueles que não iniciam a jornada tendo-o como um fator decisório.

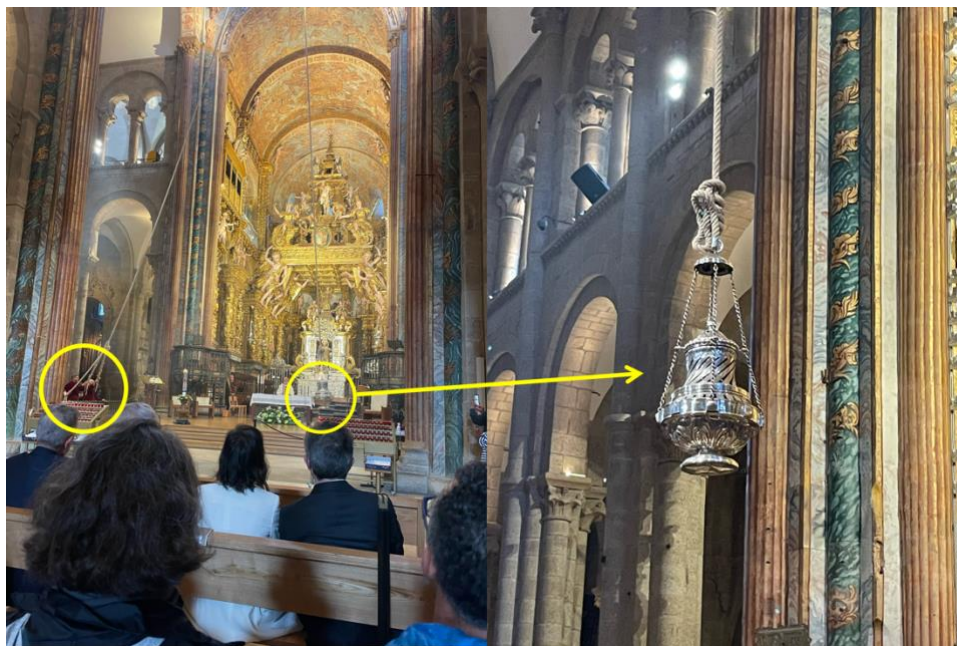


Figura 4: Bota-fumeiro em funcionamento

Na etapa final da peregrinação, também foi possível perceber que a expectativa em relação à chegada à cidade e à Catedral de Santiago transforma o clima da caminhada. A caminhada começa mais cedo para muitos que desejam chegar logo ao destino final, e durante o caminho há uma atmosfera de despedida. A última etapa também foi aquela em que encontramos mais pessoas caminhando rumo a Santiago de Compostela e, sobretudo nos últimos quilômetros, muitos grupos caminhando juntos. Em todas as interações, os temas giravam em torno da expectativa para a chegada, em como tinham sido os dias de peregrinação e do que se faria após a finalização da jornada.

Um dos últimos atos da peregrinação é obter a Compostela – disponível no Anexo 5, que é um certificado da realização da peregrinação a Santiago de Compostela de modo tradicional, ou seja: a pé, de bicicleta ou – o que não é mais tão comum – a cavalo. Para isso, o peregrino precisa apresentar uma Credencial do Peregrino, um documento onde são postos carimbos recolhidos em todas as etapas realizadas, conforme a Figura 5. Apesar de ser um documento inicialmente com conotação religiosa, a Compostela pode ser obtida por qualquer

pessoa que tenha feito a peregrinação de acordo com os critérios estabelecidos. Ao solicitar o documento, é possível indicar o motivo da peregrinação, se por razões religiosas ou por outras razões. Caso seja por razões diferentes da religiosa, não é necessário especificar o motivo.



Figura 5: Página da credencial do peregrino com carimbos recolhidos

Ao final da peregrinação, é também comum que os peregrinos que percorreram rotas semelhantes se reencontrem pelas ruas da cidade, ao receber a Compostela ou ao visitar a Catedral de Santiago. Este é um momento em que as conversas giram em torno de como foi a experiência, e há um sentimento de reconhecimento e é comum ver pessoas se abraçando como demonstração de afeto. Uma peregrina portuguesa – que havia feito a peregrinação com um grupo de amigos – disse que não voltaria para casa do mesmo jeito que partira, duas semanas antes, pois a experiência tinha sido muito diferente do que ela imaginava, para melhor, e havia fortalecido os laços de amizade com seus companheiros de viagem. Nesse sentido, embora não seja referido diretamente, é possível perceber, através dos discursos, que a experiência de realizar a peregrinação pelo Caminho de Santiago proporciona algum tipo de mudança interior nos peregrinos, independentemente dos motivos que os levaram a realizar a peregrinação.

4.3 Observação online

Ao analisar as publicações online buscamos perceber como os peregrinos utilizam a rede social Instagram no contexto da peregrinação a Santiago de Compostela. Diferentemente do estudo de campo, a observação online não se restringiu à rota portuguesa, considerando que não há limitação para a utilização das hashtags. Uma grande parte das publicações possuíam legendas em português, o que era expectável, considerando que duas das três hashtags são escritas em português. Apesar disso, observamos que havia legendas escritas em inúmeros idiomas, o que indica a diversidade de origem dos peregrinos. As legendas que estavam escritas em idiomas diferentes do português foram traduzidas com a ferramenta de tradução do próprio Instagram para possibilitar a análise do seu conteúdo.

4.3.1 Análise do conteúdo das publicações

Em relação ao conteúdo publicado, podemos observar temas recorrentes nas imagens, como fotos de paisagens e de monumentos, às etapas da peregrinação ou com mensagens de reflexão, fotografias de comida, de serviços (hospedagem e restauração, por exemplo), fotografias com outros peregrinos e *selfies*. Também encontramos publicações feitas antes da peregrinação, como imagens alusivas à preparação, e feitas posteriormente, como uma forma de recordar a viagem.

Em relação ao conteúdo das legendas, observamos que um texto recorrente é aquele em que o utilizador descreve as etapas percorridas no Caminho de Santiago. As etapas, neste caso, referem-se ao percurso ou distância percorrida pelo peregrino durante um dia. As legendas costumam indicar a distância percorrida e fornecer relatos do que aconteceu no dia, dos lugares percorridos e reflexões que o peregrino teve durante a caminhada, como demonstrado pela Figura 6. Na descrição da imagem, o utilizador descreve como foi o dia, fornecendo informações do trajeto percorrido, como as localidades de saída e chegada, de como estava o tempo no dia, de como era o terreno e as paisagens vistas durante o dia.

Ao analisarmos esse tipo de publicação, podemos observar que a rede social torna-se uma espécie de diário, e permite ao peregrino compartilhar a evolução da caminhada, bem como descrever os acontecimentos do dia, o que viu, pessoas que encontrou ou reflexões que teve enquanto caminhava. Desse modo, aquela memória pode ser revisitada pelo peregrino quando quiser relembrar fatos ocorridos durante a peregrinação, assim como partilhar com seus seguidores a sua jornada.



Figura 6: Post sobre etapa, diário

Fotos de símbolos relacionados ao Caminho de Santiago também estão presentes em muitas publicações, como totens de marcação de distância, setas amarelas e placas indicando a rota. As setas amarelas são um dos símbolos mais conhecidos do Caminho de Santiago, e servem para como sinalização do Caminho. São encontradas por todo o percurso, a curtas distâncias, para auxiliar os peregrinos a seguir a rota correta, junto com outras formas de sinalização, em paredes, no chão e até em árvores, em trechos não urbanos. As setas são encontradas em todas as rotas demarcadas do Caminho de Santiago, e são importantes para que os peregrinos possam se localizar, sobretudo em locais fora das regiões urbanizadas, já que muitas vezes seguirão por caminhos rurais, atravessando bosques e regiões rurais.

Na Figura 7, a seta está presente junto a uma placa de sinalização junto com o símbolo da vieira e a figura de um caminhante.



Figura 7: Placa de sinalização do Caminho de Santiago

Outras vezes, as imagens mostram os peregrinos junto a símbolos do Caminho, como na Figura 8, onde os peregrinos estão junto a um totem que marca a distância restante, que também contém a seta amarela e a vieira.



Figura 8: Peregrinos junto a símbolo do Caminho de Santiago

A localização é um tema que está presente em muitas das publicações analisadas, permitindo assim identificar onde as fotos e ou vídeos foram feitos. Em alguns casos é utilizado

o recurso próprio da plataforma para a marcação, o que faz com que a publicação fique vinculada ao local selecionado e possa ser vista por utilizadores que pesquisem por aquela localização. Outra situação observada é a indicação da localização no texto da legenda, dando indicações de que esta informação possui relevância para o contexto da publicação.

Quanto ao conteúdo das publicações com a marcação da localização, verificamos que há marcações relativas a localidades, ao Caminho de Santiago, à distância até a Catedral de Santiago e a espaços como monumentos e serviços. Apesar disso, não é possível determinar se as publicações são feitas enquanto os peregrinos encontram-se no sítio indicado, já que é possível inserir essa informação estando em outra localidade.

Também não é possível afirmar se as publicações são feitas durante ou após a peregrinação. Na Figura 9 o utilizador aplica o marcador de localização “100 km para Santiago”, indicando a distância que falta para finalizar a peregrinação. Além disso, a fotografia foi tirada junto a um totem que indica a distância que falta até a Catedral de Santiago de Compostela, que também pode ser considerado um indicador de localização.



Figura 9: Publicação com a indicação da distância restante até Santiago de Compostela

Não é possível determinar, apenas com a análise das publicações, se os peregrinos acedem a rede social para publicar imagens e textos da peregrinação durante a caminhada, em momentos de descanso, ou após o fim da experiência. Entretanto, considerando que muitas descrições são bastante detalhadas, com textos longos e bem elaborados, podemos inferir que

foi dedicado algum tempo serem escritos, o que pode indicar que foram produzidos em um momento em que os peregrinos não estavam a caminhar. Outro indício do momento da publicação é, quando em relatos diários, há a data a que se refere a imagem, que não coincide com a data publicada. Na Figura 9, o texto da publicação indica que esta foi feita uma semana após a sua conclusão. Já na Figura 10, a descrição se inicia com a indicação da etapa à qual a se refere – Dia - 14/09/2022 – apesar de a publicação ter sido feito em uma data posterior (31/12/2022).

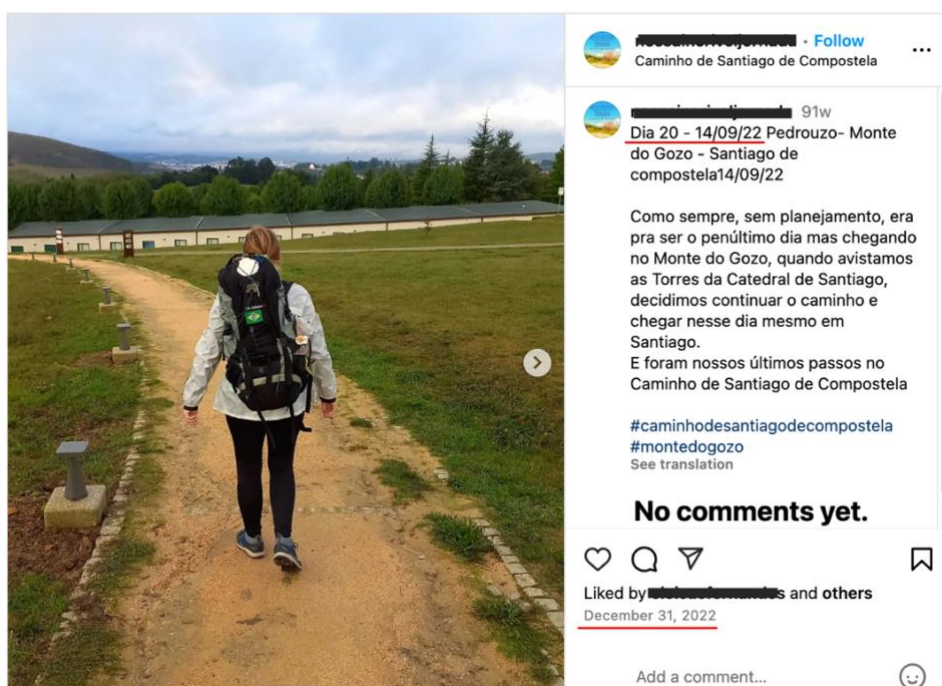


Figura 10: Publicação com texto descrevendo uma etapa da peregrinação

Outro tipo de publicação recorrente é aquela em que as pessoas são o foco. Nestas, encontramos imagens que dão pistas para como é a interação entre os peregrinos durante os dias de peregrinação. Esse tipo de imagem demonstra a importância das relações entre as pessoas durante a peregrinação, e que a interação é um componente relevante para a jornada do peregrino, uma vez que as diferenças sociais que normalmente existem são minimizadas, ou até mesmo desaparecem, nos dias de peregrinação. A publicação apresentada na Figura 11 celebra o encontro entre peregrinos de nacionalidades diferentes. Na descrição da legenda, o utilizador expressa o sentido especial em encontrar peregrinos de nações distantes, como a Índia, de onde vinham os peregrinos que estavam na foto e que estavam fazendo a peregrinação no Caminho Português.



Figura 11: Foto de encontro entre peregrinos de diferentes nacionalidades

Algumas são fotos de grupos enquanto caminham juntos, outras foram tiradas durante momentos de descanso, em frente a monumentos, nos alojamentos ou enquanto fazem uma refeição, como representado na figura 12.



Figura 12: Grupo de peregrinos partilhando uma refeição

A Figura 13 apresenta uma fotografia em que só são mostradas as botas de um grupo de peregrinos com os pés sobre a tampa de uma tampa do sistema de águas que indica a localização. Na legenda da publicação, o utilizadores escreve “a união faz a força”. Apesar de não mostrar o rosto das pessoas, publicações deste género podem ser consideradas uma forma de demonstrar

o sentimento de pertencimento ao grupo, representado, neste caso, pelos calçados do mesmo tipo: botas ou tênis adequados a caminhada.



Figura 13: Um grupo de pessoas com calçados semelhantes sobre símbolo de local

Também há muitas publicações de fotos de “amigos feitos no caminho” e *selfies*, mostrando os peregrinos em etapas do caminho (geralmente aliados à localização). Na figura 14, por exemplo, além do autor da foto – em primeiro plano – há outras pessoas na imagem, posando em um clima comemorativo.



Figura 14: Selfie com vários peregrinos

A *communitas* está representada em muitas destas publicações, considerando que o peregrino passa a fazer parte “daquele meio, com novos amigos”. Também há fotos de

reencontros, que acontecem durante ou mesmo depois do caminho. Dessa forma, os peregrinos compartilham suas experiência com outros peregrinos, trazendo um sentido de pertencimento a um grupo que partilha dos mesmos objetivos.

As *selfies* também dão pistas de como o peregrino busca se comunicar com o espaço. Ao incluir-se a si na imagem, o indivíduo passa a fazer parte daquele espaço, tornando-se parte ativa daquele momento e dando um maior significado à atividade. Nas Figuras 15 e 16, o utilizador fez uma publicação no formato de carrossel (várias fotos na mesma publicação) com várias *selfies*, tiradas em diferentes momentos da peregrinação e a legenda “*Selfie* em diferentes partes do Caminho Santigado de Compostela”. Nesse tipo de fotografia, onde o autor também faz parte da composição da imagem, seja em conjunto com a paisagem ou com outros peregrinos, se colocando como parte daquele meio e criando memórias de momentos importantes da peregrinação. Desse modo, podemos observar que, ao utilizar esse recurso, o peregrino se coloca como parte do Caminho de Santiago, num sentido de pertencimento ao espaço, e buscando demonstrar que faz parte daquele movimento.



Figura 15: Imagem de post em formato carrossel, com várias *selfies*



Figura 16: Imagem de post em formato carrossel, com várias *selfies*

Há uma categoria de perfis e publicações que não são produzidas por peregrinos, mas que são voltados para estes, como é o caso do perfis que oferecem serviços. Encontramos perfis e/ou publicações relacionadas a serviços de alojamento, restauração, guias, arrendamento de bicicletas, transportes de bagagens e até mesmo de venda de produtos para os peregrinos. Esses perfis, apesar de não serem de pessoas que estiveram a realizar a peregrinação, oferecem serviços conceptualizados para os peregrinos do Caminho de Santiago. Na Figura 17, o perfil está relacionado ao serviço de guias para peregrinos que desejam percorrer o Caminho Francês.



Figura 17: Perfil de serviço de guia para o Caminho de Santiago

Estas publicações indicam que a rede social pode ser utilizada como um meio para a promoção turística de estabelecimentos localizados ao longo do Caminho de Santiago, constituindo assim uma forma de alcançar o público-alvo e fortalecendo o turismo nas diversas rotas do Caminho. Algumas vezes, são os próprios peregrinos que atuam como promotores, ao recomendar os perfis de serviços que utilizaram, acrescentando o valor da recomendação de consumidores, em vez de promoção por parte dos próprios estabelecimentos. Na Figura 18, a publicação contém a foto da fachada de um restaurante, com detalhes da entrada estabelecimento: foto dos pratos, ementa – apesar de não ser possível a leitura –, e placas que indicam que o restaurante é bem recomendado (Michelin e Trip Advisor).

A publicação, em formato carrossel, possui várias fotos do restaurante e da hospedagem. Na descrição da legenda, a descrição traz detalhes do restaurante e dos pratos servidos. Também há uma breve descrição da hospedagem, representada na Figura 19, enfatizando o caráter familiar e a antiguidade do estabelecimento, que também pode ser verificada na fotografia, que apresenta um espaço ricamente decorado com objetos antigos. Apesar de não haver uma recomendação explícita na publicação, ao avaliar positivamente os estabelecimentos em seu perfil, o peregrino pode, em certa medida, atuar como promotor dos serviços, uma vez que permite aos seus seguidores conhecerem os espaços e terem uma impressão positiva, advinda da confiança por alguém experimentar o serviço e aprová-lo ao ponto de publicar em seu perfil nas redes sociais.



Figura 18: Post com avaliação de serviços



Figura 19: Imagem com detalhe de hospedagem

Com este tipo de publicação, podemos inferir que as redes sociais podem servir como uma forma de promoção para os estabelecimentos que buscam os peregrinos como público-alvo, tanto os serviços de hospedagem quanto outros serviços que poderão ser beneficiados com a presença dos peregrinos, como alimentação, guias de viagem e outros serviços turísticos.

4.3.2 Uso dos media digitais

O uso dos media digitais no contexto da peregrinação é um fator a ser considerado quando pensamos em como a conexão e/ou desconexão podem ser observados através do conteúdo disponibilizado online. Nesse sentido, buscamos identificar indícios do uso dos media digitais presentes nas publicações analisadas e como isso pode influenciar a experiência dos peregrinos. O *corpus* da análise, por si, já é um indício de uso dos media, uma vez que são publicações extraídas de uma rede social; contudo, aqui buscaremos observar formas em que os media são encontrados explicitamente nas imagens e textos analisados.

Um tipo de publicação que indica a presença dos media digitais durante a peregrinação é aquela que é composta por imagens de aplicações utilizadas durante a caminhada. Atualmente, há muitas aplicações que podem ser utilizadas para medir distâncias e trajetos, mensurar altitude, inclinação de terreno, velocidade dos passos, e tudo o que um caminhante imaginar que possa ser útil para monitorar a atividade de caminhada. Nesse sentido, encontramos algumas publicações com relatórios gerados por dessas aplicações, como representado na

Figura 20, retirada de uma aplicação de *tracking*, utilizada para caminhadas. A partilha social, através de outras redes sociais, como o Instagram, é precisamente uma função inserida em aplicações de *tracking*.

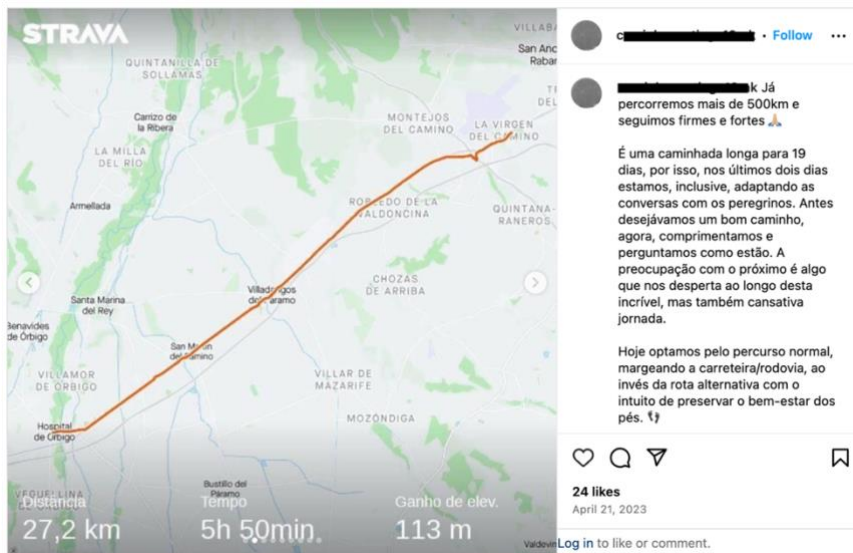


Figura 20: Imagem de aplicação que mede a distância percorrida

Também encontramos publicações com imagens de mapas, retiradas de aplicações como o Google Maps, indicando a rota que está a ser percorrida ou o percurso do dia. Na Figura 21, o mapa mostra a rota do Caminho Português de Santiago. A presença desse tipo de imagem indica que aplicações de mapas podem ser utilizadas pelos peregrinos para a definição da rota e/ou das etapas a serem percorridas. Os pontos marcados no mapa representam o que parecem ser pontos de paragem durante a peregrinação, no Caminho Português.

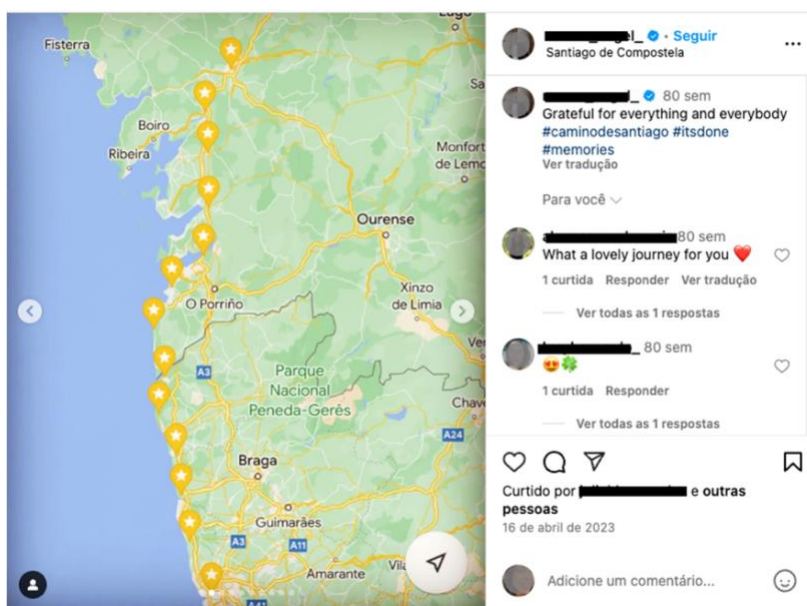


Figura 21: Publicação com imagem de mapa com a rota do caminho português

Outro indicativo do uso dos media digitais é a presença de QR-Codes em imagens. Esse recurso é visível em algumas placas com informações turísticas, como representado na Figura 22. Para aceder a essas informações complementares, o peregrino precisará utilizar o telemóvel e ter acesso à rede de Internet. Este recurso pode fornecer aos peregrinos informações mais detalhadas a respeito de ponto de interesse, enriquecendo a experiência da peregrinação.



Figura 22: Placa com informações turísticas

É possível estabelecer que os media digitais estão presentes em muitos momentos da peregrinação, com destaque aos media móveis, que podem ser utilizados auxiliar os peregrinos durante toda a jornada, desde o seu planeamento, facilitando a busca por informações sobre as rotas, hospedagens e serviços, bem como para aproximar os indivíduos que partilham dos mesmos objetivos. Além disso, com a observação online, foi possível perceber que os peregrinos utilizam o Instagram como um espaço de memória e partilha social da peregrinação, pelo compartilhamento de imagens e textos que contam a história pessoal vivenciada durante os dias dedicados à prática.

Capítulo 5 – Conclusão

A peregrinação é um fenómeno antigo, presente em diversas religiões no decorrer da história, e que encontra espaço na sociedade contemporânea, se transformando ao longo do tempo de modo a se adaptar às mudanças sociais. A peregrinação pós-secular reflete o retorno do interesse pelo sagrado, com a busca pela espiritualidade, conforme apontado por Nilsson e Tesfahuney (2018), fazendo com que as práticas religiosas tradicionais passem a dividir espaço com uma multiplicidade de crenças e manifestações de espiritualidades alternativas. Durante a investigação, pudemos observar que o Caminho de Santiago apresenta muitas características da peregrinação pós-secular. A presença de peregrinos que escolhem fazer a peregrinação por motivos não relacionados à religião demonstra que a peregrinação deixa de ser uma prática vinculada à religiosidade tradicional, abrindo espaço para novas expressões de espiritualidade.

Em relação ao tema da desconexão nos espaços de alojamento destinados aos peregrinos, observamos, por um lado, que este ainda não é um tema recorrente nos albergues visitados. As informações de acesso ao Wi-Fi estavam em locais de fácil visualização, velocidade de conexão geralmente era suficiente e com poucos lugares onde a conexão fosse fraca. Por outro lado, a organização do ambiente, ao favorecer momentos de convívio entre os hóspedes, o número reduzido de fichas para carregamento dos aparelhos, muitas vezes localizadas em pontos longe das camas ou sofás, faz com que os hóspedes possam passar algum tempo desconectados.

Apesar de não haver um incentivo direto à desconexão – como ausência ou limitação de rede de Internet ou avisos para se desconectar –, os anfitriões reconhecem a necessidade e relevância de se discutir o tema, além do que a hiperconectividade pode ter impacto na experiência de peregrinação. O incentivo ao convívio, ao oferecer atividades que encorajam os hóspedes a se conhecerem e conversarem entre si, também favorece a desconexão, além de criar um sentimento de pertencimento e familiaridade entre os peregrinos. Os momentos de partilha proporcionados pelo anfitriões resultam no estabelecimento de laços de familiaridade entre os hóspedes, que, naquele espaço, encontram semelhanças entre si, pelos objetivos em comum, o que podemos relacionar ao sentido de *communitas* (Collins-Kreiner, 2010; Shilo & Collins-Kreiner, 2022; Turner & Turner, 2011 [1978]).

No que diz respeito à dinâmica dos peregrinos nos alojamentos em relação aos media digitais, um aspecto a ser considerado é que as redes sociais são, em certa medida, um dos

principais meios pelos quais os peregrinos chegam aos alojamentos. Páginas no Google, *websites*, Facebook, Instagram e WhatsApp são alguns dos meios que os peregrinos podem utilizar para encontrar e reservar as suas hospedagens. É inegável a importância desses meios tanto para os peregrinos, que têm acesso facilitado a informações antes de chegar aos locais onde irão se hospedar, quanto para os anfitriões, uma vez que ter presença nos media digitais pode ser considerada uma forma de promoção turística, servindo como um facilitador para que esses estabelecimentos alcancem um público maior.

Durante a pesquisa de campo, nomeadamente a observação participante, foi possível perceber que os media digitais estão presentes em vários momentos da peregrinação, através de plataformas e recursos que são utilizados no planeamento da peregrinação, oferecendo acesso a informações relevantes para enriquecer a experiência, como aplicações e *websites* dedicados ao Caminho de Santiago, para conhecer e planejar as rotas, descobrir locais de hospedagem e alimentação e outras informações úteis para a caminhada. É inegável que os media digitais têm o seu papel para auxiliar a peregrinação, embora a sua utilização não indique que os peregrinos considerem indispensáveis esses recursos. Por outro lado, limitações impostas pela peregrinação a pé, como restrições ao acesso à internet em sítios remotos, ou mesmo a dificuldade de acessar certos dispositivos enquanto se caminha, tornam a prática um meio onde estar – ainda que parcialmente – desconectado seja algo normal e até mesmo esperado.

De acordo com Jansson (2018), a mediatização do turismo cria novas formas de envolvimento, possibilitando que o turista se torne produtor de conteúdo ao partilhar suas experiências através das redes sociais. Em relação à forma como as redes sociais são utilizadas pelos peregrinos como um espaço para partilhar suas experiências pessoais, verificamos que o Instagram fornece uma série de possibilidades para os utilizadores, com a aplicação de marcadores – como localização e hashtags – para partilhar o conteúdo relacionado ao tema. A análise das hashtags relacionadas ao Caminho de Santiago no Instagram demonstrou que esta rede social é bastante utilizada pelos peregrinos para partilhar conteúdo relacionado à prática.

A presença dos media digitais durante a peregrinação pode ser percebida antes mesmo do seu início, na fase de preparação. Nesta fase, os peregrinos partilham os preparativos para a viagem, como, por exemplo, caminhadas para treinar para grandes distâncias diariamente, e dicas para organização da mochila. Durante a peregrinação, as redes sociais se tornam uma forma de partilhar a jornada pessoal com outras pessoas. A facilidade de partilhar de

conteúdo é uma característica marcante das redes sociais (Chen et al., 2021; Jansson, 2018), e que no contexto da peregrinação permite que a jornada do peregrino seja acompanhada por aqueles que tenham acesso ao seu perfil. Utilizar o Instagram como um diário da viagem é uma prática comum, encontrada em muitos perfis, demonstrando que esta rede social é um meio onde os peregrinos optam por partilhar suas experiências. Além de ser uma forma de publicizar a peregrinação, este ato funciona também com um espaço de memória, que pode ser acessado a qualquer tempo para relembrar as situações vivenciadas. Publicações com textos que abordam temas relacionados à espiritualidade e com reflexões pessoais mostram que estes espaços online funcionam também com um local de partilha de sentimentos e percepções, criando um senso de comunidade e de pertencimento que se relaciona à *communitas*, como definida por Turner e Turner (2011 [1978]).

Nesse sentido, devemos destacar as representações da relação dos peregrinos entre si e com os espaços, durante a peregrinação. As *selfies*, muitas vezes evidenciando elementos da paisagem, trazem o autor da foto para o espaço onde a fotografia é feita, integrando-o ao meio e dando um significado especial à imagem. Não se trata apenas de uma fotografia de si, mas uma representação de um momento importante da jornada que merece ser partilhado, sobretudo quando acompanhado de um texto que evoca a reflexão e sentimentos experimentados no decorrer da peregrinação. Do mesmo modo, as fotografias junto a outros peregrinos encontrados durante o período demonstram a relevância dos encontros e da partilha social. O peregrino, como sujeito que se afasta temporariamente de seu meio social habitual, experimenta situações que facilitam as trocas sociais com outros indivíduos e a formação de grupos, estabelecendo laços, ainda que transitórios.

Além disso, a presença dedicada a serviços relacionados ao Caminho de Santiago demonstra que as redes sociais, assim como apontado por Wright-Ríos e Marínez-Don (2024), podem funcionar com um espaço de promoção de turismo nas regiões localizadas ao longo das rotas do Caminho de Santiago de Compostela. Esse tipo de utilização das redes sociais através da criação de páginas com objetivos profissionais amplia a experiência dos viajantes, no contexto turístico, ao tornar-se um espaço onde é possível encontrar soluções para as demandas da viagem (Chen et al., 2021; Dickinson et al., 2016), bem como comparar os serviços disponíveis antes de fazer as escolhas mais adequadas para cada necessidade.

5.1 Limitações e pesquisa futura

O Caminho de Santiago é uma denominação comum a várias rotas de peregrinação que têm em comum o destino final, na cidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Este trabalho etnográfico concentrou-se numa rota específica, durante um período limitado de tempo. Esse facto condicionou a quantidade de entrevistas realizadas, uma vez que foram realizadas enquanto era feita a peregrinação. Note-se também a resistência de alguns anfitriões em conceder entrevistas, bem como o desconhecimento a respeito do tema abordado, que se mostrou um obstáculo.

A recolha de publicações online foi feita num período específico, podendo o corpus ser afetado por algumas tendências sazonais (primavera). A escolha de hashtags em língua portuguesa e em espanhol pode, da mesma forma, oferecer um retrato estreito do fenómeno internacional e variado de rotas. Mais ainda, dado o volume expressivo de publicações online obtidas através da pesquisa de hashtags, foi necessário efetuar a redução da amostra para viabilizar a análise. Nesta operação, poderão ter-se perdido algumas das nuances do discurso na rede social Instagram sobre a peregrinação a Santiago de Compostela.

Estudos futuros sobre desconexão no contexto da peregrinação poderão se aprofundar em como a peregrinação pós-secular está associada à prática de viagens desconectadas; em como experiência da desconexão digital pode influenciar a prática da peregrinação em relação à busca por experiências sagradas e por formas de vivência espiritual. No enfoque sobre a promoção turística de rotas de peregrinação, investigações futuras poderão ser direcionadas à exploração de como o turismo pode se beneficiar dos media digitais para o desenvolvimento de estratégias de divulgação, e com isso pode influenciar a experiência de peregrinação.

BIBLIOGRAFIA

- Angelopulo, G. (2014). Connectivity. *Communicatio*, 40(3), 209–222. <https://doi.org/10.1080/02500167.2014.953561>
- Blom, T., Nilsson, M., & Santos, X. (2016). The way to Santiago beyond Santiago. Fisterra and the pilgrimage's post-secular meaning. *European Journal of Tourism Research*, 12, 133–144. <https://doi.org/10.54055/ejtr.v12i.217>
- Blom, T., Nilsson, M., & Solla, X. S. (2008). Pilgrimage or sacred tourism? A modern phenomenon with historical roots, with examples from Fatima and Santiago de Compostela. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 9, Artigo 9. <https://doi.org/10.34624/rtd.v0i9.13693>
- Bucher, T. (2020). Nothing to disconnect from? Being singular plural in an age of machine learning. *Media, Culture & Society*, 42(4), 610–617. <https://doi.org/10.1177/0163443720914028>
- Chen, Y., Lin, Z., Filieri, R., & Liu, R. (2021). Subjective well-being, mobile social media and the enjoyment of tourism experience: A broaden-and-build perspective. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 26, 1070–1080. <https://doi.org/10.1080/10941665.2021.1952285>
- Collins-Kreiner, N. (2010a). Researching pilgrimage: Continuity and Transformations. *Annals of Tourism Research*, 37(2), 440–456. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.10.016>
- Collins-Kreiner, N. (2010b). The geography of pilgrimage and tourism: Transformations and implications for applied geography. *Applied Geography*, 30(1), 153–164. <https://doi.org/10.1016/j.apgeog.2009.02.001>
- Collins-Kreiner, N. (2018). Pilgrimage-Tourism: Common Themes in Different Religions. *International Journal of Religious Tourism and Pilgrimage*, 6, 8–17. <https://doi.org/10.21427/D73428>
- Collins-Kreiner, N. (2019). Pilgrimage tourism-past, present and future rejuvenation: A perspective article. *Tourism Review*. <https://doi.org/10.1108/TR-04-2019-0130>
- Conde, F. J. F., & Alvarez, R. A. (2018). La Concordia de Antealtares en su contexto histórico. Em *Los reyes de Asturias y los orígenes del culto a la tumba del apóstol Santiago* (p. 109–126). Ediciones Trea ; Ayuntamiento de Oviedo.
- Creswell, J. W. (2021). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens*. Penso.
- Dickinson, J. E., Hibbert, J. F., & Filimonau, V. (2016). Mobile technology and the tourist experience: (Dis)connection at the campsite. *Tourism Management*, 57, 193–201. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.06.005>

- Egan, K. (2010). Walking Back to Happiness?: Modern Pilgrimage and the Expression of Suffering on Spain's Camino de Santiago. *Journeys*, 11(1), 107–132. <https://doi.org/10.3167/jys.2010.110106>
- Egger, I., Lei, S. I., & Wassler, P. (2020). Digital free tourism – An exploratory study of tourist motivations. *Tourism Management*, 79, 104098. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2020.104098>
- Estadísticas | Oficina del Pelegrino*. (2024). Oficina de Acogida al Pelegrino. <https://oficinadelperegrino.com/estadisticas-2/>
- Figueiras, R., Brites, M. J., & Schröder, K. C. (2023). Resistência aos media e desconexão digital na literatura ocidental. *MATRIZES*, 17(2), 171–190. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v17i2p171-190>
- franzke, a. s., Bechmann, A., Zimmer, M., Ess, C. M., & Association of Internet Researchers. (2020). *Internet Research: Ethical Guidelines 3.0*.
- Habermas, J. (2006). Religion in the Public Sphere. *European Journal of Philosophy*, 14(1), 1–25. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0378.2006.00241.x>
- Jansson, A. (2018). Rethinking post-tourism in the age of social media. *Annals of Tourism Research*, 69, 101–110. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.01.005>
- Jensen, K. (2008). The qualitative research process. Em K. Jensen (Org.), *A Handbook of media and communication research: Qualitative and quantitative methodologies* (1. publ., [Nachdr.], p. 235–253). Routledge.
- Jorge, A. (2019). Social Media, Interrupted: Users Recounting Temporary Disconnection on Instagram. *Social Media + Society*, 5(4), 2056305119881691. <https://doi.org/10.1177/2056305119881691>
- Jorge, A. (2023). Pilgrimage to Fátima and Santiago after COVID: Dis/connection in the post-digital age. *Mobile Media & Communication*, 11(3), 549–565. <https://doi.org/10.1177/20501579221151041>
- Karppi, T. (2011). Digital Suicide and the Biopolitics of Leaving Facebook. *Transformations: Journal of Media, Culture & Technology*, 20. http://www.transformationsjournal.org/wp-content/uploads/2016/12/Karppi_Trans20.pdf
- Kaun, A., & Treré, E. (2020). Repression, resistance and lifestyle: Charting (dis)connection and activism in times of accelerated capitalism. *Social Movement Studies*, 19(5–6), 697–715. <https://doi.org/10.1080/14742837.2018.1555752>
- Kuntsman, A., & Miyake, E. (2019). The paradox and continuum of digital disengagement:

- Denaturalising digital sociality and technological connectivity. *Media, Culture & Society*, 41(6), 901–913. <https://doi.org/10.1177/0163443719853732>
- Light, B. (2014). *Disconnecting with Social Networking Sites* (p. 191). <https://doi.org/10.1057/9781137022479>
- Light, B., Bagnall, G., Crawford, G., & Gosling, V. (2018). The material role of digital media in connecting with, within and beyond museums. *Convergence*, 24(4), 407–423. <https://doi.org/10.1177/1354856516678587>
- Light, B., & Cassidy, E. (2014). Strategies for the suspension and prevention of connection: Rendering disconnection as socioeconomic lubricant with Facebook. *New Media & Society*, 16, 1169–1184. <https://doi.org/10.1177/1461444814544002>
- Liutikas, D. (2015). In search of miracles: Pilgrimage to the miraculous places. *Tourism Review*, 70. <https://doi.org/10.1108/TR-08-2013-0046>
- Liutikas, D. (2020). *Catholic Pilgrimage in Europe: Contemporary Traditions and Challenges* (p. 201–215). <https://doi.org/10.4018/978-1-7998-2457-2.ch014>
- Lois González, R. C., & Lopez, L. (2021). The Singularity of the Camino de Santiago as a Contemporary Tourism Case. Em *Research for Development* (p. 221–233). https://doi.org/10.1007/978-3-030-44003-9_15
- Lois-González, R. C., & Santos, X. M. (2015). Tourists and pilgrims on their way to Santiago. Motives, Caminos and final destinations. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 13(2), 149–164. <https://doi.org/10.1080/14766825.2014.918985>
- Lopes, P. C. (2020). Uma definição identitária para os caminhos portugueses tardo-medievais de Santiago de Compostela? Dois casos que convidam à reflexão crítica. *Ad limina : revista de investigación del Camino de Santiago y las peregrinaciones*, 11, 61–84.
- Magasic, M., & Gretzel, U. (2020). Travel connectivity. *Tourist Studies*, 20(1), 3–26. <https://doi.org/10.1177/1468797619899343>
- Margry, P. J. (Org.). (2008). *Shrines and pilgrimage in the modern world: New itineraries into the sacred*. Amsterdam University Press.
- Mendes, A. C. (2009). *Peregrinos a Santiago de Compostela: Uma etnografia do caminho português* [Master Thesis]. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/299>
- Mendes, A. L. P. (2018). *A influência do Electronic Word-of-Mouth (eWOM) na intenção de frequentar restaurantes por parte dos Millennials* [masterThesis, Instituto Superior de Economia e Gestão]. <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/17322>
- Nadaís, C. (2010). *O turismo e os territórios da espiritualidade: Os caminhos de Santiago em*

Portugal.

https://www.academia.edu/1084525/O_turismo_e_os_territ%C3%B3rios_da_espiritualidade_os_caminhos_de_Santiago_em_Portugal

Nilsson, M. (2016). *Post-secular tourism: A study of pilgrimages to Santiago de Compostela*. Fakulteten för humaniora och samhällsvetenskap, Kulturgeografi, Karlstads universitet.

Nilsson, M. (2018). Wanderers in the shadow of the sacred myth: Pilgrims in the 21st century. *Social & Cultural Geography*, 19(1), 21–38. <https://doi.org/10.1080/14649365.2016.1249398>

Nilsson, M., & Tesfahuney, M. (2018). The post-secular tourist: Re-thinking pilgrimage tourism. *Tourist Studies*, 18(2), 159–176. <https://doi.org/10.1177/1468797617723467>

Otero, F. (2009). Santiago y los Caminos de Santiago: Un paisaje cultural, una cultura del paisaje. *Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles*, ISSN 0212-9426, Nº. 51, 2009, pags. 203-218.

Santos, M. D. G. M. P. (2020). Peregrinação entre tradição e modernidade: Contributos para uma classificação. *REVER - Revista de Estudos da Religião*, 19(3), 35–54. <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a3>

Schwarzenegger, C., & Lohmeier, C. (2021). Creating opportunities for temporary disconnection: How tourism professionals provide alternatives to being permanently online. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 27(6), 1631–1647. <https://doi.org/10.1177/13548565211033385>

Scriven, R. (2020). Pilgrim and path: The emergence of self and world on a walking pilgrimage in Ireland. *Cultural Geographies*, 27(2), 261–276. <https://doi.org/10.1177/1474474019876622>

Sharpley, R. (Org.). (2009). Turismo, Religião e Espiritualidade. Em *The SAGE handbook of tourism studies* (p. 237–253). SAGE.

Shilo, S., & Collins-Kreiner, N. (2022). *The return of the ‘Black Swan’? Christian pilgrimage to the Holy Land and the Covid-19 pandemic*. <https://doi.org/10.4337/jqrt2022.0001>

Silva, J. A. da. (2004). Caminhos de Santiago: Uma Europa peregrina. *Theologica*, 39(2), 331–357. <https://doi.org/10.34632/theologica.2004.1025>

Smith, V. L. (1992). The Quest in Guest. *Annals of Tourism Research*, 19(1), 1–17. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(92\)90103-V](https://doi.org/10.1016/0160-7383(92)90103-V)

Solla, Á. M. S. (2006). El Camino de Santiago: Turistas y Peregrinos Hacia Compostela. *Cuadernos de Turismo*, 18, Artigo 18.

Syvvertsen, T. (2022). Offline tourism: Digital and screen ambivalence in Norwegian mountain huts with no internet access. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 22(3), 195–209.

<https://doi.org/10.1080/15022250.2022.2070540>

Syvvertsen, T., & Enli, G. (2019). Digital detox: Media resistance and the promise of authenticity. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 26, 135485651984732. <https://doi.org/10.1177/1354856519847325>

Timothy, D. J., & Olsen, D. H. (2006). Tourism and Religion Journeys. Em Timothy, DJ & D. H. Olsen, *Tourism, religion, and spiritual journeys* (p. 1–21). Routledge.

Treré, E., Natale, S., Keightley, E., & Punathambekar, A. (2020). The limits and boundaries of digital disconnection. *Media, Culture & Society*, 42(4), 605–609. <https://doi.org/10.1177/0163443720922054>

Turner, V. W., & Turner, E. L. B. (2011). *Image and pilgrimage in Christian culture*. Columbia University Press.

Wei, R. (2013). Mobile media: Coming of age with a big splash. *Mobile Media & Communication*, 1(1), 50–56. <https://doi.org/10.1177/2050157912459494>

Wright-Ríos, E., & Martínez-Don, C. G. (2024). Posting the Journey to Juquila: Pilgrimage, Digital Devotion, and Social Media in Mexico. *Latin American Research Review*, 1–20. <https://doi.org/10.1017/lar.2024.8>

ANEXOS

Anexo 1 Guião de entrevista a anfitriões de alojamento

Contexto pessoal

1. Conte-nos um pouco sobre si, que formação teve e que funções já ocupou?
2. Há quanto tempo ocupa esta função?
3. Pode dizer-nos um pouco sobre o seu próprio uso de meios de comunicação/ e qual é o seu uso habitual de smartphone? E no trabalho?
4. Ligado a outras coisas que em que você tem interesse, atividades, valores? Experiências da natureza? Sustentabilidade? Vida lenta? Outro

Peregrinações

5. O que considera que as pessoas buscam ao realizar uma peregrinação – a curto e longo prazo?
6. Como vê o vosso papel enquanto alojamento nessa experiência da peregrinação?
7. O que considera que distingue o seu alojamento de outros tipos (Hostels vs. Albergues vs. Hotéis...)?

Tema: Instalações + Sensibilização

Acesso à Internet/móvel no alojamento?

8. Situação real no alojamento: que rede está disponível? Por fibra/satélite/móvel?
9. Como é o acesso à internet nesta zona, e nos caminhos próximos?
10. Você aproveita isso, por exemplo, organizando algumas atividades presenciais ou sociais?
11. Qual a importância dos media digitais para o negócio/atividade do vosso alojamento? (marcações, informação, contactos).
12. Têm estratégias para aparecer no Google Maps, redes sociais?

TEMA: Motivações

Peregrinos – clientes?

13. Como você informa ou avisa peregrinos sobre as condições de acesso à internet aqui no alojamento?

14. Existem pessoas que vêm fazer a peregrinação / para este alojamento porque não tem rede ou esperavam que não tivesse internet?
15. Como isso é expresso? Quem é esse público?
16. Se não respondeu: Como você pensa sobre isso? Vantagem ou desvantagem para o alojamento?
17. As pessoas perguntam antes de fazer reserva/se instalarem? À chegada?
18. Que tipo de reações têm sobre a existência/não de rede?
19. Isto gera algum tipo de problemas ou dilemas e conflitos?
20. *Pense numa experiência em que internet/smartphone foi causa de perturbação.* Descreva a situação. O que achou?
21. Você falou com outras pessoas sobre isso – ou com aqueles que estavam a perturbar?
22. Que valor acha que os peregrinos dão ao smartphone e internet? Como observa isso? Há diferenças entre os peregrinos? Há categorias típicas?

TEMA: Instalações

A atmosfera/experiência nos alojamentos

23. Como é que as pessoas passam o seu tempo livre nos alojamentos, durante as peregrinações?
24. O acesso à internet/telefone afeta as rotinas, os relacionamentos, o ambiente no alojamento? Como?
25. Existem locais/horários em que internet/smartphone é bem-visto no alojamento? E outros em que é indesejável?
26. Existem diretrizes ou informações disponíveis, por exemplo, sobre zonas sem telemóvel? Reações? Experiências? Para tais diretrizes

TEMA: Conscientização

27. O uso de media/telemóvel é um tema de discussão para os alojamentos/associação turística? Como?
28. Recebe algum tipo de informações/recomendações por parte de alguma associação turística? Como?
29. Existem documentos/diretrizes/material informativo separados especificamente sobre o uso de dispositivos móveis/meios de comunicação?
30. É um tema sobre o qual você fornece informações para a associação?

31. Acredita que a associação turística deve utilizar o offline no seu marketing para atrair peregrinos?

TEMA: Conscientização, motivações

Tendência/movimento?

32. Na sua percepção, quais são os serviços digitais que são valorizados pelos peregrinos, ou seja, aqueles que não conseguem viver sem? (fora do alojamento)
33. Ao participarem de uma peregrinação, acha que as pessoas procuram umas férias ou um tempo sem tecnologias (internet ou smartphone)?
34. Já notou algum efeito desse turismo "desconectado" entre os peregrinos? Dizem alguma coisa sobre isso?
35. Você acha que o desejo de estar offline ou fazer um detox digital faz parte de uma tendência ou movimento maior?
36. O que acha que viagens e férias sem tecnologias digitais oferecem aos turistas a longo prazo? E a curto prazo?
37. Você conhece (outros) lugares/movimentos que recomendam ficar sem rede/internet ou telefone?
38. Você recomendaria que as pessoas ficassem sem smartphone ou internet? Já o fez?
39. Quais as reações de pessoas que não estão inseridas na experiência da peregrinação sobre os smartphones e internet? Acha que esse assunto recebe atenção dos media (jornais, revistas, etc)?

TEMA: Conscientização, motivações. Indústria/política/regulamentação

Pensando de uma forma geral:

40. Até que ponto considera que as pessoas sabem e conseguem regular o seu próprio uso dos meios digitais?
41. Até que ponto acha que este uso intensivo dos meios digitais é um problema social? (geral?, de grupo de idade?, de pessoas urbanas?)
42. Os políticos ou outros grupos sociais ou instituições devem criar normas, regras, diretrizes?
43. Que tipo de normas, diretrizes, regras você acha que são necessárias?
44. Você sente que valores importantes estão ameaçados por smartphones e meios digitais? Quais?

Perspectivas/final

- 45. Se você pensar 5-10-15 anos atrás, como era diferente do que falamos?
- 46. Perspectivas futuras - você acha que as questões sobre as quais falamos se tornarão mais ou menos importantes em 5-10-15 anos?
- 47. Já perguntei tudo o que é importante. Algo mais que você gostaria de destacar?

Anexo 2 Transcrição das entrevistas

Anexo 2.1 Entrevista Anfitrião 1

Entrevistadora: Conte-nos um pouco sobre si, que formação teve e que funções já ocupou?

Anfitrião: Isso foi um projeto da Laura. A Laura é que foi a principal, a Laura é que se dedica a isto. Eu neste momento estou aqui porque estou lesionado.

Entrevistadora: Você tem outra função?

Anfitrião: Sim, eu trabalho numa empresa de gestão de resíduos, sou comercial, mas ao final do dia estou sempre aqui com os peregrinos, a gente faz este vinho do Porto todos os dias, sabe? Eu encontro-me aqui sempre com eles. Mas a Laura... nós restauramos esta casa há 12 anos e aquela parte que está destinada a albergue, na altura fizemo-la a pensar para os nossos amigos, para os amigos dos nossos filhos se viessem cá passar um fim de semana. Mas raramente isso acontecia e então a Laura, que trabalhava numa empresa têxtil, ela era modelista. A data têxtil, há 12 anos muitas empresas fecharam, a dela fechou e ela ficou sem emprego. E como nós fazíamos o caminho também já de vez em quando e víamos muitos peregrinos aqui sem lugar para dormir porque aqui há muitos poucos albergues, decidimos transformar isto num albergue.

Entrevistadora: Então, foi meio accidental?

Anfitrião: Foi accidental mesmo. Foi uma que foi uma feliz coincidência. Falarmos com os albergues do Porto e com a Associação dos Jacobeus para pôr nos guias e tal. E, entretanto, isto começou a funcionar e até hoje tem sido um sucesso.

Entrevistadora: Então, têm pouco mais de 10 anos...

Anfitrião: 10 anos, este aqui tem mesmo 10 anos.

Entrevistadora: Pode dizer-nos um pouco sobre o seu próprio uso de meios de comunicação/ e qual é o seu uso habitual de smartphone? E no trabalho?

Anfitrião: É sim, eu acho que o Facebook, visito de vez em quando, não sou grande frequentador do Facebook. A Casa da Laura tem uma página no Facebook, mas também é pouco utilizada. Isto aqui, ora eu... e-mail... e-mail, sim, no trabalho principalmente, e aqui para a casa da Laura

também..., mas usamos muito é o telefone, e-mail, peregrinos que chegam aqui tocam à porta e se há lugar dormem. Portanto não há, nós não temos grande divulgação nas redes sociais.

Entrevistadora: Você disse que vocês já fizeram caminho de Santiago algumas vezes, certo?

Anfitrião: Sim.

Entrevistadora: E tem alguma outra experiência que vocês façam, de caminhada na natureza ou algum esporte que seja... desconectado?

Anfitrião: De caminhada sim. Nós fazemos caminhada, não é bem da natureza, mas sim, acaba por ser a natureza já que nós moramos aqui no meio da natureza. Sim, e todos os dias vamos dar uma caminhada de 7 a 8 km, por questões de saúde. Todos os dias fazemos uma caminhada ou aqui, por aqui, pelas florestas ou a junto ao mar, que nós estamos aqui muito próximos da praia. Tem ali os passadiços, portanto, todos os dias fazemos caminhada, mas é só recreativa. Os Caminhos (de Santiago), para já, fizemos 2 ou 3 vezes, aí parámos 10 dias e mantemo-nos ao caminho. E, há que andar. Eu por acaso, agora já não fazemos o caminho para aí há uns 4 ou 5 anos. Agora começa a ser complicado ir assim, sem nada programado, porque já há muitos peregrinos. Já há muitos albergues cheios. No tempo que nós fazíamos, íamos mesmo sem nada previsto. Era ir, quando estivéssemos cansados, parávamos, quando quiséssemos comer, comíamos. E, agora há aquelas etapas muito previstas. Vai se aqui, já se tem marcado pro dia seguinte e marcas a seguir.

Entrevistadora: Aí se não marcar, não há lugar.

Anfitrião: Se não marcar, fica difícil, mas eu essa parte ainda não fiz nenhum. Estávamos a pensar fazer agora pra Outubro, porque nós. Só podemos fazer o caminho nas épocas baixas. Nas épocas altas, temos o albergue, sempre com muita gente, não é? Então nós agora lá para outubro, novembro penso que vamos fazer um pedaço do Caminho Francês, que ainda não fizemos, ali 10 dias.

Entrevistadora: Agora falando um pouco sobre peregrinos. O que o você considera que as pessoas procuram quando elas buscam uma Peregrinação – a curto e longo prazo, pensando no Caminho de Santiago?

Anfitrião: Nós aqui temos peregrinos mesmo, mesmo de todo mundo. Todo mundo completamente. Nós fazemos o registo, mas eu ainda não fiz o registo deste ano. Penso que já há mais 2 ou 3 países que não que que não, que nunca cá tinham vindo, que é Hong Kong e Taiwan. Este ano, teria havido muita gente de Hong Kong e de Taiwan, mas excetuando isso até o ano passado, já tinham passado aqui 68 nacionalidades. Muita gente de religiões completamente distintas e o que eu percebo, hoje não vai, os peregrinos não vêm por questões religiosas, questão de espírito, espiritual.

Entrevistadora: Não é só o caminhar, então?

Anfitrião: Não é só caminhar. É o relaxar, é o desligar-se da sua vida do dia a dia. E, realmente isso é verdade, você vai fazer o Caminho e vai perceber que durante o caminho esquece-se do que se passa à sua volta, que é de caminhar e de ver do que é que corre bem.

Entrevistadora: Como vê o vosso papel – da Casa da Laura – enquanto alojamento nessa experiência da peregrinação?

Anfitrião: É um local de pouso, e para muitos é o primeiro dia. Gente de todo mundo, eu digo, gente que vem diretamente do aeroporto para aqui, portanto é o primeiro contacto com o país, muitas vezes, ainda nem conhecem as moedas nem as notas, não usam euros. E nós vemos, eu mando-os almoçar ou jantar ali à esquina de São Brás, que é um sítio muito regional, muito simpático e as pessoas ficam lá, algumas ficam encantadas com o serviço e com o preço, porque Portugal para a média do resto do mundo, é um país muito barato. Há pessoas muito, muito acolhedoras. Toda a gente no Caminho, você vai pelo caminho e passa por alguém. Toda a gente lhe oferece fruta, oferece-lhe água ou dá-lhe, pelo menos deseja-lhe “bom caminho”. Portanto, é uma boa relação que existe entre os peregrinos e a sociedade aqui que o caminho atravessa.

Entrevistadora: O que considera que distingue um alojamento como a Casa da Laura, que é um alojamento local, pequeno, com poucas camas, bem familiar de outros tipos de alojamento, como hostels, hotéis...?

Anfitrião: É. Faz a diferença mesmo. E o sucesso da casa da Laura tem muito a ver com isso. Que é para ser um lugar pequeno, não tem televisão, só tem mesmo as coisas básicas, um bom banho, uma boa cama, um sítio bom para lavar a roupa, um belo jardim para descansar... E este

encontro ao final do dia do Vinho do Porto e os cocos que a Laura faz é que junta os peregrinos todos. Por vezes, normalmente acontece, chega um, chega outro, chega outro, um vai descansar, outro vai visitar a terra, o outro vai lavar roupa outro vai dar uma volta e ninguém se fala.

Entrevistadora: Sabe que nós paramos todos no mesmo lugar, todos na mesma praça

Anfitrião: Mesmo já serão, porque já sei, já sei onde foram (risos)

Entrevistadora: Sim na mesma praça, estávamos todos lá, no mesmo bar jantando.

Anfitrião: Anfitrião: Pois é um caso disso. Então as pessoas só chegam aqui muitas vezes, não se conhecem. Neste momento, no final da tarde, toda a gente se conhece, toda a gente se conversa e amanhã já saem todos juntos. Já vão para mesmo sítio também. Eu não tenho... Pá, é a diferença entre estar aqui e estar num hotel é que no hotel entra-se num quarto e não se tem nenhum contacto com os outros peregrinos. E com a natureza. Porque isso acaba por ser... Isso chega aqui no verão, aquelas árvores que ali estão começam a dar frutos, e a fruta é para os peregrinos. Eles vão lá apanhar as maçãs, peras e tangerinas. Então é isso que querem. Eu tenho ali um chuveiro, no verão é muito concorrido. Porque se faz calor, é um sítio engraçado, é um sítio diferente. Tem um espírito de albergue. Eu conheço muitos albergues com esse espírito que nós tentamos, tentamos que este aqui seja um exemplo dos melhores que eu conheço.

Entrevistadora: Qual rede está disponível? Por fibra/satélite/móvel?? É a cabo, ou fibra?

Anfitrião: É fibra.

Entrevistadora: A internet nessa zona é de fácil acesso? Não só nos alojamentos, mas na região?

Anfitrião: Sim. É bem coberto com várias empresas, todas tem aqui fibra. E pronto, aqui temos uma boa Internet, nesse aspecto estamos bem servidos.

Entrevistadora: No caso da Casa da Laura, você disse que tem uma página no Facebook, mas que não é muito utilizada, é isso?

Anfitrião: Sim não é muito utilizado.

Entrevistadora: Tem Instagram ou outras redes?

Anfitrião: Não.

Entrevistadora: Vocês tem alguma estratégia para, por exemplo, aparecer no Google Maps, ou no Google Meu Negócio?

Anfitrião: Não. Estamos no Google Maps, mas não sei como.

Entrevistadora: Então é orgânico?

Não fomos nós que fizemos nada, nós não fizemos nada, está lá.

Entrevistadora: Então não foram vocês que fizeram?

Anfitrião: Não fomos nós que fizemos nada, está lá. Nós vamos aos mapas de Vilarinho e aparece logo a Casa da Laura em realce. Os ingleses, franceses, o alemão, os chineses, eles falam da Casa da Laura, mas não fomos nós que fizemos nada. São os próprios peregrinos que devem ir alimentando, dão as suas opiniões... tirando um guia, que é o guia da Associação Jacobeu de Santiago, foi o primeiro que nós nos inscrevemos quando abrimos, nunca mais fizemos nada.

Entrevistadora: Quando o peregrino chega vocês o informam que tem WiFi e informa a senha?

Anfitrião: Sim. O WiFi (utilizador), a password. E que o WiFi é gratuito, que podem ligar.

Entrevistadora: Já teve algum peregrino que veio pensando em não ter WiFi?

Anfitrião: Ah... bem... tem aqueles peregrinos que são mais desligados. Que não tem nada, que querem estar desligados. Passam aqui alguns que eu falo com eles. Há aqueles que falam, que de três em três dias fazem o telefonema, chamam a família, só para saber se está tudo bem.

Entrevistadora: Então esses peregrinos não vem pelo WiFi?

Anfitrião: E depois desligam o telefone e andam mais três dias sem falar com ninguém, sem saber de rede, não querem saber de nada, não querem saber de nada.

Entrevistadora: Existem pessoas que vêm fazer a peregrinação, porque não tem rede ou esperavam que não tivesse internet?

Anfitrião: Isso há muita gente, mas também há muita gente que o WiFi é parte mais importante que eles têm. Quando já me aconteceu para ter quebra de WiFi e é um problema que as pessoas estão aqui, querem falar para casa, querem ver mapas. Bem, há duas vertentes, há a gente que é muito dependente do WiFi, e há a gente que não quer saber do WiFi pra nada.

Entrevistadora: As pessoas costumam perguntar se tem WiFi antes de fazer a reserva?

Anfitrião: Sim. Nem todas, mas muitas perguntam mesmo se tem WiFi. É porque perguntam normalmente tem WiFi e em tem algum restaurante próximo (risos). Sobre as duas perguntas mais usadas.

Entrevistadora: Você consegue pensar em alguma experiência em que ter Internet ou smartphone sempre à mão foi sinal de perturbação, de algo desagradável?

Para mim pessoalmente sim, claro. O telefone sempre à mão e a informação toda permanente e é útil, mas é muito incômodo. Mesmo a nível de trabalho, a nível pessoal, porque nós não conseguimos estar sossegados em lado nenhum porque... Eu sou antigo, não é? E quando alguém me ligava, se às vezes eu estava no café, eles ligavam-me para o café e eu perguntava: como é que sabes que eu estava aqui? Agora não precisa perguntar porque é que sabes que estou aqui porque o telefone está sempre na mão. O telefone, os e-mails, as boas notícias, as más notícias estão sempre... tem a sua facilidade, mas tem a sua inconveniência.

Entrevistadora: Que valor você acha que os peregrinos de hoje dão ao smartphone e a internet? Você já falou, por exemplo, da questão dos mapas. Há alguma diferença entre um tipo de peregrino que dá mais valor a essa tecnologia, outro que dá um pouquinho menos?

Anfitrião: Há muitos peregrinos que dão valor total, que vem mesmo com... Aliás, há muitos peregrinos que não fazem o Caminho de Santiago, porque não vem pelo caminho indicado pelas setas, vem como o Google Maps a seguir o caminho mais próximo. Então aí muitas vezes não é o caminho, eu vejo muitas vezes peregrinos fora da rota convencional. Eles vem cá ter, só que vem pelo caminho mais próximo porque estavam a seguir o que o Google lhes diz.

Entrevistadora: E é possível não se perder seguindo só as setas?

Anfitrião: Se eles seguirem as setas amarelas eles encontram o caminho, não há como se perder, e se chegar aqui abaixo, e no lugar de seguir o Google, vir a seguir as setas, aproveitando o Caminho, que o Caminho é pelas setas. E é um caminho muito bonito, mas se for pelo google não se vê.

Entrevistadora: Como as pessoas costuma usar o tempo livre no albergue, durante o tempo em que estão aqui.

Anfitrião: Normalmente as pessoas chegam aqui cedo, a partir da uma ou duas da tarde e é um banho, descansar um bocado e depois ficar aqui. Ou ler, ou lavar uma roupa, e vê por aí. É isso que eles fazem, pronto, ficam, conhecem melhor as pessoas, ficam na conversa.

Entrevistadora: E você percebe se eles ficam muito ao telefone, ou se ficam mais na conversa?

Anfitrião: Aí tem de tudo, tem gente que passa o dia ao telefone ou a falar, ou a tirar fotografias, a filmar, a escrever, ou tirar nota. Gente muito dependente da máquina. Mas a maior parte desliga-se e fica aí a ouvir os passarinhos.

Entrevistadora: Você acha que o fato de ter acesso à Internet e algumas pessoas terem essa necessidade de estarem sempre conectados afeta de alguma forma a rotina do espaço?

Anfitrião: Não, porque as pessoas... aliás, há muita gente que no lugar trazer um livro traz o iPhone e fica a ler no iPhone, né? Portanto, tanto por aí, estão descansados. Há outras pessoas que gostam muito de estar a falar e a mostrar, e a ver e, enfim, e mandam tudo para a família ficar a saber o sítio onde estão. Há um pouco de tudo, mas a maior parte está mais desligada. 80% dos peregrinos ficam ali na conversa e pousam os telefones, se não os deixo-os a carregar, e não vivem muito a buscá-los.

Entrevistadora: Há, ou já houve alguma zona que fosse “no phone”, “no internet”, dentro do alojamento?

Anfitrião: Não. No Caminho vai encontrar albergues que não tem rede, que não tem nada.

Entrevistadora: Interessante...

Anfitrião: Sim. Sim Por acaso aqui não. Aqui não tem, mas há albergues que fazem questão de não ter o WiFi. Entrou, o serviço é mesmo o básico, aqui é um bocadinho mais que ou quase básico. Só tem as coisas básicas que é um bom banho, vai descansar, lavar uma roupa, depois tem o Wifi, tem fruta. Mas já há sítios que não, que é mesmo básico, não há rede, a pessoa só tem uma cama para dormir, não há televisão. Mas a Casa da Laura está um bocadinho no meio termo.

Entrevistadora: Você disse que vocês fazem parte de uma associação de hospedagem no Caminho

Anfitrião: Vamos lá... nem, não é bem fazer parte, estamos inscritos na Associação do Jacobeu, que é quem emite as credencias da Catedral do Porto.

Entrevistadora: Ah sim, a Via Lusitana?

Anfitrião: Sim. E de vez em quando contactam-nos para saber se as condições são as mesmas, está tudo bem se se temos alguma coisa a acrescentar, sim, mas é uma relação, percebes, não é bem uma associação.

Entrevistadora: E você sabe se há, em alguma associação, alguma discussão desse tipo, sobre o uso de internet e do telemóvel durante o caminho?

Anfitrião: Talvez haja, mas eu nunca participei nada desse gênero. Nunca teve uma abordagem nesse tema.

Entrevistadora: Nunca teve uma abordagem nesse tema, por exemplo, priorizar os guias manuais eventualmente, ao invés dos guias online?

Anfitrião: Sim, até pelo contrário, neste momento já está a haver uma associação que está a usar credenciais online, em que já não é o livrinho, o carimbo já é online, porque é por QR-Code. Mas eu também, já me pediram para aderir a isso e eu não aderi.

Entrevistadora: Aí já era estar 100% conectado...

Anfitrião: Pois, aí eu não aderi a isso, mas já há muitos peregrinos que não trazem credencial já no formato digital.

Entrevistadora: Na sua percepção, quais são os serviços digitais que são valorizados pelos peregrinos, ou seja, aqueles que não conseguem viver sem? Aqueles que quem faz uma Peregrinação e que usam muito o telemóvel não consegue ficar sem.

Anfitrião: Quais os serviços? Os serviços de que género? Telefone, WiFi?

Entrevistadora: Sim. Os serviços que estão disponíveis no telemóvel. Aplicações, por exemplo, como o Google Maps.

Anfitrião: O “Maps”, sim. Há uma associação, um guia muito conhecido. Aliás há vários, mas o que eu até gosto mais é o Gronze, que é o espanhol. E o Gronze é giro, olha. Eu por acaso também já fiz isso. Eu descarrego o Gronze e o Gronze me dá a informação toda do caminho, o onde estão bem.

Entrevistadora: Estou também estou usando o Gronze.

Anfitrião: Estás a usar o Gronze? O Gronze é bom.

Entrevistadora: Sim, principalmente para hospedagem, porque eu já sabia por onde eu ia passar, e precisava saber onde eu poderia ficar.

Anfitrião: Sim, sim, o Gronze é bom para hospedagem, para descobrir sítios para comer, sítios bonitos para se visitar, portanto, as pessoas descarregam o Gronze, há também o *Buen Camino*. Há três ou quatro aplicações que as pessoas usam. Algumas pessoas usam. Mas muitas, muitas vêm guiadas por aí.

Entrevistadora: Ao participarem uma peregrinação, e estamos falando do Caminho de Santiago, mas em Portugal também tem o Caminho de Fátima, você pensa que as pessoas procuram férias ou, eventualmente, um tempo sem tecnologias, ou de repente os dois?

Anfitrião: O Caminho de Santiago é totalmente distinto do Caminho de Fátima. Ou melhor, a vocação que as pessoas fazem o Caminho de Santiago e numa de férias, de conhecer a ruralidade do país, conhecer a gastronomia, maior parte das pessoas é nesse sentido. O de Fátima é muito

mais religioso. Como eu lhe dizia, pouca gente aqui vem mesmo como vertente religiosa, portanto haverá, mas o caminho de Fátima praticamente é, toda a gente vai com uma vertente muito religiosa e não vai com aquele tempo... Aqui as pessoas fazem 25 km por dia, no que vão para Fátima, fazem 60 ou 70 km, andam à noite, querem andar, querem chegar lá, o Caminho de Santiago é muito mais lúdico, é.... gostam de comer, gostam de conhecer as pessoas e com calma, tanto aqui é mais de férias. O de Fátima é mais promessa e com intento religioso.

Entrevistadora: E você já notou algum efeito de um turismo desconectado? Como você disse, algumas pessoas vêm e fazem questão de não ter o telemóvel sempre à mão, entre os peregrinos? Você nota as pessoas dizendo algo sobre isso?

Anfitrião: Sim, porque a maior parte das pessoas que vêm desconectadas são pessoas que no dia a dia estão sempre conectadas. Elas vem todas felizes a dizer “aí eu consigo, eu consigo viver sem estar ligado ao telemóvel”. Porque para dizer depois que... sei lá, eu muitas vezes aqui todos os dias, ou quase, ligo para Barcelos, para albergues, para arranjar dormida para o dia seguinte. Há pessoas que não fazem ideia nenhuma do que é que há em Barcelos, porque estão mesmo que não tendo as tais aplicações, não há internet. Então vieram aqui parar porque alguém lhes disse que aqui havia a Casa da Laura, e daqui vão para outro sítio porque alguém lhes disse que há outro sítio.

Entrevistadora: Você acha que esse tipo de viagem, que seria como se fosse um *detox* digital, pensando que as pessoas estão 100% conectadas, e depois 100% desconectadas, pode fazer parte de uma tendência maior?

Anfitrião: Sim, eu penso que sim. Acho que a ideia é cada vez mais é das pessoas que se metem ao Caminho. Porque lhe digo, é gente de todo o mundo, não é? Que veio fazer o Caminho e que não ficam completamente desconectadas, como eu dizia, há alguns, ao final do dia ligam à casa ou de três em três dias, mas o que eles valorizam, mesmo é saberem que vão passar o dia todo sem o telefone tocar, sem ver um e-mail, sem nada, só vão a ver o caminho. Isso é o que motiva muita gente que está a vir agora aí.

Entrevistadora: E você conhece outros lugares que recomendam ficar sem rede, além de albergues durante o caminho? Ou como você disse, tem alguns albergues que não tem nem Internet?

Anfitrião: Tem alguns que eu conheço, quer dizer, eu conheço lugares que não têm nada, mas não é por não é por opção, não tem porque não tem. Por opção que eu conheça e dois ou três albergues já do lado de Espanha. Que fazem questão de não ter nada, fazem questão de apagar a luz às 10h da noite e mesmo que se queira acender a luz, não há luz, fazer com que as pessoas vivam mesmo no básico.

Entrevistadora: E você recomendaria para as pessoas passarem esse tempo sem telemóvel?

Anfitrião: Sim, eu recomendo, não... Eu vou, eu vou e aí também desligo (risos). Eu vou e também desligo, mas não desligo totalmente. Sabe, quando paro para usar, é pra ver se tem aquela uma chamada urgente ou à noite, mas não vou com isto sempre ligado.

Entrevistadora: E você acha que, pensando de uma forma geral, até que ponto considera que as pessoas sabem e conseguem controlar o uso das redes sociais, pensando não só durante a caminhada, mas no dia a dia?

Anfitrião: A maior parte das pessoas não sabem controlar, estão completamente dependentes. A maior parte das pessoas estão completamente dependentes mesmo do telefone, do iPhone. Porque há gente que se esquecer o telefone em casa, volta a casa para buscar, porque é muito dependente mesmo, que é completamente dependente. Aí a verdade é essa, quer dizer neste momento nós temos tudo no telemóvel, temos a nossa identificação, temos a nossa carta de condução, temos as nossas contas bancárias. Se não tivermos telemóvel, e se não formos preparados para não ter telemóvel, porque é uma questão. Quando vamos ao Caminho, e não queremos telemóvel temos de nos preparar para não ter telemóvel. Porque senão também não conseguimos viver. Pá, não ei, pá, está lá tudo, o cartão, está lá o pagamento do Banco, está lá a carta de condução, está lá o bilhete de identidade, passaporte, está tudo no telemóvel.

Entrevistadora: Até que ponto o você acha que o uso intensivo de meios digitais, pensando que hoje a nossa vida está dentro de um de um aparelho que pode quebrar, até que ponto isso pode ser um problema social? Ou um problema principalmente para algumas faixas etárias?

Anfitrião: Sim, é um problema social porque as pessoas ficam mesmo dependentes desse aparelho e depois são muito influenciados pelas redes sociais, pelas fake news. Eu conheço

muito a juventude, eu faço parte de um clube, trabalho com miúdos. E eu vejo que os miúdos já nem brincam, já nem falam uns com os outros. Só querem mesmo estar ao telemóvel, não se falam, portanto, eu penso que isso atrasa, eu penso, quer dizer atrasa no sentido da comunicação, do bem viver, atrasa muita muito a sociedade as pessoas estarem completamente dependentes da máquina.

Entrevistadora: Você pensa que os políticos, as instituições ou mesmo grupos sociais deveriam criar regras e diretrizes para o uso de redes sociais?

Anfitrião: Sim poderiam criar, não sei bem como, mas acho que era interessante ter. É, sei lá como... Olha, a minha filha ainda há pouco tempo, a minha filha gosta muito de ir para a Ásia, passa lá meses. E é o que ela diz, nós vamos para Ásia, sei lá, no Camboja, na Malásia. Vamos para um hotel e o hotel tem WiFi, das 6 às 7h. E nós se queremos alguma coisa, tem que ser das 6 às 7. Depois tem luz das 4 às 8h, depois tem água, portanto, as coisas são todas muito limitadas e ela avisa para nós, às 6h quero ligar para ti ou quero tirar uma fotografia. Aproveito essa hora porque a seguir corta o WiFi. Não sei, aqui na sociedade ocidental será que tal coisa será possível? Mas não era mal pensado já vir uma regra qualquer em que as pessoas não tivessem que estar sempre dependentes, tivessem que se organizar outra forma sem ser através do telemóvel.

Entrevistadora: Você pensa que existem valores que são ameaçados pelo uso excessivo dos meios digitais? E quais seriam?

Anfitrião: Sim, pelo menos a amizade. Acho que a amizade é mesmo afectada porque as pessoas deixam de conversar, deixam de... estão num restaurante às vezes, e tem seis pessoas numa mesa, e estão todas ao telemóvel, não estão a conversar umas com as outras, portanto, se calhar estão, mas é por ali, portanto, isso é um bocado degradante e eu irrito-me. E eu conheço restaurantes que obrigam, eu conheço um restaurante, aliás, aqui em Vila do Conde, que não permite entrada do telemóvel. É e é um belo sítio está, já está conversado, porque se não está tudo ali amarrado ao telemóvel. Está mais que é uma ameaça para a cidadania as pessoas estarem tão dependentes do telemóvel.

Entrevistadora: A Casa da Laura existe como alojamento de peregrinos há 10 anos, como você disse. Se você pensar 5-10-15 anos atrás, como era diferente do que falamos?

Anfitrião: Sim... Aqui não mudou muito. Quer dizer, aqui já tinha WiFi, na altura que abriu. Depois não há mais tecnologias. Eu aqui não tenho tecnologia nenhuma. A única tecnologia que eu tenho é ter WiFi para as pessoas. Agora as pessoas é que já vem mais trajadas. Antigamente havia muita gente tinha telemóveis para telefonar em que o telemóvel servia para telefonar. E agora as pessoas vêm com um aparelho que também dá para telefonar, portanto, mas está. Realmente, já há 10 anos atrás, as pessoas vinham e pouca gente tinha um iPhone, quer dizer ainda tinham um telefone antigo e não estavam aqui amarradas a ver os mapas e a ver as notícias. Estavam muito mais desprendidas. Agora já toda a gente tem um telemóvel com redes sociais e coisa, agora já se dispersa mais nisso, é verdade.

Entrevistadora: E pensando numa perspetiva futura, você pensa que esse tema de estar mais desconectado, pensando no Caminho de Santiago, pensa que isso terá mais importância ou se continuará mais ou menos como é hoje?

Anfitrião: Eu penso que vai haver gente... vai haver muita gente que faz o caminho que vem com a intenção mesmo de se desconectar e cada vez mais. No caminho eu penso e também há muita gente que vai vir dependente das apps e tal. Mas eu reparo que há muita gente que aqui dizem mesmo “a minha ideia de fazer o caminho é conseguir desligar-me um bocado do dia-a-dia”. E só ligam para casa à noite, só ligam para casa de três em três dias, e não querem saber de notícias. Não querem saber do LinkedIn, não querem saber do WhatsApp, sabes, não querem saber de nada. E eu acho que isso cada vez vai haver mais gente nessa... porque vai haver gente mais gente com essa necessidade, porque o dia a dia de toda a gente é muito amarrado à máquina.

Entrevistadora: Já perguntei tudo o que é importante. Algo mais que você gostaria de destacar?

Anfitrião: Pronto, acho que também já falámos um bocadinho sobre tudo. O tema, é... Eu não sei que tecnologias é que podem ainda vir acima do que já existe, mas aqui o WiFi vai ter. Mais nada não vai ter. Daqui a 10 anos, se vier cá a única coisa que nós disponibilizamos é o WiFi. Não vamos ter nem televisões, nem ecrãs, nem novas maquinarias, porque pra mim o WiFi, acho que sim. Acho que é uma coisa que, embora, pá pois acaba por ser útil que gente todo mundo chega aqui gosta de falar para os filhos, gostam de mandar fotografias, portanto, o WiFi acho que é útil e depois, cada um que use da melhor maneira. Mas o facto disponibilizar a WiFi

acho que é uma obrigação que eu penso que é um bom serviço. Daí pra frente, cada um pode trazer os aparelhos se quiser e conectar-se.

Entrevistadora: Muito obrigada! Foi muito bom conversar com vocês. Agradeço imenso.

Anfitrião: Ok obrigado.

Anexo 2.2 Entrevista Anfitriã 2

Entrevistadora: Para a gente começar a conversar, eu queria que você contasse um pouquinho sobre si, sobre a sua formação, sobre outros trabalhos que teve antes de abrir o albergue.

Anfitriã: Então eu chamo-me Rosa, tenho 47 anos, trabalhei na operação fabril, confecções, até aos meus 25 anos. Fui mãe aos 23 e aos 25 anos, ao ser mãe, descobriram... nasceu-me um filho portador de uma deficiência e no qual, a partir daí, desse dessa altura, dediquei-me ao meu filho. parte do meu tempo dediquei-me ao meu filho. Entretanto, nesse espaço de tempo, até abrir o albergue fiz duas formações: de apoio à família e comunidade e de cabeleireira. Depois surgiu a ideia de eu abrir o albergue. Tinha a casa sem ninguém, espaço livre. Numa conversa, numa fila para inscrever a minha filha na universidade, encontro uma Senhora que é a dona de um albergue, o albergue de Paredes de Coura. E ela me disse, se eu conhecia alguém na freguesia da Faixa, se tivesse uma casa vazia, porque tinha muitos peregrinos que queriam fazer pausa na Faixa, porque em termos de quilómetros era mais equilibrado. E eu disse-lhe que tinha, e ela disse: Então porque é que não abre um albergue? E aí sim aí aconteceu. Ela disse-me que me ajudava, e ajudou... e haveria primeiro a parte de cima que é pequenina. E depois com o tempo fiz obras e arranjei a parte de baixo e olhe, tem corrido muito bem.

Entrevistadora: Tem quanto tempo que o albergue foi aberto?

Anfitriã: Tem 5 anos.

Entrevistadora: Como é o seu uso de meios de comunicação? Você usa alguma rede social?

Anfitriã: Eu tenho e-mail, tenho WhatsApp, e telefone.

Entrevistadora: Você usa bastante, por exemplo, WhatsApp ou e-mail?

Anfitriã: Sim, sim, bastante sim.

Entrevistadora: No contexto pessoal, você usa muito estas redes sociais?

Anfitriã: Pouco, para minha idade, é pouco.

Entrevistadora: O que você considera que as pessoas buscam ao fazer uma Peregrinação pensando que estamos falando do Caminho de Santiago?

Anfitriã: Eu acho que a maior parte procuram fé, oração, sim... há outra parte que vem por experiências únicas, divertimento, férias.

Entrevistadora: Como você vê o vosso papel enquanto alojamento nessa experiência da peregrinação?

Anfitriã: Como é que eu vejo o meu papel? Eu acho importante que eu tenha a oportunidade de os poder ajudar de forma certa parte a gente, eu ajudo no que posso, não é? Também não posso. Com cuidado, com serviço de qualidade. Tudo o que eu posso fazer por eles? Sim, eu faço. Acho que também gostaria que me fizessem a mim. Não é porque você muitos estão num país estranho. Não conhecem, às vezes nem a língua, e não é fácil, não é? Estar a fazer um caminho, andar... a média deles é andar 15 a 20 km, segundo o que eles me dizem, e depois estarem muito cansados e não ter um apoio de ninguém. Isso é muito mau.

Entrevistadora: E o que você considera que distingue o seu alojamento? Esse tipo de alojamento local de outros tipos de alojamento, como hostels, hotéis?

Anfitriã: O que eu considero? O que eu considero é que é que o albergue é para todo o tipo de pessoas. E um hotel é mais para pessoas que têm capacidade de pagar. E nem toda a gente tem essa capacidade. Ainda bem que existe esses albergues, porque as pessoas possam escolher, não é? Senão tinham que mesmo se não houvesse os albergues, os tinham mesmo que ir para um hotel ou para um alojamento local, e pronto, nem toda a gente pode.

Entrevistadora: Agora vamos falar sobre acesso à Internet no alojamento. Eu não vi nenhum nenhuma mensagem. Tem Wi-Fi disponível aqui?

Anfitriã: Tenho.

Entrevistadora: E como você comunica? a pessoa pede a senha ou...?

Anfitriã: Normalmente eles pedem, mas eu tenho escrito na lá em cima, na mesinha do carimbo. Tenho lá um papel com a passe e o nome da Internet.

Entrevistadora: E aí só tem o Wi-Fi? eu vi que não tem...

Anfitriã: Não TV não tem, acho que ainda não senti necessidade. Não vi que os peregrinos sentissem necessidade de eu colocar uma televisão. Eu vou fazendo com consoante vou vendo, vou percebendo aquilo que eles precisam. Até à data, ninguém me perguntou se eu tinha TV.

Entrevistadora: Como é o acesso à internet nesta zona, pensando no Caminho?

Anfitriã: Nesta zona não é nada fácil, porque nós não temos fibra.

Entrevistadora: Eu pergunto porque eu não uso a Internet durante o caminho, então...

Anfitriã: Ainda não temos fibra, isto é. Eu acho que é por satélite. Não temos fibra e é difícil, muitas vezes a Internet não apanha. E o meu espaço aqui também não é muito bom. Tem as paredes, isso é tudo em pedra, e apanha muito bem fora, mas cá dentro, não apanha, para ser sincera.

Entrevistadora: Qual a importância dos média digitais, pensando no alojamento? Eu se que tem o site, que inclusive foi onde eu os encontrei, e tem WhatsApp também e tem e-mail, certo?

Anfitriã: É.

Entrevistadora: Vocês recebem mais reservas por e-mail ou por telefone?

Anfitriã: Eu recebo mais reservas por e-mail.

Entrevistadora: Então o e-mail é um meio bem utilizado?

Anfitriã: E pelo site.

(Filha) O site não dá para fazer diretamente, aquilo cai é no e-mail.

Entrevistadora: E vocês fizeram alguma estratégia para aparecer no Google? Por exemplo, quando a gente pesquisa alojamento entre Barcelos e Ponte de Lima, eventualmente o seu alojamento aparece nas buscas.

Anfitriã: Sim.

Entrevistadora: Foram vocês que fizeram?

Anfitriã: Sim, fomos ao Google e fizemos. Não por acaso, eu pedi para fazer.

Entrevistadora: Então as pessoas chegam por lá também, eu imagino.

Anfitriã: Sim, também. As pessoas não têm dificuldade em chegar aqui. Normalmente elas chegam muito fácil aqui, nem me telefonam a perguntar onde é, nem me pedem a... é muito raro pedirem-me a direção do sítio. Elas vão ao Google e encontram.

Entrevistadora: E quando as pessoas fazem reserva, elas costumam perguntar se há Internet essa não é uma questão?

Anfitriã: Não perguntam.

Entrevistadora: No caso a próxima pergunta não faria sentido, se existem pessoas que vêm pra cá pensando em não ter Internet, já que elas não perguntam. Ninguém nunca falou sobre ter ou não ter Internet?

Anfitriã: Não é? Eu acho que todos já têm dados móveis que... pouco... é muito raro as pessoas me pedirem a passe na Internet. Às vezes eu dou ele eles dizem “*no problem, no problem*”, não há problemas.

Entrevistadora: Você acha que algum momento uso da Internet e do telemóvel pode causar alguma perturbação? Por exemplo, no ambiente do alojamento?

Anfitriã: Não, não acho que não.

Entrevistadora: Ainda falando sobre telemóveis, que valor que você acha que os peregrinos dão ao telemóvel e à Internet? E como você observa isso?

Anfitriã: Eu observo que o telemóvel é 100%. Eles precisam do telemóvel para tudo, e a Internet também. Apesar de não... eles têm a Internet com eles, mas o tempo em que eles estão alojados estão sempre na Internet também. A procurar outros alojamentos, outra estadia para o dia seguinte. É a preocupação deles. Eu noto, a primeira coisa que eles fazem depois de um banho e de comerem alguma coisa, um lanche, e lá estaremos a procurar... e na Internet. É muito raro, são poucos aqueles que vão ao livro do guia, é quase tudo na Internet.

Entrevistadora: Você já me respondeu a próxima pergunta que é como as pessoas passam o seu tempo livre nos alojamentos durante a Peregrinação?

Anfitriã: É na internet, tem poucos que fazem convívio mesmo.

Entrevistadora: Está bem.

Anfitriã: Infelizmente, mas...

Entrevistadora: É uma pena.

Anfitriã: A cada vez eu noto mais que as pessoas refugiam-se querem um espaço delas e não, não querem aquelas... No início notava que faziam muito convívio, juntavam se todos lá fora e conviviam e bebiam. Agora não, eu noto que agora eles querem um espaço deles.

E que as pessoas respeitem o espaço deles.

Entrevistadora: Não entendi, então quer dizer que as pessoas não buscam conviver com outros peregrinos, mas em descansar.

Anfitriã: Que tenho notado ultimamente, não, não procuram. E as pessoas... há alguns que até procuram e o feedback é logo “ah, não. Não, muito obrigado. Estou tranquilo, quero ficar tranquilo” Aliás, um dos pedidos que eles fazem quando fazem reserva, que querem estar sossegados. No meu caso, não é?

Entrevistadora: Você faz parte de alguma associação turística relativa ao caminho?

Anfitriã: Não.

Entrevistadora: Você tem conhecimento de alguma (associação) que atue nos albergues dessa região?

Anfitriã: Não, também não tenho conhecimento. Também só do Albergue Municipal de Ponte de Lima, que é gerido pela frente pela Câmara, tá bem. E o de Barcelos também conheço.

Entrevistadora: Em Barcelos eu fiquei no Senhor do Galo.

Anfitriã: Não conheceu o albergue municipal, então?

Entrevistadora: Não, não cheguei a conhecer. Na sua opinião, na sua percepção, quero dizer, quais são os serviços digitais que são valorizados pelos peregrinos, ou seja, aqueles que eles não conseguem ficar sem durante a Peregrinação?

Anfitriã: Eu acho eu que deve ser mesmo o Google Maps, que eles não conseguem. E o Facebook deles, talvez digo eu, Eu normalmente nunca, e depois temos a língua estrangeira. Não percebo, não percebo muito de inglês, mas noto que todos tenham Google Maps atualizado em português.

Entrevistadora: A gente já falou um pouquinho sobre isso, mas eu queria também a sua opinião. Quando participam de uma peregrinação, você considera que as pessoas procuram? Por exemplo, existem pessoas que procuram férias um tempo sem tecnologia?

Anfitriã: Nem por isso. Sem tecnologia, não.

Entrevistadora: Em algum momento, você já presenciou algum peregrino que, por exemplo, viesse com guia de papel?

Anfitriã: Sim, já. Os mais seniores, como se diz. Eles não gostam muito de telemóveis, os que não gostam, e então baseiam-se, mas também não é sempre que eu pergunto, não é a primeira vez que eles fazem um Caminho. Ele já fazem o caminho há anos, para eles é... e alguns vêm mesmo de fé, de não quererem mesmo... de fé, não querem falar com ninguém, não estar com ninguém. O foco deles é mesmo chegar a Santiago, que é uma promessa. Ou estão a fazer uma devoção (?) por alguém, uma coisa por alguém, e a gente respeita, sem dúvida.

Entrevistadora: Você acha que estar offline, ou como se costuma falar, fazer um *detox* digital pode ser uma tendência quando a gente fala de peregrinação, porque é um tempo que a gente está caminhando e que tem a opção de não ter a tecnologia?

Anfitriã: Na minha opinião, acho que não, não sei.

Entrevistadora: Não pensa sobre isso?

Anfitriã: Também nunca pensei a sério sobre isso.

(Filha): Eu acho que sim.

Anfitriã (a dirigir-se à filha): Achas que sim? Achas que eles conseguem vir do Porto a Santiago, por exemplo, sem Internet? Sem qualquer tipo de... sem telemóvel?

(Filha): Eu acho que deve ser uma tendência.

Entrevistadora: Não é? Sim, considerando que muito se fala em *detox* digital.

(Filha): Isso é cada vez um termo mais atual. Porque nós vivemos 100% conectados o tempo todo. Por isso é que eu acho que o Caminho, o caminho é feito a pé, eu acho que sim, isso pode se no futuro, pode ser algo que possa ser adotado. Porque realmente está cada vez mais pessoas que fazem cada vez mais isso, por que alguns de nós no dia a dia é só internet, internet.

Entrevistadora: Sim, eu não me perdi nem uma vez, e eu só uso o Google Maps quando eu vou procurar onde é o albergue que eu vou ficar. É porque faz parte da experiência eu me desconectar também.

Entrevistadora: A você que recomendaria que as pessoas ficassem algum tempo sem smartphone ou internet?

Anfitriã: Ele, como não, não?

Entrevistadora: Pode me dizer um pouquinho por quê?

Anfitriã: Há porque muito difícil hoje em dia. Eu acho que a Internet está tão dependente das pessoas que se a gente toca no tema que é mais... não é, eles podem não gostar, podem, é só por

isso. Se fosse o meu conselho, sim, talvez, mas também fazer o caminho é muito complicado realmente. Estar a dar um Conselho para a pessoa se divertiram e é difícil porque eu vejo, vocês vêm cansados. Estão deitados, o que é que lhes apetece? Telemóvel. É isso que eu vejo também.

Entrevistadora: Até que ponto você considera que as pessoas conseguem regular o seu próprio uso dos meios digitais, as pessoas conseguem controlar seu uso de Instagram, por exemplo, ou Facebook?

Anfitriã: O que é que eu acho?

Entrevistadora: É, você acha que as pessoas conseguem controlar esse tempo?

Anfitriã: Acho que não.

Entrevistadora: Então nesse caso, achas que há mais um descontrole porque as pessoas estão o tempo todo conectadas?

Anfitriã: Sim, sim, sim.

Entrevistadora: Até que ponto você considera que esse uso intensivo de meios digitais pode ser um problema social?

Anfitriã: É aquilo que eu penso é que pode ser muito mau, não é? Para o psicológico da pessoa, não é? Porque é um vício como outro qualquer, não é? E não é muito bom estar. Quase mais de 90% do dia agarrado a um telemóvel.

Entrevistadora: Você acha que se políticos as instituições públicas deveriam criar diretrizes e normas para regular esse uso?

Anfitriã: Sim claro que sim e alertar para isso. Fazer reclames e alertar a população que isso é um perigo, o que não fazem.

Entrevistadora: Pelo que você disse, você acha que inclusive pode ser um problema de saúde, correto?

Anfitriã: Claro que sim, porque é que as nossas psiquiatrias estão completamente lotadas, alguma coisa é. Pessoas isolam-se e isso não é bom.

Entrevistadora: E que tipo de normas, se você fosse pensar numa norma, você consideraria que fosse necessária?

Anfitriã: Hum, sei lá, isso já tinha que se fazer um estudo e isso é muito difícil assim.

Entrevistadora: Por exemplo: você ter um tempo...

(Filha): Já há países que limitam o tempo das aplicações.

Entrevistadora: Era sobre isso que eu ia perguntar...

Anfitriã: Não sei se é possível, por isso, cada um.

(Filha): Há países que já fazem isso o cuidado que tu podes estar na aplicação.

Anfitriã: Aí sim. E depois não dá mais?

Entrevistadora: Exato, depois ela (a aplicação) fecha

Anfitriã: Pá, eu não sabia.

Entrevistadora: É, isso é seria uma coisa interessante...

Anfitriã: É, eu acho que sim. Isso era. O nosso Estado podia fazer isso principalmente às nossas crianças.

Entrevistadora: E você pensa que existem valores importantes que são ou podem ser ameaçados pelo uso de meios digitais e do uso do telemóvel?

Anfitriã: Sim

Entrevistadora: Quais valores seriam?

Anfitriã: Os valores da pessoa aprender mais a vida da natureza e como crescem. Que eles vivem em um mundo que não é real, a Internet, infelizmente, está mais para um mundo que não é real do que para o mundo real, não é? São fantasias, são loucuras, não é? Eu acho eu. A ideia que me passa é essa.

Entrevistadora: Mas é bem isso mesmo, a ideia que te passa, é o que a gente quer saber.

Entrevistadora: Se você pensar nos últimos 10, 15 anos atrás, como você pensa que era, era muito diferente do que é hoje?

Anfitriã: Muito. 15 anos, sim.

Entrevistadora: Em que sentido?

Anfitriã: Em nosso país a Internet ainda não era o forte. Não era o forte. As pessoas ainda conviviam. Os miúdos ainda brincavam no recreio, por exemplo. Sei lá, ainda havia... era diferente, sabe? E assim, na rua não se via as pessoas ao telemóvel, por exemplo.

Entrevistadora: E quando você pensa assim 5, 10 anos, você se tem sentido alguma diferença?

Anfitriã: Não, 5 anos, não.

Entrevistadora: Já era mais ou menos igual a hoje?

Anfitriã: Já como hoje? Sim.

Entrevistadora: Você acha que, pensando numa perspectiva futura, essas questões as quais a gente conversou se tornarão mais ou menos importantes? Pensando em se desconectar, em usar menos meios digitais.

Anfitriã: Isso vai ser importante.

Entrevistadora: Você acha que terão mais conversas sobre isso (se desconectar), e que será mais importante do que hoje?

Anfitriã: Por um lado, sim, é importante. Mas por outro lado não, porque nós tivemos Internet, estamos informados de tudo o que se passa no mundo. Vem da Internet não é qualquer dúvida que a gente tenha, basta pesquisar, sabe?

Entrevistadora: Entendo, você acha que...

Anfitriã: Mas para a nossa saúde mental, era bom que fosse reduzido o uso das tecnologias, sim.

Entrevistadora: E você acha que existe alguma chance disso mudar?

Anfitriã: Acho que não.

Entrevistadora: Você acha que a tendência a tendência é continuar cada vez mais conectado?

Anfitriã: Exatamente. Sim, e evoluir mais cada vez. A certeza que vai vir outro telemóvel melhor do que este, e os nossos filhos, os adolescentes vão continuar cada vez a dar mais valor às redes sociais e à Internet.

Entrevistadora: Eu já perguntei tudo o que era importante, tem mais alguma coisa que você queira destacar sobre esse assunto ou algo que você queira falar?

Anfitriã: Não, mas está tudo bem esclarecido, sim?

Entrevistadora: Então tá bom. Muito obrigada!

Anexo 2.3 Entrevista Anfitrião 3

Entrevistadora: Primeiramente, eu queria que você contasse um pouco sobre si que informação você teve, o que você fazia antes ou você continua fazendo enquanto tem o alojamento.

Anfitriã: Ai meu Deus! Parece que eu já vivi 7 vidas. Bom, eu nasci aqui, para começo de história, que é para depois você entender o porquê de eu estar aqui novamente. Eu nasci aqui, a minha família foi toda criada nesta casa desde o tempo da tetravó. Então as minhas irmãs foram casando e saindo daqui. Era uma casa velha que não tinha muitas condições e as pessoas foram fazendo vida e foram saindo. E eu também tive que sair e tive que estudar, não é? Aqui em Rubiães não há escolas. Há escolas até ao secundário e depois não há. Se eu quisesse continuar, tinha de sair pronto. E eu fui também. Não fui para muito longe, fui para Viana do Castelo. Acabei por tirar um curso de ensino, é, ensino primário agora é denominado 1º ciclo, e 2º ciclo nas variantes matemática e ciências. Mas a minha paixão sempre foram as artes, o

teatro, os figurinos, a escrita, então acabei por fazer um mestrado nessa área na área do Drama, das Artes Cénicas e fui professora 10 anos de Expressão Dramática que é. E participei em vários projectos educativos, sempre coisas muito dentro desta área.

Depois, passados 10 anos, acabei por fazer o Caminho de Santiago e fazer uma pausa. E quando fiz essa pausa, surgiu a ideia. Aliás, a ideia surgiu durante o Caminho. Quando eu fui fazer o caminho, surgiu a ideia de transformar ou de experimentar, fazer um albergue nesta casa. E vivia aqui a Minha Mãe e Eu vinha só nas férias. Pronto, e a partir daí, a minha mãe concordou, ajudou-me, na altura eu também não tinha muito dinheiro e ela até me ajudou a fazer as primeiras obras, que foram só lá em baixo que eram os estábulos de animais no primeiro piso da casa.

Comecei com um quarto. Não é? A achar que isto era tudo uma loucura, porque a casa estava muito velha arredores e os jardins e tudo um terror. E eu achava que isto não ia acontecer, porque realmente era preciso uma paciência gigantesca para conseguir, porque eu sabia que ia levar muitos anos até chegar ao ponto que eu queria. E foi difícil, mas to cá há 9 anos, para o ano faz 10 anos. Aliás, este ano em agosto faz 10 anos que eu fiz o Caminho de Santiago

Ah, sim... 2013? Em 11 de Agosto de 2013 cheguei a Santiago. E então... quero fazer uma festa! Então já foi assim, um percurso de autos e baixos, sabe? eu já cheguei a querer vender, cheguei a querer desistir. Cheguei a achar.... pronto, foi muito difícil sozinha, não tinha condições financeiras, não tinha ninguém que também acreditasse muito no projeto, nem em mim. E foi assim tudo um cadinho a ter que cerrar os dentes e seguia sozinha e com muito pouco e fazia tudo. Eu pronto, foram gastos imensos todo o dinheiro que eu ganhava entre Março e Outubro eu gastava no Inverno em obras, não é? E de repente, o ano passado eu comecei a acusar, aliás, eu comecei a acusar cansaço em 2018, mas depois veio a pandemia e eu e recuperei um bocadinho? Sim, trabalhei menos, não é? E, entretanto, ano passado trabalhei muito e o cansaço estava lá e eu acho que tive um esgotamento, não sei porque em Outubro eu tive Covid, e depois do Covid, juntamente com o cansaço todo, como eu não sabia o que ia fazer a vida com isso tudo.

Eu acho que estava muito desorientada, muito sem saber, muito esgotada. Não queria ouvir falar do Caminho nem de peregrinos, nem de obras, nem de cor de projetos. Não queria ouvir falar de nada e depois foi um longo processo o Inverno todo. A minha mãe teve muito doente,

foi um longo processo até chegar aqui para tomar uma decisão. Se vendia, se continuava, se tentava contratar pessoas, se o que que acontecer.

Mas o ano passado o ano correu muito bem. Eu tive um reconhecimento muito grande de jornalistas, de pessoas que depois acabaram por me visitar e acabei por sair em revistas e jornais nacionais. E não sei o que. E então havia um carinho de repente que eu nunca tinha sentido, havia o reconhecimento. Eu sempre senti-o por parte dos peregrinos, não é? Mas, mas aquilo foi um alento, não é? Só que eu também tinha muita vontade de escrever, que o meu sonho é escrever. E eu não estava conseguindo conciliar as 2 coisas e não sei se ainda vou conseguir, mas para já houve aqui uma mudança muito radical. Quando conheci a Natália e a Sandra, que são as coisas das pessoas que agora estão comigo neste projeto e que me estão a ajudar E é a partir desse momento, mudou é, mas quer dizer, esse momento foi há semanas, portanto, ainda estou aqui, ainda estou na recuperação. Vai, não sei muito bem como é que vai acontecer no futuro, mas o que é certo é que eu já começo a sentir em pequenas coisas do gêneros de manhã, já tenho tempo para tomar o pequeno-almoço, Porque sei que à tarde há alguém que eu não vou precisar estar o dia todo

Entrevistadora: Você tem um pouquinho de tempo pra si mesma.

Anfitriã: Sim, já, parece que respiro d'outra maneira, já parece que quando vou deitar a preocupação não é tanta. Parece que com o ritmo tá a abrandar, mas é uma aprendizagem muito grande. Isso foi muito duro. Olha esta agora é para Natália ouvir, mas é verdade, por exemplo, a Natália, é quando mesmo com a Sandra eu tive isso. Mas é era diferente porque a Sandra não veio aqui para o meu lugar. E a Natália veio ocupar o meu lugar e eu andei aí dois dias em estresse profundo, profundo, numa luta contra o meu ego.

Entrevistadora: Eu imagino...

Anfitriã: Contra o meu ego que era o meu ego a dizer “ah, mas agora ela que é a estrela da companhia” e tu o que é que fazes, não é? E eu, fogo! E agora o que é que eu faço no meio disso tudo, não é? E até acham que a casa é dela e dizem, não é? E nós temos o nosso ego, não é? Porque é uma merda, não é? O nosso ego a dizer “ah não deixes isto ela tá a ocupar o teu lugar”, não é? E eu estava aqui, eu já estava a ficar branca, meio embalsamada, que é que eu vou fazer a minha vida? Que é que agora ela faz o que eu faço é que eu vou fazer? Mas de repente tive aqui uma conversa séria com o meu ego, dei lhe duas chapadas e pensei, pronto,

isto vai ser bom para ti. Cala-te calma e de repente começo a descobrir que sim, e também porque ela entrou em stress e eu vi-a tão *stressed* que comecei me sentir culpada, eu pensei Ai ai ai. E de pronto. acho que a coisa se deu e começou a fluir e eu comecei a sentir-me bem neste meu papel, um bocadinho mais afastada, não é? que é difícil, porque foram 9 anos a fazer tudo, a receber as pessoas, a dar tudo e de repente deixar que alguém faça isso por ti é difícil, não é?

Anfitriã: Porque eu via Natália no início, ela estressava-se porque não fazia, por exemplo, o check-in ou porque era lenta. Ela preocupava-se com coisas que nem estavam a me passar pela cabeça. A minha preocupação era outra, era tipo, ela está a fazer o que eu faço, e agora, o que é que eu vou fazer? Percebes? Isso foi para mim difícil e tá a ser, isto é uma aprendizagem. Nunca fui, digamos, que... eu fui a escrava sempre. Eu nunca estive do outro lado, não é? Que tivesse ajuda, em que tivesse que dizer faz assim... eu nem sei mandar, eu vou dizendo, vou atirando para o ar, mas eu nunca tive nesse papel de patroa. Vá! Se ter que, então para mim isto também é tudo novo. E depois isto para mim é tudo novo Edna. Por isso a partir de agora eu quero ver se me adapto esta nova condição, também agora vou ter aí uma ajuda que vem agora no dia 9 de um rapaz. Que também dá uma bela ajuda porque é jovem, tem força e eu já estou toda cansada e dói-me ossos e dói-me isso.

Quer chá Edna? Se calhar quer eu é que não quero o saquinho do chá, mas tens ali muitas (estava a falar com a ajudante)

Entrevistadora: Você já disse mais ou menos, mas eu queria que você falasse como é o seu uso de redes sociais de meios digitais.

Anfitriã: Pronto, olha, Eu Não era. Eu Não era nada, nem nunca fui e sempre tive uma relação amor e ó com as redes sociais. Mas as redes sociais para mim começaram mais por causa da minha escrita, o meu Facebook. Então era... não, quer dizer, o Facebook começou como toda a gente a pôr coisas sem nexos e não sei quê, mas depois parei há uns anos com isso e só punha coisas do meu livro e dos poemas que eu escrevia e dos vídeos que eu fazia dos velhos e dos campos. E depois quando criei o Instagram, foi uma peregrina que disse “ah você tem que criar um Instagram, tem que criar um Instagram”, e eu ok, bora lá criar o insta. E só o ano passado é que eu decidi bora lá, porque eu já percebi que isto funciona. Então eu passei de 200 seguidores para 900 do nada, mas este ano ainda nem lá pus os pés.

Entrevistadora: Aham, claro.

Anfitriã: Então eu não sou uma pessoa que está a gerir uma rede social bem gerida, ou que está preocupada. Não sou essa pessoa. Se calhar, devia ser. Mas em breve, porque isto houve muitas transformações agora e se calhar em breve, eu vou começar outra vez. Mas neste momento, sinto-me muito cansada. Precisei de uma pausa, sabes, mas que eu senti que as pessoas começaram a reservar, começaram. Que as pessoas começaram a... a.. por muitos *likes* nas fotos, a interessar-se pelas histórias que eu ia pondo. Houve um grande, um impacto grande, houve. E depois como eu sou muito boa cenógrafa, faço boas fotos, faço boa... então isso ajuda imenso. E eu, agora estou a pecar porque não estou a fazer nada, mas em breve espero começar outra vez

Entrevistadora: Além do Instagram, você tem alguma outra rede social?

Anfitriã: Tenho Instagram e o Facebook está seu padrinho a só do ninho.

Entrevistadora: Seu sou só d'O Ninho?

Anfitriã: Meu não, só d'O Ninho

Entrevistadora: Agora a gente vai falar um pouquinho sobre a questão da Peregrinação. O que a Marlene considera que as pessoas buscam a realizar uma Peregrinação, pensando em curto e longo prazo? E falando do Caminho de Santiago?

Anfitriã: Ai essa palavra é a palavra, é a pergunta de dos milhões e do milhão, isso é. Toda a gente, na minha perspetiva, toda a gente que quer fazer o Caminho é... Por si só a decisão de tudo, de se fazer o Caminho, não é? Porque aí começa o Caminho, na decisão que se toma de vir fazer o Caminho. É uma decisão de mudança, é uma decisão de mudança e de Esperança. Então, e de coragem. E as pessoas quando decidem que vem fazer o caminho, é porque querem. Resolver alguma coisa que ou querem aprofundar o seu, o seu amadurecimento, amadurecer a sua espiritualidade, querem... ou por fé ou por outra razão qualquer, querem descobrir-se um bocadinho mais, querem estar sozinhas, querem afastar-se do estresse do dia a dia, dos problemas, querem curar alguma coisa... então é sempre um caminho de cura. Não é? Um caminho de cura e de busca dessa espiritualidade que nos possa dar algum conforto. E esta... Eu nunca... porque eu sou religiosa. Tenho fé mas, tem muita gente que não tem, que não tem nenhuma região e que e que simplesmente vem a procura. de crescer, de crescer e de se conectar

com a natureza, consigo mesmo, de curar feridas, de conhecer pessoas novas. De viver uma experiência, de se superar.

Entrevistadora: A Serra da Labruja que o diga.

Anfitriã: É de se superar, sei lá, agora assim, de repente, não me estou a lembrar, mas é mais ou menos isso.

Entrevistadora: É como você vê o seu papel enquanto alojamento pensando, principalmente, porque vem depois de uma etapa muito difícil, na experiência de Peregrinação?

Anfitriã: Olha, esse é também uma boa pergunta, porque eu cresci junto com os peregrinos e eles fazem o caminho do Porto a Santiago, mas eu fiz um caminho aqui, sem sair do sítio. Então eu costumo dizer que eu neste momento estou a chegar a minha casa. Porque eu to aqui há nove anos, as nove etapas. Se Eu andasse devagar, estaria em Tui, vá. As sete etapas seriam aqui, portanto, eu já estaria quase a chegar a Pontevedra, portanto eu chegarei a Santiago daqui a três, quatro anos. Estás a perceber a analogia? então eu fui fazendo aqui o meu caminho e o que eu fui sentindo? É que, fui sentindo essa responsabilidade. Essa responsabilidade em ajudar as pessoas a crescer e a abrir-se espiritualmente. Para alguma coisa maior. Para alguma fé, coragem, esperança o que seja. Porque fui me apercebendo nos últimos anos, com mais maturidade, que ajudei muitas pessoas. Uma conversa, um abraço, comida, uma....

Mas mais do que tudo, conversa, conversa de incentivo à mudança de incentivo da coragem para assumirem aquilo que são, para assumirem os seus sonhos, para assumirem aquilo que querem. E é isso sabes? E eu fui notando e acho que sim, que o papel das pessoas que tem os albergues passa por aí, passa por estar de braços muito abertos, sem julgamento absolutamente nenhum, porque tu recebes pessoas das religiões todas, recebe as pessoas das religiões todas e, portanto, está com os braços muito abertos, sem julgamento. E aceitar a alegria, a dor, o desespero de cada um, não é? E às vezes criam-se laços muito profundos. Criam-se. Aqui acontecem aqui histórias muito profundas e muito fortes e nós aprendemos imenso. Eu tenho um privilégio, isto é um privilégio estar aqui a crescer com estas pessoas, percebes? Porque eu, com a história dos outros, eu aprendo eu cresço. Eu percebo, eu tenho que ser tolerante. Eu tenho que ser humilde, eu tenho que ser... Nós somos tão diferentes, não é? Mas os problemas são quase sempre os mesmos. Tás a perceber? Quase só muda assim podemos ser mais novos,

mais velhos australianos, asiáticos, que seja, europeus. Depois, a base é sempre igual e essa coisa, essa comunhão de sentir que somos todos exatamente iguais que sofremos, porque a nossa mãe não sei o que o nosso pai não sei o quê, com o tio não sei o quê. Porque o nosso namorado nos partiu o coração ou porque temos um casamento que, apesar de amar a pessoa, não funciona, porque o amor não chega ou temos um filho que tem agora um problema, não sabemos como é que havemos ajudar. Os problemas, as dores, as angústias, os stresses. Seguir um caminho mais material, seguir uma vida mais espiritual, treinar o desapego.

O que é que eu quero? Quero acumular riqueza. Quero acumular a sabedoria, quero chegar a velho. Como? Que marca aquilo quer deixar? Se Eu morresse hoje, o que é que eu queria deixar? então isso tudo é incrível. E nós vamos crescendo, não faria sentido nenhum... Eu Não faço isto por dinheiro, se fosse só por dinheiro já tinha fechado.

Entrevistadora: Imagino

Anfitriã: Entendes? Se fosse só por dinheiro, eu teria fechado. A motivação é outra, a motivação é muito maior do que do que financeira. Aliás, não é nenhuma financeira. Isso vem depois por acréscimo.

Entrevistadora: Porque esse tipo de alojamento, ele é muito específico, é característico do caminho de Santiago, principalmente.

Anfitriã: Ah sim! foi criado e pensado para os peregrinos.

Entrevistadora: Eu gostaria de saber o que você considera que diferencia - í eu penso no seu alojamento e outros desse tipo...

Anfitriã: Olha, por exemplo, uma coisa que a gente fala com elas: lá está como meu crescimento espiritual também acompanhou o crescimento do albergue, né? Por exemplo, a vizinhos, estão a fazer piscinas. Só que no caminho de Santiago nós estamos num turismo espiritual. A mim não faz sentido nenhum, porque é mergulhar numa piscina, não vai te fazer crescer espiritualmente. A não ser que batas com a cabeça no fundo e tenhas ali algum insight espetacular. Não, pode estar aqui, Sandrinha pode sentar (se dirigindo à colaboradora, Sandra), que é pra um trabalho da universidade?

Entrevistadora: Fique à vontade.

Anfitriã: E Edna, então a mim faz-me sentido, era o que falava, a Sandra também é uma pessoa de fé, a Natália, por exemplo. Antes, eu não queria uma Piscina, mas queria uma capela. Aberta a todos os peregrinos de Rubiães, por exemplo, que a nossa igreja está sempre fechada, e isso já me faria sentido. Mesmo não sendo pessoas de fé, às vezes acho que é um sítio que as pessoas podiam estar em silêncio, sozinhas. Podia contribuir para essa caminhada.

Entrevistadora: E aí você acha que isso diferencia este alojamento, por exemplo, de Hostels, ou de hotéis?

Anfitriã: Claro, claro! olha se reparar na minha decoração, nas frases que eu tenho espalhadas pelo albergue. Claro que eu tenho a minha fé portando puxo um cadinho a brasa à minha região e à minha sardinha com se costuma dizer, mas está aberto tudo, não é? Tanto falo em Deus aí, como tem um Oratório salão de jantar como como tenho outras frases sobre outras coisas que tentam ajudar as pessoas, são chamadas de atenção, são acolhimento, também. São um dizer “não estás sozinho, estamos aqui”, não é? Sim, eu tenho uma frase que é a frase que eu mais gosto, que está no albergue, por acaso está pequenina, tenho que a fazer bem grande, está por cima do fogão que diz: sê gentil com a outra pessoa, porque quase todos nós estamos a travar uma batalha muito dolorosa”. E então é isso.

Entrevistadora: Agora, nós vamos falar um pouquinho sobre o acesso à Internet no alojamento. É essas são mais, hã?

Anfitriã: Ai Jesus! Olha a Internet é da Junta (de freguesia).

Entrevistadora: A pergunta é sobre a Internet aqui, ela já é fibra ou ela é satélite?

Anfitriã: É satélite é da Junta de Freguesia, porque nosso presidente é porreiro e criou aí uma, nós pagamos só a primeira, hum... a instalação e não sei o que. E claro, agora, quando há avaria também pagamos ao técnico, mas é uma internet...

Entrevistadora: Ah sim? É da freguesia então?

Anfitriã: Sim, é da freguesia. Eu adiro sempre essas coisas, mas há vizinhos que tem Internet privada, não é? da MEO ou da Vodafone

Entrevistadora: O acesso a Internet nessa zona ele é bom?

Anfitriã: É. Né! é boa.

Entrevistadora: Não tem, não tem muita queda, essas coisas do tipo?

Anfitriã: A Internet é boa, não é mesmo? Lá nem Água Longa aí não é? É boa, nossa Internet é boa. Nossa, eu é que já não estou muito para aí virada, mas é bom um.

Entrevistadora: A gente já falou um pouquinho sobre isso, mas assim, como você vê a importância dos medias digitais? Aí pensam que têm Facebook no Instagram para o alojamento?

Anfitriã: Olhe... Ah! para o alojamento? Isso é uma questão que podíamos ficar aqui, 3000 anos que eu não te sei responder, porque olha por um lado, se formos focar só no Business, é importante. Eu recebo muitas reservas pelo WhatsApp, pelo Instagram, pelo e-mail, por tudo. Agora, bloqueei e-mail estava carregado. Se tu fores pensar só na parte espiritual, a minha, a minha vontade era desligar o router e não ter Internet, não ter redes sociais, não ter nada. Essa era a minha vontade, mas isso tem a ver com a minha filosofia de vida. É a maneira que quero estar. agora. Agora, é uma luta interna terrível porque, por exemplo, eu não tenho postado nada e sei que tenho de o começar a fazer, não é? E depois de começar, eu até gosto e até entro na onda e até faço vídeos lindos e tudo bem, mas se me se me dissessem “tens que escolher”, eu não queria. E apetecia-me e, se calhar um dia vou ter um albergue em que não tenho Internet.

Entrevistadora: O dia em que você fizer esse albergue, me chame para conhecê-lo, por favor.

Anfitriã: Olha, televisão, já só tenho uma aqui, não e não vejo. Até a antena está estragada. Mas eu gostava de ter um albergue sem Internet, sabes porquê? A primeira coisa que as pessoas fazem quando chegam aqui os peregrinos, é perguntar as password.

Entrevistadora: E tem alguém que quando faz a reserva já pergunta se tem WiFi?

Anfitriã: Pergunta, se tenho Wi-Fi? Perguntam.

Entrevistadora: Mais uma pergunta, que é rápida. Você tem algum... eu não consegui perceber se vocês estão no google maps..

Anfitriã: Atenção... estou. mas deixa-me só dizer, não sou contra a Internet. Aliás, eu consumo, eu vejo documentários, eu vejo filmes, eu tudo que me interessa é... a Internet, ok? eu uso a Internet. Eu estou a falar no sentido de eu postar todos os dias fotos nas redes sociais, tentar promover...

Entrevistadora: Sim, estar 100% conectado?

Anfitriã: Isso a mim, stressa-me a cabeça, prefiro focar-me no meu interior, noutras coisas bonitas da vida. E quando quero Internet para pesquisas para trabalho, vou lá. isto nas redes sociais, Instagram, Facebook, não sei o que, stressa-me. É mesmo aquela coisa, sabe essas imagens a passar todas, isto... agora que eu acho que é importante para as pessoas que tem negócios, é, isso é... Mas Se Eu pudesse um dia ter um albergue sem Internet e ter... porque repara, a Internet é importante, mas as pessoas vem fazer o caminho, não podem estar sem Internet em uma semana ou 15 dias?

Entrevistadora: Também por isso que estamos fazendo essa pesquisa.

Anfitriã: Ah! Porque era ótimo se conseguissem. Pelo menos 15 dias.

Entrevistadora: Eu já te perguntei. Então os peregrinos costumam perguntar se tem Internet pra fazer a reserva?

Anfitriã: Perguntam, sim.

Entrevistadora: Existem pessoas que vem fazer a Peregrinação, e que ficam aqui, que esperavam por acaso que não tivesse Internet ou não fazem questão do WiFi?

Anfitriã: Ai fazem, fazem e perguntam todos pela Internet, e querem todos a Internet, isso é unânime e todos.

Entrevistadora: A gente vai conversando, então algumas perguntas, você já me respondeu...

Anfitriã: Sim, sim

Entrevistadora: É queria que você pensasse agora numa experiência em que o telemóvel com Internet causa algum tipo de perturbação?

Anfitriã: Perturbação? A mim toda, todos os dias. O meu telefone agora por acaso estes dias tem tocado menos, mas quando isto está... amanhã já vai ser um dia fraco por que hoje tocou pouco, mas o meu telefone toca seguido. Para as reservas percebes? e para mim é uma perturbação.

Entrevistadora: E fazes a reserva pelo WhatsApp também além do telefone?

Anfitriã: Faço, neste momento eu só tenho, desculpa, só tenho por telefone e WhatsApp. Bloqueei os outros canais porque tava muito cansada. Mas, por exemplo, gostava, por exemplo, na hora da refeição que sentarmos todos à mesa que ninguém usasse telemóveis, por exemplo. aqui usam pouco à hora da refeição, até não usam, mas pedem, pedem muito, mas é para tirar fotografias e para partilhar logo, depois comem e acabou é. Mas sim, e eu não me incomodo com o que cada um faz. É... incomoda-me é o meu. Se o meu tivesse caladinho e silêncio, era perfeito. Não era porque não tinha clientes, mas percebes, mas que me incomoda, incomoda.

Entrevistadora: E que valor o que você acha que os peregrinos dão, atualmente, aos smartphones e à Internet.

Anfitriã: Ui! Todo.

Entrevistadora: E você observa isso?

Anfitriã: Olha, como observo tantas outras coisas. por exemplo, um peregrino, agora os de Fátima até não, mas um peregrino agora calça uns sapatos que lhe custam, umas botas que custam 200 euros, numa mochila que é para aí o mesmo preço, mais uma roupa xpto que não sei o quê mais um barão que não sei que mais, mais uns apetrechos que eu nem sei para que servem todos quitados, não é? É e aquilo é tudo e preparam-se e gastam um dinheirão para vir. Não pegam nuns calções e umas t-shirt e arrancam com uns ténis velhos. Olha, eu fiz com estes que tenho nos pés. A malta não faz isso. Então, o smartphone vem na mesma medida em que querem ter um telemóvel espectacular para fazer boas fotografias, para que seja um sistema rápido, para que possam postar as fotos. Quase todos os peregrinos que eu tenho conhecido aqui e que me seguem, eles tem Instagram e vão postando as fotos do caminho e vão utilizado o telefone ao longo do caminho, sim, sim Eu Não estou respondendo a pergunta ao final. desculpa, eu estou cansada hoje.

Entrevistadora: Mas você respondeu a parte do smartphone. E como que as pessoas passam o tempo livre no alojamento? pensando no seu alojamento.

Anfitriã: Emborrachar-se, estou a gozar (risos) tira isso. Isto queria eu, vender vinho. Estou a brincar. Lêem. E mais que fazem na tarde? Descansam, dormem, lêem, escrevem, ajudam aqui, ajudam na cozinha. E eu já muitas vezes tive atividades, tive pa aí coisas e tours. numa altura, tinha um jipe, mas sabes que eu, depois lá está, você vai crescendo, vai aprendendo. O melhor é mesmo que descansei e que não façam nada. E que estejam... depois, perguntam-me: em Rubiães, que é que há para ver? onde é que é o centro? onde é que há? Não há centro, relaxa, respira, não há nada, oiçam os passarinhos. Não é? Nada, pianinho, pronto, e é isso. A ideia é que não façam mesmo nada, percebes? mas gostam muito de ajudar. Estão sempre a perguntar se precisamos de ajuda. E estendem a roupa e ajudam-nos a pôr a mesa e fazem assim. E lêem muito. E escrevem. E bebem.

Entrevistadora: O acesso à Internet, na sua opinião, afeta as rotinas e os relacionamentos no ambiente do alojamento?

Anfitriã: Aqui?

Entrevistadora: Sim.

Anfitriã: Não, sabes que no caminho não afeta muito. Não há aquela coisa de chegar e estar em cada um na esquina assim, não, não existe isso como nos cafés ou não. Aqui, o telemóvel, usam sim, mas não é muito. Não é muito, é mais “ai que lindo ai que lindo”. Já estão a fazer stories e tal, mas não os vejo agarrados ao telefone o dia todo. Algumas pessoas, sim, mas poucas, muito poucas. Sabes, a malta vem relaxar. Usa sim, porque gosta do espaço e quer partilhar. Querem falar com a família e mal se chegam a preocupação é dizer “cheguei bem, estou bem, mãe, estou aqui”. “Olha o albergue, não sei quê”, pronto é mais isso.

Entrevistadora: E você faz parte de alguma associação turística que promove o Caminho.

Anfitriã: Haha, já fiz, mas já não faço. Pronto, eu quando comecei, porque era um bocado inocente, então achava que tinha que fazer parte de tudo. Depois comecei-me a aperceber que não tinha que fazer parte de nada. E não faço, faço as minhas regras, gosto de saber. Ainda ontem, telefonei a uns amigos que se juntaram. Gosto de saber, gosto de estar a par, não gosto também de, como é que vou dizer, não é arrogância de querer fazer sozinha à minha maneira.

Eu gosto de saber como é que eles fazem. Mantenho amizade, falamos por telefone, às vezes eles vêm me visitar. Ainda há pouco tempo estive aqui o Miguel do Porto, que tem um albergue de peregrinos no Porto, pronto

Então a gente vai falando, mas eu por acaso aquela ovelha negra, sou um bicho do mato que não gosta de ir às reuniões, que não vai aos jantares e que eu estou sempre muito enfiada em Rubiães. Mas não tem a ver com não gostar deles ou não gostar do que eles fazem, tem a ver com a minha personalidade. E como eu gosto de mudar tudo à última da hora e como cada dia é um dia, gosto de ser livre para poder decidir o que me apetecer, então.

Entrevistadora: E você sabe se há alguma dessas associações que tem do Caminho que promovem, por exemplo, turismo offline incentivando as pessoas a ficarem sem telemóvel durante a Peregrinação?

Anfitriã: Não, talvez os escoteiros, talvez alguns grupos religiosos, sim, mas é por uma questão de educação que são educados assim, não é lá nas escolas e nas associações, mas eu não conheço por acaso não conheço.

Entrevistadora: É você acredita que associações turísticas e poderiam utilizar, por exemplo, Marketing offline, mais tradicional para atrair os peregrinos ou para promover o Caminho de Santiago?

Anfitriã: Edna! O caminho não precisa de promoção. Toda a gente que vem fazer o caminho, isto é, passa a palavra. Quem precisa de... ninguém precisa. No meu caso, estou aqui há muitos anos também. Já não preciso. É seria o caso de eu agora abrir, imaginemos estou a abrir, então preciso, claro que sim. É sempre importante deixar umas publicidades e ir atualizando, ok? Mas o Caminho por si só não precisa de grande promoção. O caminho em si não precisa. Depois os albergues, cada um que faça a sua promoção para atrair clientes, mas o Caminho não precisa. O que o Caminho, se calhar precisava e eu agora desconheço se existe desconheço, era realmente associações. Que tratassem, mais focadas no turismo espiritual que preparassem realmente as pessoas. Que houvesse workshops, cursos de preparação feitos por por padres ou por sem ser padres ou por pessoas que preparassem as pessoas para o Caminho de Santiago, isso eu acho que era interessante.

Entrevistadora: Nós ainda estamos falando de digital, mas na sua percepção, quais são os serviços digitais que mais são mais valorizados pelos peregrinos? Que eles não conseguiriam ficar sem durante a peregrinação?

Anfitriã: Instagram.

Entrevistadora: Tá bem. Quando as pessoas participam de uma Peregrinação, fazem uma Peregrinação, seja em grupo ou individual.

Anfitriã: Ah! E eles usam muito apps. O Gronze o app não sei quê, pronto, eles usam, nem as conheço, mas sei que usam

Entrevistadora: O Gronze é um website também

Anfitriã: Sim e as vezes essas aplicações que tem as informações todas dos albergues, dos caminhos, dos quilômetros, de tudo eles usam.

Entrevistadora: Quando as pessoas participam de um Peregrinação, você acha que elas eventualmente possam procurar férias um tempo sem tecnologias ou as pessoas ainda estão...?

Anfitriã: Sim eu acho que no fundo até que sim, sabes. Eu acho que no fundo até sim. sabes que eu agora tenho um público mais maduro, um bocadinho, os mais jovens é que usam mais este público assim, mais maduro quase não usa. Também tem a ver com isso, meninas, não é porque o nosso público agora é um público, não meia-idade sim.

Entrevistadora: Seu público é um público mais adulto, não é?

Anfitriã: Sim, acima dos 50, então já são pessoas que se calhar, não vão tanto em que não conhecer, não.

Entrevistadora: E você já notou peregrinos que passam por aqui, que tem esse esse objetivo mesmo de ficar sem internet e redes sociais?

Anfitriã: Sim. Esses dias teve cá uma brasileira que trazia o livro, um livrinho que era um guia, ela disse que ia ficar os quinze dias sem telefone, sem nada. Mas há, mas há pessoas, há pessoas, não são muitas, mas há.

Entrevistadora: E você acha que o desejo de estar offline ou fazer eventualmente um detox digital faça parte de uma tendência ou de um movimento maior?

Anfitriã: Faz só que as pessoas estão a tentar, então vão cada vez menos. É um bocado que eu estou a fazer. Também vão cada vez menos, mas depois vem alturas que voltam depois largam, não é? Parece os cigarros, não é? voltam largam, voltam largam. agora que há pessoas muito viciadas, já sabemos que sim e que essas? Eu acho que eu conheci aqui muitas pessoas ao longo dos anos podiam mesmo deixar.

Entrevistadora: Entendi. e o que que você acha que viagens e férias sem tecnologia pode oferecer pra, no caso dos peregrinos ou mesmo turistas, a longo prazo? Por exemplo, que benefícios?

Anfitriã: Ah! eles não utilizarem nada? Ó pá, tudo! Percebes? Estás mais focada na... olha a preocupação de veres uma ponte, uma paisagem bonita, um rio e fotografá-la e postá-la e arranjar a musiquinha para os stories. E mais, não sei o que. Se tu esqueceres disso, tu vais olhar para ponte e só vais olhar para a ponte. isso no teu cérebro, o teu cérebro vai criar mapas diferentes, não é? A tua maneira de ver o mundo, a tua maneira de o sentir vai mudar, percebes? E muda, tudo isso vai mudar tudo, o teu estresse vai baixar a tua a tua. A própria postura corporal muda. Quer dizer a maneira de respirar, a maneira de olhar para as coisas, vai mudar tudo, porque nós estamos completamente absorvidos por isto.

Entrevistadora: Você conhece algum movimento, algum lugar que recomende ficar sem rede social, sem Internet?

Não conheço, não, mas deve haver. Qualquer dia nós fazemos aqui, desligamos o router, não sei. Há sim, mas ela está a perguntar nos caminhos (aqui ela se dirigiu à Natália). Nos caminhos a deixa ver.

Entrevistadora: Você recomendaria que as pessoas ficassem smartphone ou internet?

Anfitriã: Eu recomendaria? O meu sonho é ter um telefone daqueles que é um tijolinho? à moda antiga ainda hei de ter.

Entrevistadora: Já recomendou alguma vez para alguém?

Anfitriã: Eu já! Só que eu própria não estou a conseguir deixar, portanto. Porque eu tenho o meu computador, portanto eu, quando quero fazer pesquisas e trabalhar na Internet, eu tenho meu computador. Mas eu adoro fazer vídeos, eu adoro fotografia. O meu interesse por telefone é esse, porque eu carregava uma máquina muito pesada.

Entrevistadora: Entendi, então não é pela internet, é pelas facilidades?

Anfitriã: Sim, sim. É isso depois é editado, não vais mostrar isso a ninguém, não é? (risos)

Entrevistadora: Sim, não, não vou mostrar. Pensando assim de uma forma geral, até que ponto você considera que as pessoas sabem que precisam regular e conseguem regular o seu próprio uso de meios digitais?

Anfitriã: Ai, são perguntas muito generalizadas, percebes? Porque eu trabalho com um público muito específico e eu acho que o meu público peregrino gere até bem essa... principalmente neste contexto de caminho. Depois fora daqui, não sei como é que eles funcionam, mas neste contexto peregrino, eu acho que o gerem bem, acho que não usam assim tanto, embora peçam sempre a password, embora eu sinta que é uma necessidade, mas não, não os vejo aqui todo o dia agarrados ao telefone, sabe? Eu acho que enquanto peregrino é mais controlado, depois fora do caminho não sei. Não é que fora do caminho eu ache que é tragédia total, mas isso já todos sabemos. O mundo está louco.

Entrevistadora: Aí a gente pensando em uma forma geral, aí bem mais geral mesmo. É até que ponto a Marlene acha que o uso intensivo dos meios digitais possa ser um problema social e se isso tem mais a ver com a idade ou com grupos?

Anfitriã: Possa ser um problema social? Opa, olha, sei lá, isso é uma pergunta muito abrangente, porque os miúdos, por exemplo, agora cada vez falam menos pessoalmente, é tudo virtual, não é? Os namoros, os encontros, o sexo, escolas, os mestrados. É tudo virtual. E as pessoas, agora, se isso é mau, se isso é bom, se eu tenho uma, uma... Já não é para mim, tenho que vou fazer 44 anos, mas que é o mundo que vem aí é o mundo que vem aí. Como é que eu vejo, como uma mulher de 44 anos, que fica assustada com estas novas gerações que não sei viver assim, mas eu acho que eles sabem. Assusta-me se tivesse uma filha, não sei como é que ia ser, porque eu queria que ela crescesse na terra como eu, que cultivasse as coisas, que desse valor à terra, à

natureza. Que não estivesse agarrada dia e noite a um telemóvel conhecesse uma pessoa que não fosse virtualmente, que casasse, que não fosse uma coisa virtual etc.

Portanto, eu acho que isto, na minha opinião, que não sei, isto é doentio. Pra mim. Mas eu também sou professora e já lidei com adolescentes, e para eles aquilo é normal. Portanto isso tem a ver com estes conflitos geracionais. Eu, eu consigo perceber para eles tá tudo okay. É o mundo deles, é assim. Para eles já não faz sentido que não seja assim, não é? E eu tentar lhes impingir a minha maneira de ver o mundo, e de estar no mundo. Também não sei até que ponto é que isso é correto, porque eles cresceram assim. Agora que me parece doentio, parece, mas também me parece doentio, as pessoas procuram as cidades, não é? Está tudo enfiado em apartamentos o telemóvel na mão. É claro que sim. Eu era incapaz.

Entrevistadora: E você pensa que os políticos ou as instituições e deveriam criar nomes ou regras em questão do uso de redes sociais, de Internet?

Anfitriã: Lá está, já vamos tarde. Por que a Internet é uma coisa tão perigosa, não é? Porque toda a gente tem acesso através de um telefone melhor ou pior. Pessoas pobres, ricas com cultura, sem cultura, com educação sem educação académica, não importa. Toda a gente tem acesso à Internet. E sim, é muito perigoso nesse aspecto. É pá, o trabalho, já se faz muito trabalho, não é? Já se vai fazendo muito trabalho de alerta e para os jovens, principalmente. Agora... claro que sim, mas já viste já viste que o mundo tinha que mudar? Tínhamos que mudar tudo.

Entrevistadora: Você conseguiria pensar em alguma norma para uso de redes sociais ou Internet que poderia ser aplicada?

Tá aí, eu ouço na escola os miúdos, eles, os professores já não os deixam usar, obviamente, nas salas de aula e eles usam fora. Agora, o que se teria que trabalhar era em casa, não? Os pais não é, por exemplo, apoio familiar nessas perto, sim, a educação dos pais, só que os pais já estão agarrados ao Facebook também. Os pais também já tem Instagram. Os pais também já estão todos nas redes sociais. No fim de jantar, tá tudo no sofá nas redes sociais e, portanto, talvez alguma coisa. Pai, eu tô muito desanimada, porque assim eu mesmo que que a televisão passasse essa mensagem né, porque é um bom meio, então toda a gente vê televisão.

É um bom meio que se falassem mais das doenças, que se falassem mais dos problemas que advêm do uso excessivo das redes digitais, não sei que. Ou do correto uso. Sim, era interessante haver mais programas de informação. Porque há tantos programas na televisão, a gastar antena, não é? (Gastar) Tempo em nada e não ensina nada. Que mais valia que nem que fossem 2 minutos por dia, porque é um assunto gigante e de extrema importância, de falar sobre o assunto, não é? Que hoje em dia temos jovens muito mais hiperativos, temos jovens com problemas esquisitos, doenças esquisitas que ninguém sabe diagnosticar com.. a surtar aí com isso, com aquilo com o outro e tudo tem a ver, acho eu, também com o uso agora excessivo da Internet das redes sociais e não sei o quê.

Claro que sim, que devia haver, mas tinha que ser um programa lá está, a política em conjunto com a escola... houve aqui há uns anos que a educação sexual, nós estamos em um país muito atrasado que começou-se a falar nisto 50 anos depois, que toda a Europa falava nisto. Começou-se a falar da educação sexual nas escolas e continua a ser ridícula, não é? Que continua a abordar temas que não são temas. E os psicólogos, por exemplo, na escola estão lá para ajudar os meninos a escolher a vocação. Os meninos que estão sinalizados, que têm problemas e, ou seja, não há um trabalho de crescimento. De autoconhecimento nas escolas, percebes? Não há, nunca houve.

Não há esse programa de autoconhecimento. Vamos falar de coisas que interessa. Não há isso. Então ao não haver isso, depois não há nada. Porque aí sim já se podia começar a falar disso, não entende? As escolas antigamente tinham o que? Tinham as disciplinas normais, depois tinha religião e moral, mas era uma coisa de religião, ninguém queria ir. Se era facultativo, só ia quem queria. E depois tinha, agora há uma disciplina outra, de cidadania, e não sei quê, que lá ensinam a reciclar, mais uma metade política, mais um bocado. Mas quer dizer, é pouco, devia ter alguém especializado em psicologia, o que fosse, não é? Ter pessoas que tivessem na escola, e da mesma importância que tenha matemática ou que tem o português

Aquela hora era para ajudar as pessoas a se perceberem, a crescerem. Porque repara, que tu passas a tua infância, a tua adolescência acumular traumas. E depois passas a vida toda adulta a fazer terapia do que acumulaste até ali. Então se comessem desde pequenos, não é? O explicassem, olha, sabes que é narcisismo? É isto, se aparecer uma pessoa assim assado com este perfil, é isto, não é?

Tentar perceber o que temos a nossa frente, tentar perceber a parte psicológica dos alunos. Não, os alunos só são sinalizados porque é hiperativo, porque é autista, porque tem trissomia 21 ou porque está com depressão, percebes? Não há um acompanhamento, não há uma explicação. Eu acho que era de extrema distância criar uma disciplina. Criar uma disciplina que abordasse esses temas de autoconhecimento para depois não cairmos na lábia de coachs.

E de escritoras indianas que agora vem aqui, estamos todos a fazer yoga de repente e estamos todos, não sei quê. Há que isto e que é os religiosos que vão para Fátima são fanáticos e esfola os joelhos. E não, isto é, e riem-se e gozam com a fé das outras pessoas. Mas, no entanto, criticam que a gente dá um envelope com algum dinheiro ao padre na Páscoa, mas não, mas acham o máximo ir para os Pirenéus em posição de Lótus, fazia alguma semana sem net e em silêncio pagar 1000 EUR. Entendes o que eu estou a dizer? Com a fé das pessoas não se brinca nem se goza, né, nem se põe em causa. E isso é um contrassenso depois, que estamos a criar. Então era isto, era desde minutos percebermos. E depois cada um que tomasse a sua decisão, às vezes várias crianças e jovens já perceberam que o mundo divide-se assim, faz-se assim, isso acontece assim e isso acontece assim. E criar consciência nas escolas e politizar mais os jovens. Só que já há escolas que politizam. Já há escolas que criam programas interessantes, que os alunos são ativos, que os alunos crescem com um certo ativismo interessante em várias áreas de não sei o quê. Mas, pois, falta sempre esta parte da maturidade e da do crescimento espiritual, o que vai ao encontro de estudo.

Entrevistadora: Sim, é pensando do que você está falando, vamos emendar na próxima pergunta, já está quase acabando. Você sente que valores importantes estão sendo ameaçados por smartphones, por redes sociais no caso. Pensando em valores pessoais, valores sociais.

Anfitriã: Sim, por exemplo, desculpa, diz-me a pergunta outra vez.

Entrevistadora: Tudo bem. Você sente que valores importantes são ameaçados por smartphones e meios digitais?

Anfitriã: Ah! Completamente.

Entrevistadora: Quais valores, por exemplo?

Anfitriã: Olha, tantos. Tantos porque de repente tu não és nada, tu de repente não tem nada. Tu de repente és alguém impaciente que está habituado ao alcance de um clique da coisa ser rápida. Tu de repente, só vês perfeição e gente feliz. Tu de repente, tens filtros que podes ser horrível e estar destruída, mas aquele filtro vai te pôr a top model. E de repente vivemos tudo, tudo no fingimento. Isto cria expectativas, não é? De vida, de stress tão gigante, tão gigante, tão gigante. Que isto cria pessoas doentes, quer dizer, é impossível, ninguém é real agora, ninguém é real. E depois, de repente vem uma no Instagram que “ah, eu tenho cabelo branco” como se isso fosse uma coisa que não há gente que... tais entendendo nada. Então é esta esta agora, olha, aplaudem porque ela vem ali e mostrar naturalmente o que ela é. Isto devia ser normal. Deveria ser a normalidade e não “olha, agora vem, ai, não sei quem mostra-se tal e qual como é com as rugas”. Isto devia ser o normal, mas a pergunta que tu me fizeste, não era essa, eu já me esqueci.

Entrevistadora: Você respondeu bem. Agora pensando - já vou encaminhando para o final - se você pensar de 5, 10 e 15 anos atrás, como que era diferente do que a gente falou?

Anfitriã: Pois, eu não noto grande diferença nos peregrinos, sabes? Não se nota essa evolução nos peregrinos, não se nota porque eles usam, eles querem muito Internet, mas é mais para dizer que estão bem, que não estão bem para prestar uma vez ou outra, mas não se nota o aumento, não noto isso assim.

Entrevistadora: E você pensa que nos próximos 10 anos, esse assunto que nós falamos vai se tornar mais ou menos importante pensando no uso de tecnologias digitais e...

Anfitriã: Vai. Cada vez mais fala nisso, não é? Você sabe que eu... Até há casas, eu acho que há casas para desintoxicação, para tratamentos, para ficar a malta dos vícios digitais, não é? Mas eu acho que tem que falar mais. Eu acho que se vai falar mais. Eu acho que eu acho que os meios digitais são ótimos para passar boa informação, para o ativismo, para uma serie de questões, não é? para manter as pessoas informadas, trocas interessantes, tudo, entendes? Agora nós devíamos era estar educados e bem formados à boa utilização, mas nós não estamos. Agora, como é que se faz isso?

Olha isso, nós criamos tudo isso na sociedade, não é? Queremos tudo perfeito, mas, mas..., mas as redes sociais são perigosíssimas! Porque nós... no resto, não é tão perigoso. Isso é muito perigoso, porque tu tens desde senhoras Donas de casa a gente famosa, a pedófilos, a gente que da traficante, tu tens toda a gente ali embrulhada. E tu não sabes quem está do outro lado. E tu expões tua vida toda e tu pesquisas o que te apetece durante a noite toda. Ninguém impede de

entrar em lado nenhum, percebes? E se tiver dinheiro pagas, você é isso e aquilo, e aquilo outro. E isto é um perigo infinito.

Entrevistadora: Está bem, eu já perguntei tudo o que era importante, fiz todas as perguntas, tem algo mais que você gostaria de destacar?

Anfitriã: Não, estou cansada, não sei. Não sei, olha, voltamos ao início, sabes? Porque aquela coisa que eu dizia que eu tenho uma relação amor e ódio. Eu adoro fotografia muito. Adoro vídeo, sabes, adoro pessoas, histórias bonitas. Então, às vezes, quando ando mais bem-disposta, que eu agora ainda não estou curada aqui, se calhar, de um esgotamentozinho que ainda não passou, um pós covid, um pós muita coisa. Pronto, e então eu acho que depois vou voltar às redes sociais e vou com peso e medida. Não sou daquelas que estou ali não. Mas gostava de um dia... não é de me isolar, sabes, mas gostava de não fazer parte deste mundo. Mas também não tenho a certeza, então não te sei dizer muito bem. Porque eu fico, por exemplo, o Facebook, o meu pessoal, eu já não uso há dois anos. Fiz um post este ano, mas... então eu fico sempre às vezes no Facebook pessoal, não tenho nada pra dizer. A não ser que eu comece outra vez a escrever, Como eu parei de escrever agora, então se calhar se começar outra vez a escrever e a fazer coisas interessantes que eu ache que possa partilhar, Ok? Porque não vou partilhar estrangeiros se estou gira, se tô magra, estou gorda. Ou que é que eu vou comer? Isso nunca, percebes? Mas quando há coisas que, quando tu tens um trabalho, és um escritor ou tem um albergue, talvez se justifique porque há pessoas que gostam de seguir as suas coisas, percebes? E é isso.

Entrevistadora: Tá bom. Muito obrigada!

Anfitriã: De nada.

Anexo 3 Grelha de Observação – Alojamentos

Em relação a espaços - privados (quartos) e sociais (halls, áreas comuns, cafés)

» Fotografias de objetos

Arquitectura	• Antigo / novo • Reformulado • Áreas? Sociais, privadas	
Mobiliário	Social? (sofás em situação de conversa)	
Ambiência	Velas, antiguidades Sons: música?, sons naturais?, notícias?	
Acessórios	Livros? Que tipo de livros Jogos de tabuleiro	
Media	• vinyl? / retro? Onde estão localizados	
Avisos / convites	Posters? (falem uns com os outros)	
Conectividade	QR Codes Guias em papel? Cartazes? Ou tudo digital?	
Cores		
Alvos visados	Idade, classe, género?	
Valores promovidos	<i>Exploração / conquista</i> <i>Introspecção / meditação</i>	

Em relação a **atividades**

Tempo	Qual é o ritmo do dia? / o que acontece ao longo do dia?
Diferenças	Idade, classe, género?

Desenhos de planos / mapas dos albergues

Anexo 4 Consentimento Informado



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



atmospheres
of dis/connection

Pedido de participação no projeto de investigação *On&Off*

Convidamo-la/o a dar-nos o seu consentimento para participar no projeto de investigação *On&Off*.

Contexto e objetivo

Este projeto explora os dilemas do uso de tecnologias digitais atuais e o modo como estas são experienciadas no dia-a-dia das pessoas. O projeto visa estudar as tensões entre a necessidade de conexão digital e o desejo de desligar, focando-se em diferentes aspectos da vida quotidiana. Entre eles, o projeto pretende estudar práticas de peregrinação no contexto do Caminho de Santiago e Fátima. O projeto é coordenado pelo Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias da Universidade Lusófona, e é financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2022.01282.PTDC). Mais informação sobre o projeto *On&Off* pode ser consultada em <https://cicant.ulusofona.pt/research/projects/668-on-off-atmospheres-of-dis-connection>

O que implica a participação no estudo?

A sua participação no projeto assentará na partilha de experiências profissionais relativas ao turismo ligado à peregrinação. Um dos membros do projeto irá entrevistá-la/o pessoalmente; a entrevista durará uma estimativa de entre 30 e 60 minutos, e será feita consoante a sua conveniência. Será feita uma gravação de áudio da entrevista, com finalidade de transcrição. A gravação será armazenada num sistema seguro do CICANT e não será partilhada publicamente.

O que acontecerá às suas informações pessoais?

Todos os dados pessoais serão tratados confidencialmente. Só a equipa do projeto tem acesso aos dados pessoais.

A participação no projeto inclui o seu nome, bem como a organização e o cargo nas publicações científicas do projeto, se relevante.

Participação voluntária

A participação no estudo é voluntária e pode, a qualquer momento, anular o seu consentimento sem dar nenhuma justificação, tendo apenas de contactar qualquer investigador do projeto. Se preferir sair do estudo, todas as informações que lhe digam respeito serão removidas do estudo, a menos que já tenham sido incluídas em publicações do projeto.

Onde posso obter mais informações?

Se tiver alguma dúvida sobre o estudo, contacte o CICANT, ao cuidado de Ana Jorge, pelo e-mail: ana.jorge@ulusofona.pt

Consentimento para participar no estudo

Recebi informações sobre o estudo e estou disposta/o a participar, concordando em ser entrevistada/o e em fornecer informações que serão utilizadas em publicações do projeto de investigação *On&Off* e por investigadores que fazem parte do projeto.

Nome: _____

Assinatura:

Data _____

Anexo 5 Compostela obtida ao final da peregrinação



Capitulum huius
Almae Apostolicae
et Metropolitanae Ecclesiae
Compostellanae, sigilli Altaris
Beati Iacobi Apostoli custos, ut
omnibus Fidelibus et Peregrinis ex toto terrarum
Orbe, devotionis affectu vel voti causa, ad limina
SANCTI IACOBI, Apostoli Nostri, Hispaniarum
Patroni et Tutelarum convenientibus, authenticas
visitationis litteras expediat, omnibus et singulis
praesentes inspecturis, notum facit: *Dominam*
Ednam Gonçalves Das Santos
hoc sacratissimum templum, perfecto Itinere
sive pedibus sive equitando post postrema centum
milia metrorum, birota vero post ducenta, pietatis
causa, devote visitasse. In quorum fidem praesentes
litteras, sigillo eiusdem Sanctae Ecclesiae munitas,
ei confert.

Compostellae die 10 mensis *Maii* Anno Sancto Dni 2023



José Fernández Lago
Decanus S.A.M.E. Cathedralis Compostellanae



Códice Calixtino

Breviario de Miranda, siglo XV